



UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

CARLA DANIELLA TEIXEIRA GIRARD

**A PLATAFORMIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS: UMA ANÁLISE DAS
PLATAFORMAS MINHA BIBLIOTECA E *PEARSON HIGHER EDUCATION***

CANOAS, RS

2024

CARLA DANIELLA TEIXEIRA GIRARD

**A PLATAFORMIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS: UMA ANÁLISE DAS
PLATAFORMAS MINHA BIBLIOTECA E *PEARSON HIGHER EDUCATION***

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Campus Canoas (RS), como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof^o. Dr. Edgar Roberto Kirchof.
Coorientador: Prof^o. Dr. Augusto Russini.

Linha de Pesquisa: Currículo, Ciências e Tecnologias.

CANOAS, RS

2024

CIP - Catalogação na Publicação

G517p Girard, Carla Daniella Teixeira

A plataformização das bibliotecas: uma análise das plataformas Minha Biblioteca e *Pearson Higher Education*/ Jucimara Braga Alves. Canoas, RS, 2024.

167 p.; il.

Tese de Doutorado em Educação. – Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 2024.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Roberto Kirchof.

1. Plataformas digitais. 2. Bibliotecas digitais. 3. Solucionismo tecnológico. 4. Big Techs. 5. Kirchof, Edgar Roberto, *orient.* 6. Russini, Augusto, *coorient.* I. Título.

CDD 025.04

CARLA DANIELLA TEIXEIRA GIRARD

**A PLATAFORMIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS: UMA ANÁLISE DAS
PLATAFORMAS MINHA BIBLIOTECA E *PEARSON HIGHER EDUCATION***

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Campus Canoas (RS), como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação, sob Orientação do Profº. Dr. Edgar Roberto Kirchof e Coorientação do Profº. Dr. Augusto Russini, na Linha de Pesquisa: Currículo, Ciências e Tecnologias.

-

Profº. Dr. Edgar Roberto Kirchof – Orientador
Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)

Profº. Dr. Augusto Russini – Coorientador
Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)

Profº. Dr. Rodrigo Lemos Simões – Membro Interno
Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)

Profº. Dra. Bianca Salazar Guizzo – Membro Externo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profº. Dra. Carine Bueira Loureiro – Membro Externo
Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRGS)

A Deus, pais e irmãs, em especial, a minha vizinha que partiu, Iliete Moreira.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me concedido sabedoria para conclusão de mais um sonho que é a constituição desta tese e do título de Doutora em Educação.

Aos meus familiares que sempre estiveram na torcida para o meu sucesso.

Ao meu esposo que esteve comigo nesta caminhada, tendo paciência em todo este processo.

Ao meu orientador, Prof^o. Dr. Edgar Roberto Kirchof, por estar comigo até o final da caminhada do doutorado, pelo acolhimento e ensinamentos grandiosos na área dos Estudos Culturais (EC).

Ao meu Coorientador, Prof^o. Dr. Augusto Russini, que me auxiliou juntamente com o Professor Edgar com os conhecimentos repassados e segurou na minha mão quando mais precisei.

As professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (PPGEDU-ULBRA) que apresentaram os EC de forma magnífica!

Aos meus colegas de turma que compartilharam comigo esta experiência extraordinária.

Toda biblioteca dissimula uma concepção implícita da cultura, do saber e da memória, bem como da função que lhes cabe na sociedade de seu tempo. É verdade também que a história da cultura e da relação com a memória reside, em grande parte, na subversão dessas regras, desses recortes, desses limites, e na invenção de novas ligações, de novos lugares de saber (JACOB, 2000, p. 10).

RESUMO

O solucionismo tecnológico promove a perspectiva de que os problemas da sociedade serão resolvidos por meio da aplicação de tecnologias inovadoras. Este discurso também está presente no campo educacional. As plataformas digitais de livros, como a Minha Biblioteca e a *Pearson*, investem em discursos que promovem as tecnologias como salvadoras da qualidade dos seus acervos, como capazes de promover uma aprendizagem personalizada, proporcionar formas diferentes de leitura e outras práticas que contribuem para a melhoria da qualidade das IES. Assim, nesta tese, o objetivo é analisar, sob a perspectiva dos EC, como as plataformas digitais Minha Biblioteca e *Pearson Higher Education* promovem o discurso do solucionismo tecnológico para o campo da educação. Os objetivos específicos da pesquisa, por sua vez, são apresentar um panorama da história da escrita, do livro e das bibliotecas; relacionar as bibliotecas com o conceito de artefato cultural; apresentar as discussões sobre plataformização e sua teoria; evidenciar os principais discursos sobre solucionismo tecnológico evidentes na plataforma Minha Biblioteca e *Pearson Higher Education*. Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa e foi realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica e com análise do material empírico constituído por capturas de tela nas duas plataformas, totalizando 303 telas. A fundamentação teórica é constituída em dois pilares. O primeiro é relacionado à escrita, ao livro e à biblioteca, com autores como Fisher (2009), Garcez (2002), Ramos (2010), Barbosa (2013), Pozzer (1999), Higounet (2003), Escarpit (1976), Barbier (2018), Manguel (2006; 2004), Chartier (1998). O segundo é relacionado aos estudos sobre plataformização, principalmente Van Dijck, Poell e Waal (2018), Poell, Nieborg e Van Dijck (2020), e Rivas (2021). Com base nas análises, foi possível concluir que os discursos reproduzidos pelas plataformas digitais estão relacionados com o solucionismo tecnológico.

Palavras-chave: Plataformas digitais. Bibliotecas digitais. Solucionismo tecnológico. *Big Techs*.

ABSTRACT

Technological solver builds the worldview that all the society's problematic can be resolved through the access and use of innovative Technologies and in education, and scholar field this thought is also applied. The digital book platforms, as 'Minha Biblioteca' and 'Pearson Higher Education' has been investing in discourses that figure the technologies as saviors, that includes the quality of their collections, as well as capable of promoting personalized learning and providing different ways of reading and other practices that contribute to improvement quality of higher education institution – HEI. Thus, the thesis' objective is to analyze through the Cultural Studies' perspective, the digital platforms 'Minha Biblioteca' and 'Pearson - Higher Education' in the face of Technological solver in the education and scholar field. The research's specific objectives are, to present the books and libraries' history; to relate libraries to the concept of cultural artifact; to present theoretical discussions about platformization and to highlight the main discourses about Technological solver evident on the 'Minha Biblioteca' and 'Pearson - Higher Education platforms'. Methodologically, the research is qualitative through bibliographic research and analysis of empirical content consisting of screenshots set take from the 'Minha Biblioteca' and 'Pearson - Higher Education platforms', totaling 303 screens. The theoretical foundation consists of two pillars, one related to writing, books and libraries with authors such as Fisher (2009), Garcez (2002), Ramos (2010), Barbosa (2013), Pozzer (1999), Higounet (2003), Escarpit (1976), Barbier (2018), Manguel (2006; 2004), Chartier (1998) and, on the library from a cultural perspective, addressing platformization, there are authors Vries (2005); Hall (1997, 2006, 2016); DuGay et al. (1997); Van Dijck, Poell and Waal (2018), Poell, Nieborg and Van Dijck (2020), Van Dijck, Poell and Waal (2018) and Rivas (2021). Based on the analyses, it is inferred that the speeches reproduced by digital platforms are related to Technological solver.

Keywords: Digital platforms. Digital libraries. Technological solver. Big Techs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Plataforma Minha Biblioteca.....	25
Figura 2- Plataforma <i>Pearson Higher Education</i>	26
Figura 3 – Escrita cuneiforme.....	30
Figura 4 – Livro em papiro.....	37
Figura 5 – Livro em pergaminho.....	38
Figura 6 – Códex.	39
Figura 7 – Biblioteca de Alexandria.	46
Figura 8 – Bibliotecas Medievais.	53
Figura 9 - Circuito da cultura de Paul Du Gay.	67
Figura 10 – <i>Scriptorium</i>	69
Figura 11 - Biblioteca de Zutphen, século XVI, Holanda. Uma das três bibliotecas com livros acorrentados que ainda existem na Europa.	70
Figura 12 - Biblioteca da Abadia de Admont, construída em 1776, na Áustria.....,,,,,,	72
Figura 13 - Biblioteca Marciana de Veneza, construída em 1564, uma das maiores da Itália.	73
Figura 14 - Biblioteca Medicea Laurenziana fica anexa à Basílica de San Lorenzo.....	74
Figura 15 - <i>Uber</i> ou <i>Lyft</i>	76
Figura 16 – Site Airbnb.	77
Figura 17 – Representação de aprendizagem na <i>Altschool</i>	88
Figura 18 – Site do <i>Mooc</i>	89
Figura 19 - Página principal da Plataforma Minha Biblioteca.....	92
Figura 20 - Instituições clientes da Plataforma Minha Biblioteca.	93
Figura 21 – A Tela de acesso à plataforma Minha Biblioteca.	94
Figura 22 - Editoras e selos editoriais da Plataforma Minha Biblioteca.	95
Figura 23 – Plataforma Minha Biblioteca.	98
Figura 24 – Plataforma <i>Pearson Higher Education</i>	99
Figura 25 - Apresentação da notícia dos <i>e-books</i> acadêmicos.....	103
Figura 26- Composição do Acervo da plataforma Minha Biblioteca.....	103
Figura 27 – Autorrepresentação da Minha Biblioteca.....	104

Figura 28 - Áreas disponíveis no acervo.....	104
Figura 29 - Quantitativo de acervo da plataforma.....	105
Figura 30 – Acesso aos <i>e-books</i>	106
Figura 31 - Principais funcionalidades da plataforma.....	106
Figura 32 – Acesso ilimitado a livros na plataforma.....	107
Figura 33 - Busca personalizada na plataforma.....	107
Figura 34 - Funcionalidade da plataforma.....	108
Figura 35 - Anotações e realces na leitura.....	109
Figura 36 - Ensinando as formas de navegação na plataforma.....	109
Figura 37 - Marcadores de páginas para utilização na leitura digital.....	110
Figura 38 – Diversidade de recursos.....	111
Figura 39 – Recurso de cartões de estudo.....	112
Figura 40 – Modelo prático da utilização dos cartões de estudo em aulas remotas.....	113
Figura 41 – Indicação de palavras para complementação do texto.....	114
Figura 42 – Mecanismos de leitura.....	115
Figura 43 – Outras ferramentas de leitura.....	116
Figura 44 - A plataforma se representa como a mais completa, acessível e intuitiva.....	117
Figura 45 – Acessibilidade na plataforma.....	117
Figura 46 - Vantagem em aderir a plataforma.....	118
Figura 47 – Personalização de estudo por meio da leitura.....	118
Figura 48 – Adaptabilidade e Personalização da leitura.....	119
Figura 49 – Mecanismos de leitura acessível.....	120
Figura 50 – Outras funções da Biblioteca Virtual.....	121
Figura 51 – Parceria da Pearson com a <i>Brightspace</i>	122
Figura 52 – Parceria da Pearson com a <i>Credly</i>	123
Figura 53 – Parceria da Pearson com a <i>Certiport</i>	124
Figura 54 - Motivos para IES aderir a plataforma.....	125
Figura 55 - Ensinando a IES na preparação das avaliações do MEC.....	126
Figura 56 - A plataforma ensina a IES a se preparar para o MEC.....	126
Figura 57 - Etapas de procedimentos e benefícios das bibliotecas para o MEC.....	127

Figura 58 - Solucionismo de modernidade para a IES quanto às bibliotecas digitais.....	128
Figura 59 - A plataforma se representa como a mais completa, acessível e intuitiva.....	129
Figura 60 - UniBrasil expõe sobre a aquisição da plataforma.....	130
Figura 61 - UFU expõe sobre a aquisição da Minha Biblioteca.....	131
Figura 62 - UNB adere a plataforma.....	132
Figura 63 – A plataforma se apresenta como uma biblioteca virtual que visa o MEC.....	133
Figura 64 – A plataforma apresenta informações sobre as avaliações institucionais para os gestores da IES, inclusive bibliotecários.....	134
Figura 65 – A plataforma dispõe de usabilidade gratuita por um mês para gestores.....	135
Figura 66 – A plataforma tem como cliente a Unifasf.....	136
Figura 67 – A plataforma é adquirida pela USP.....	137
Figura 68 – A plataforma apresenta seis diferenciais.....	138
Figura 69 – A plataforma apresenta soluções para a educação relacionadas ao Ensino Superior.....	139
Figura 70 – A plataforma dispõe de informações visando auxiliar seus clientes em soluções para idiomas e profissionais.....	140
Figura 71 – A plataforma apresenta disciplinas Pearson visando complemento para a IES do cliente.....	141
Figura 72 – Capacitação profissional com a <i>Credly</i>	142
Figura 73 - Catálogo de clientes.....	144
Figura 74 - Narrativas de clientes que aderiram à plataforma.....	145
Figura 75 – Justificativa de fazer parte da plataforma.....	146
Figura 76 - Benefícios para a IES em aderir a plataforma.....	147
Figura 77 - Formas de vantagens econômicas.....	148
Figura 78 – Justificativa de aderência da plataforma <i>Pearson</i>	149
Figura 79 – A Plataforma <i>Pearson</i> demonstra que combate a evasão escolar.....	149
Figura 80 – A Plataforma <i>Minha Biblioteca</i> demonstra solução para a evasão escolar.....	150

Figura 81 - Biblioteca digital para empresas.....	150
Figura 82 – A plataforma demonstra o baixo investimento em aderir-lá.....	151
Figura 83 - Vantagem em aderir à plataforma.....	151

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
APA - *American Psychological Association*
AVA – Ambientes Virtuais de Aprendizagem
BDTA – Biblioteca Digital de trabalhos Acadêmicos
CCCS - *Center for Contemporary Cultural Studies*
EC – Estudos Culturais
E-PUB - Electronic Publication
HTML - *Hyper Text Markup Language*
IES – Instituição de Ensino Superior
IPAMB - Instituto de Previdência dos Servidores Públicos do Município de Belém
ISO - *International Organization for Standardization*
MARC - *Format for Bibliographic Data*
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PCN's – Parâmetros das Diretrizes Nacionais Curriculares
PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PPP – Projeto Político Pedagógico
REDETECA – Rede de Bibliotecas da UFRA
RIUFRA – Repositório Institucional da Universidade Federal Rural da Amazônia
SRV – Serviço de Referência Virtual
SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades de Atividades Acadêmicas
TICs – Tecnologia da Informação e Comunicação
PDF - *Adobe Portable Document Format*
UEPA – Universidade do Estado do Pará
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFU - Universidade Federal de Uberlândia
UNB – Universidade de Brasília
UNIBRASIL - UniBrasil Centro Universitário
UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco
ULBRA – Universidade Luterana do Brasil
UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFRA - Universidade Federal Rural da Amazônia

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRPE - Universidade Federal Rural do Pernambuco

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 DA ESCRITA AO LIVRO, DO LIVRO ÀS BIBLIOTECAS	29
2.1 A escrita	29
2.2 O livro	34
2.3 As bibliotecas	44
2.4 A biblioteca digital	58
3 PENSANDO A BIBLIOTECA EM UMA PERSPECTIVA CULTURAL	63
3.1 A plataformização	75
3.1.1 Apresentação da teoria da plataformização	75
3.1.2 Breve histórico	82
3.2 Setores da Sociedade Plataformizados, com ênfase no setor educacional	85
4 APRESENTANDO O MATERIAL EMPÍRICO	92
4.1 Plataforma digital - Minha Biblioteca	92
4.2 Plataforma <i>Pearson Higher Education</i>	96
5 SOLUCIONISMO TECNOLÓGICO NO ÂMBITO PEDAGÓGICO, INSTITUCIONAL E COMERCIAL	98
5.1 Solucionismo pedagógico	101
5.2 Solucionismo institucional	124
5.3 Solucionismo comercial	142
6 REFLEXÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	158

1 INTRODUÇÃO

A constituição da tese terá como foco as plataformas digitais voltadas às bibliotecas que em muitos contextos são compreendidas como bibliotecas digitais, porém, antes de abordar sobre ele, torna-se relevante apresentar meu memorial. Sendo assim, meu lugar de fala e minha trajetória de vida estão marcados por diversos percursos e diferentes experiências, vivências, descobertas, inseguranças, medos, conflitos, dentre outros sentimentos que me acompanham e inspiram a construção da minha vida pessoal e profissional. Meu percurso inicia na infância, no primeiro contato com a escola, ao adentrar no processo da leitura e escrita no Ensino Fundamental. Além disso, tinha uma avó, professora de Língua Portuguesa, que deu suporte nesse processo inicial do mundo das letras e me fez compreender o quanto sempre gostei de escrever, ler, ter contato com os livros e ir às bibliotecas, que inclusive antes da consecução da entrega final desta tese, veio a falecer.

Durante a escola, as atividades eram repassadas pelos professores. Por isso, eventualmente, eu e minhas colegas nos organizávamos para ir ao espaço da biblioteca, pois era perto de minha casa e da própria escola. Existia uma onde sempre nos reuníamos para estudar e realizar nossas tarefas. Porém ela já foi desativada há anos, o que me causou tristeza, quando soube do ocorrido. Era localizada no Instituto de Previdência dos Servidores Públicos do Município de Belém (IPAMB). Eu recordo que íamos lá todas as tardes e tínhamos que chegar cedo, pois o espaço estava sempre cheio. Contudo, do que mais me recordo em relação a esse espaço de aprendizagem é a bibliotecária, sempre prestativa para nos atender, além de manter a organização dos espaços para estudo em grupo e individual e nos proporcionar contato com o acervo, o qual era de acesso livre às estantes. Isso fazia com que eu tivesse sempre o toque do livro físico e sentisse o seu cheiro.

Depois da sua desativação, ficou complicado ir a uma biblioteca. Apesar disso, a busca incessante por conhecimento sempre me motivou a buscar mais. Por volta dos 17 anos de idade, tive que escolher uma carreira a seguir, que era a minha fase adulta. Ao prestar vestibular, precisava escolher uma profissão. Assim, optei pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi então que, pesquisando no anuário do Guia dos Estudantes e fazendo testes vocacionais, apareceram várias carreiras que se enquadraram no meu perfil. Uma delas era a Biblioteconomia. Fiquei com muita dúvida, porque sempre fui bastante dinâmica e achei que a Biblioteconomia permitiria

atuar apenas em bibliotecas. Além disso, a visão que se tem delas no senso comum é de um ambiente em que opera o silêncio e um lugar de fala com foco nos estudos e talvez um espaço para armazenamento de materiais. Minha mãe tinha uma conhecida que era bibliotecária e sempre acompanhava o meu gosto pela leitura. Ela me convenceu a entrar na Biblioteconomia e fui aprovada em 10^o lugar no vestibular da UFPA.

Ingressei em 2005 no Curso de Bacharelado em Biblioteconomia, em Belém – Pará. Na época, tinha apenas 18 anos, com muitas incertezas, sem saber ao certo o que o futuro me reservava pessoalmente e profissionalmente. Diversos foram os desafios. Um deles é que a área exige se debruçar de forma significativa na prática da leitura e recuperação dos livros de forma técnica para compor o acervo das bibliotecas, o que me fez conhecer outro universo, apesar de já gostar muito de escrever histórias na infância e de ter um hábito razoável de leitura. Identifiquei, portanto, que o universo acadêmico era bem diferenciado se comparado ao Ensino Médio.

O Curso de Biblioteconomia me desafiou a realizar atividades como conhecer mais sobre Sociologia, Filosofia, Lógica, História, História das Bibliotecas no Brasil e no mundo, Português Instrumental, Inglês Instrumental, dentre outras disciplinas, atividades, eventos, trocas de experiências em estágios e contato com diversos profissionais da área, os quais fizeram com que, a cada obstáculo vencido, eu me sentisse realizada e feliz. Então fui percebendo o que estava à minha volta. Na época, não tinha noção da formação identitária da profissional bibliotecária que me tornaria hoje. Acreditava que, depois da Biblioteconomia, iria cursar de fato a profissão que pretendia, o jornalismo. Porém, o tempo foi passando e percebi que estava no caminho certo. Meu sonho era aquele momento. Todavia, o que me fez decidir permanecer na Biblioteconomia foi a primeira disciplina que tive, chamada História do Livro e das Bibliotecas, a qual inspira o próximo capítulo desta tese. Nessa disciplina, fiquei maravilhada com a constituição cultural dos livros e das bibliotecas em cada sociedade, de acordo com suas práticas sociais vigentes.

Atualmente, sou bibliotecária e tenho muito orgulho disso, apesar de todos os dias termos dificuldades enquanto profissionais. Esse cenário está presente em todas as profissões, mas principalmente em nosso país, profissionais qual nós, Bibliotecários, não temos o reconhecimento merecido por nosso trabalho. Por outro

lado, ao perceber que se contribui a cada dia com a carreira seguida, é possível se sentir realizada e com o sentimento de dever cumprido.

Em 2010, iniciei meu primeiro trabalho como bibliotecária em um Colégio na cidade de Belém. Atuei na Biblioteca Escolar e desenvolvi a atividade de serviço de referência, que consiste em atendimento ao usuário, cadastro e treinamento do usuário, organização do acervo, empréstimos, devoluções. Além disso, também exercia atividades ligadas a projetos educacionais, principalmente culturais, e que envolviam o incentivo à leitura com os alunos da escola.

Nesse mesmo ano, passei em um concurso público na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), no município de Oriximiná, no estado do Pará, indo posteriormente residir nesta localidade. Fui, assim, a primeira bibliotecária desse Campus e, quando cheguei lá, havia o espaço, mas não a dinamicidade que o profissional bibliotecário demanda, enquanto agente disseminador de informação e cultura. Desempenhei atividade de Serviço de Referência - organização do acervo, cadastro do usuário, empréstimo, devolução, treinamento de usuário com cursos de normalização de trabalhos acadêmicos, segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), dentre outros -. Além disso, também atuei no setor de Processamento Técnico (indexação de material bibliográfico, elaboração de ficha catalográfica, inserção de obras no Sistema Integrado de Gestão de Atividades de Atividades Acadêmicas (SIGAA - Módulo Biblioteca). E desenvolvi extensão universitária, através de ações culturais com o projeto de incentivo à leitura denominado “Bibliocine”, atuando como vice-coordenadora. Este projeto tinha como proposta levar a leitura aos diversos interiores do Oeste do Pará que possuíam o Campus da UFOPA, com a finalidade de estreitar os laços entre a universidade, a Biblioteca e a comunidade local.

Em janeiro de 2011, concluí o Curso de Especialização em Docência da Educação Superior em período modular, pelo Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA) – Belém, um passo a mais na minha carreira. Foi um momento de crescimento e troca de experiências fantásticas com diversos professores e, principalmente, com colegas de sala de várias áreas do conhecimento, os quais me ajudaram a superar várias barreiras, como a insegurança em realizar apresentações em público. Realmente, nesse curso, senti-me muito realizada.

Além do mais, aprimorei atividades para melhorar meus cursos e treinamentos na biblioteca e em sala de aula, trazendo metodologias para os alunos da Instituição de Ensino Superior (IES), visualizando a biblioteca como um espaço de aprendizagem. Sendo assim, no meu trabalho final, associei as duas áreas de que gosto para concluir a especialização: Biblioteconomia e Educação. Por isso, o trabalho teve como título “*A importância da biblioteca universitária como mediadora do processo de ensino-aprendizagem na educação superior: um estudo de caso da Biblioteca Paulo Freire da UEPA*”. Tendo em vista esse contexto, também quero associar a Biblioteconomia e a Educação nesta tese, pois são duas áreas que formam a minha identidade profissional.

Em março de 2014, ingressei no Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa. A partir do Mestrado, mais um sonho foi concretizado: passei a ter contatos com uma excelente equipe de professores, o que me incentivou e possibilitou o aprofundamento de meus conhecimentos. Toda essa experiência e vivência em João Pessoa resultou em minha dissertação, intitulada: “*Memória e produção científica: a relação entre a coleção arqueológica e a produção acadêmica dos arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)*”, com orientação do Prof.º Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto.

Em 2017, passei em outro concurso, agora atuando na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), no município de Paragominas, onde exerci as seguintes atividades: Serviço de Referência e Processamento técnico (indexação de material bibliográfico, elaboração de ficha catalográfica, orientação quanto à normalização de trabalhos acadêmicos segundo as normas da ABNT, organização do acervo, atendimento de referência, empréstimo e devolução, orientação aos usuários quanto à pesquisa, atendimento de referência), cursos e palestras. Além do mais, desempenhei atividades ligadas a questões administrativas das Bibliotecas, além de ser Coordenadora de projeto de incentivo à leitura, denominado “Cine Mais Biblio”, que atuou na extensão universitária por meio da utilização de recursos audiovisuais promovendo a leitura através de temáticas sociais. Também fui coordenadora do Projeto Momentos Biblio, o qual promoveu o debate sobre diversas temáticas, tais como o ensino híbrido, educação especial e outras de forma remota, visando o conhecimento e a promoção da informação.

Em 2020, participei da seleção de Doutorado em Educação na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), na linha de EC em Educação. Recordo-me que os textos

expostos na seleção foram bastante instigantes no sentido de conhecer mais sobre a linha de pesquisa, os conceitos trabalhados pelo circuito da cultura e os diversos processos de aprendizagens que podem ocorrer não apenas no ambiente escolar, mas também fora dele, como nas bibliotecas. Um texto em especial, das autoras Paula Deporte de Andrade e Marisa Vorraber Costa, com o título *Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação*, publicado em 2015, chamou bastante atenção, principalmente com o conceito das pedagogias culturais, em que as bibliotecas — assim como os filmes, jornais, revistas, videogames e outros — são considerados “locais pedagógicos”.

Após efetuar minha matrícula me desloquei até a cidade de Canoas (RS), para assistir às primeiras disciplinas: EC I e Pesquisa em Educação, as quais foram fundamentais para compreender uma nova perspectiva frente à educação e verificar o quão amplo é adentrar nos Estudos Culturais, pois é um campo formado por “saberes nômades, polimórficos, transgressivos, antropofágicos e plurais, pode-se afirmar que eles também são marcados pela marginalidade” (Bonin *et al.*, 2020, p. 2).

Foi então que optei por mudar a proposta do meu estudo. Naquela fase, quis discorrer sobre as *fake News*, pois, ao mesmo tempo em que me via motivada a falar de bibliotecas, gostaria de estudar sobre o cenário midiático atual. Porém, veio a pandemia do Covid-19 e muitas incertezas foram evidenciadas, inclusive tive a perda do meu primeiro orientador, e as disciplinas começaram a ser ministradas de forma remota, já que, por questões de protocolos, não poderíamos aglomerar.

A partir disso, ganhei um novo orientador. Em nossa primeira conversa, ele pontuou a minha profissão e mencionou seus estudos referentes às bibliotecas digitais, o que me motivou ainda mais nos EC. A partir de várias orientações, chegou-se então à proposta deste estudo, que pretende investigar as plataformas digitais de livros, em especial, Minha Biblioteca e *Pearson Highter Education* sob um ponto de vista cultural voltado ao solucionismo tecnológico. Porém, na qualificação o projeto tinha como material empírico a Revista Ciência da Informação e a Plataforma Minha Biblioteca, o que foi analisado ser mais contundente expor sobre as plataformas digitais voltadas às bibliotecas.

O olhar dos EC me fez refletir e procurar ressignificar meu ambiente de trabalho. No contexto da pandemia, eu e as outras bibliotecárias da Rede de Bibliotecas da UFRA (Redeteca) buscamos formas de não deixar o usuário sem a informação, atendendo às suas necessidades sem interrupção. Por isso, a nossa

equipe de bibliotecários instituiu o Serviço de Referência Virtual (SRV), a fim de realizar processos de compras de Bibliotecas Digitais de caráter comercial e, até mesmo, a incorporação de bibliotecas digitais de acesso livre. Exerci a coordenação da Redeteca, no período de setembro de 2021 a 20 de novembro de 2022.

Os EC são um campo muito rico para pesquisadores interessados em temáticas que busquem mudança social. O coração e a alma dos EC se definem pelos modos como as pedagogias nos permitem articular o pensamento e a mudança sociopolítica - nas salas de aula, nas artes, nas culturas populares e na mídia de massa, em todo tipo de conversações, como em um espaço de aprendizagem, uma biblioteca (Grossberg, 2009). O objetivo dos EC como um Projeto Pedagógico é atuar como prática de um tipo particular de conversação, que é sempre múltipla, complexa, fluída e contínua, a qual busca não o consenso, mas uma dissensual unidade na diferença, que demanda um melhor entendimento do que está acontecendo e permite (construir) melhores histórias acerca de como saímos desse lugar, elucidando as possibilidades de forjar formas de cooperação estratégica com o objetivo de caminhar em direção a algo mais humano (Grossberg, 2009).

No que diz respeito à Educação, a articulação com os EC se valeu de estudos provindos de áreas como a Antropologia, a Sociologia, a Comunicação, a Literatura, entre outras disciplinas, assumindo relevância por problematizar – inspirado por textos, conceitos e autores vinculados à teoria crítica, ao pós-estruturalismo e aos EC – alguns dos pressupostos das vertentes teóricas até então dominantes no campo da Educação.

Diante dessa conjuntura, tive meu primeiro contato com as bibliotecas digitais sob um olhar cultural. Enfatizo a importância assumida por este estudo em relação à minha formação acadêmica e profissional, haja vista que esta pesquisa tem a preocupação de refletir criticamente sobre a articulação entre duas áreas, conforme já mencionado..

Diante desse cenário, contextualizo esta temática ao demonstrar que a sociedade contemporânea tem passado por uma série de transformações, em diversos ambientes, como o social, o tecnológico e o educacional. Ademais, entende-se que os reflexos acarretados pelas tecnologias digitais e o emprego intensificado dos ambientes *web* evidenciam uma promoção transformadora, essencial na sociedade em sua totalidade, que insere sujeitos e instituições, dos mais distintos segmentos sociais.

No âmbito específico das bibliotecas, do livro e da leitura, a adesão às tecnologias digitais representou uma grande reviravolta nas tradicionais práticas bibliotecárias realizadas nessas instituições no decorrer dos tempos. A transição do século XX para o XXI foi assinalada por debates, previsões e controvérsias inerentes à Biblioteca Digital, conseqüentemente as plataformas de livros. Nesse sentido, emergiram novos espaços de aprendizagem, os quais, diante de um cenário da Covid-19, parecem ter passado por uma expansão considerável, pois, a cada momento, vêm se desenvolvendo e fortalecendo como uma prática social associada à busca de informações.

Nesse caminho, olhar para as Bibliotecas Digitais¹ sendo atualmente plataformas digitais² como uma tendência do tempo presente e do futuro foi um choque cultural bastante significativo. Cabe destacar que as bibliotecas físicas, com o advento das tecnologias digitais, passaram inicialmente por um processo de digitalização de seus acervos e, no momento, estão sendo submetidas a processos de plataformação. Nesse contexto, destacam-se as ações de alguns agentes sociais, principalmente, empresários e grupos corporativos, referente a plataformação. Nesta tese, procuro evidenciar que esses agentes produzem representações e discursos sobre as bibliotecas físicas e digitais, bem como sobre os papéis que elas devem ocupar na sociedade contemporânea, os quais se aproximam, em alguns aspectos, mas também se diferenciam fortemente em outros.

É importante destacar que o processo da digitalização dos acervos é considerado, segundo Rivas (2021) e outros pesquisadores do campo, como o primeiro passo na direção da plataformação das bibliotecas e do próprio campo educacional, pois uma vez que o artefato físico se torna um artefato digitalizado, como os livros, por exemplo, está apto a fazer parte da economia das plataformas, diminuindo-se os custos da sua produção, reprodução, e circulação, tendo em vista que um livro (produto), quando é digitalizado, torna-se "ubíquo, imediato, portátil". Além disso, uma vez plataformação, a biblioteca também pode ser usada comercialmente. A "digitalização quebra os limites do espaço e do tempo. [...]"

¹A biblioteca digital seria aquela que teria, além de seu catálogo, os textos dos documentos de seu acervo armazenados de forma digital, permitindo sua leitura na tela do monitor ou sua importação (*download*) para o disco rígido do computador (Pereira; Lima, 1999 *apud* Ohira, 2002).

² As plataformas digitais se apresentam como síntese da eficiência econômica agregada às ideias de inovações tecnológicas, mas desvelam um arranjo produtivo assentado na precariedade de um trabalho estruturado sob o ideário de um homem empreendedor de si mesmo (Dardot; Laval, 2016).

favorece o espelhamento e rompe com o formato uniforme de distribuição de conteúdo” (Rivas, 2021, p. 8). Neste sentido, quanto mais o processo de digitalização é intensificado, mais contribui para as transformações decorrentes desse processo. É o que ocorreu com as bibliotecas físicas - ou está ainda ocorrendo.

A digitalização dos acervos, teve início na década de 1990, como os projetos *Gutenberg*, *Gutenberg-e* e *Google (Google Book Search)* - os quais serão explicados ao longo desta tese – que contribuíram para o surgimento das assim chamadas bibliotecas digitais, as quais, hoje, estão sendo conformadas cada vez mais à lógica da plataformização. Na teorização adotada nesta pesquisa, a biblioteca digital é aquela que existe na forma digital, bem como poderá estar ligada a variadas maneiras de armazenagem, tais como as memórias eletrônicas, sejam discos magnéticos e óticos, de acordo com Marchiori (1997). A uma plataforma se define como uma arquitetura digital “programável projetada para organizar interações entre usuários - não apenas usuários finais, mas também entidades corporativas e órgãos públicos” (Rivas, 2021, p. 5). Na sociedade atual, há um movimento forte de migração dos serviços e das instituições para as infraestruturas de plataformas, e esse processo ocorre de maneira orgânica e interconectada, sendo estabelecidas novas ordens de governança comandadas por extração de dados e curadoria por algoritmos, estabelecendo-se, assim, um ecossistema de plataforma, que em sua essência tem na dataficação um dos seus pilares de funcionamento (Rivas, 2021).

A dataficação é um termo que se destaca na sociedade de plataforma como aquele que identifica o fenômeno social e o transforma em diferentes práticas culturais e sociais por meio dos dados *online* quantificados. Segundo Poell, Nieborg e Van Dijck (2020, p. 6), refere-se às “maneiras pelas quais as plataformas digitais transformam, em dados, práticas e processos que historicamente escaparam à quantificação”. No campo educacional, por exemplo, a dataficação é um fator preponderante de transformação da educação, modificando a lógica do currículo escolar e das universidades, promovendo a personalização ou customização da aprendizagem através de atividades automatizadas e pré-programadas com base nos dados coletados de cada usuário. A aprendizagem personalizada “significa que o sistema *online* se adapta às necessidades e habilidades de aprendizagem de cada aluno, para otimizar o desempenho individual e aumentar a motivação” (Van Dijck; Poell; Waal, 2018, p. 121).

A escolha pelas plataformas se justifica devido ao fato de estarem presentes, de forma recorrente, em inúmeras Bibliotecas de Universidade públicas e privadas. É importante destacar que cada biblioteca física, no universo das IES, paga pelo acesso a mais de uma biblioteca digital. Nesta pesquisa, por uma questão de delimitação, será analisada estas duas plataformas, citadas acima.

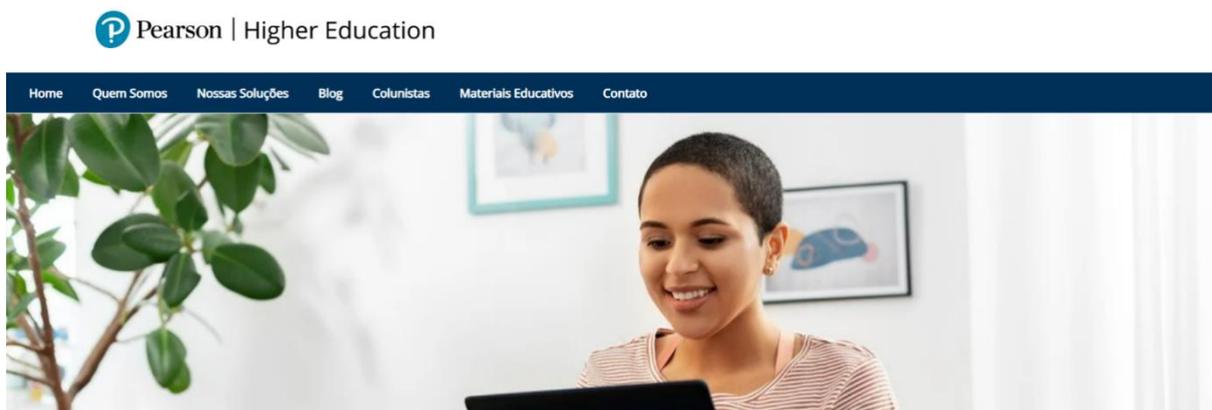
As capturas de tela, no total 303, das plataformas *Minha Biblioteca* e *Pearson Higher Education*, foram realizadas seguindo os seguintes critérios: (1) Solucionismo pedagógico; (2) Solucionismo institucional; e, (3) Solucionismo comercial. As figuras 1 e 2 apresentam a interface das respectivas plataformas.

Figura 1- Plataforma Minha Biblioteca.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 26 de maio de 2023.

Figura 2- Plataforma *Pearson Higher Education* .



Biblioteca Virtual Universitária Pearson Higher Education

A maior plataforma de e-books universitários e de formação profissional do país!

A Biblioteca Virtual da Pearson é uma **iniciativa pioneira** no mercado de livros digitais. Somos um acervo de títulos online e contamos com mais de **14 mil e-books** de diversas áreas do conhecimento, tais como Administração, Computação, Direito, Economia, Educação, Marketing

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/plataformas-de-aprendizagem/biblioteca-virtual>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

Diante desse contexto, o objetivo geral desta tese é analisar, sob a perspectiva dos EC, as plataformas digitais *Minha Biblioteca* e *Pearson Higher Education*. Os objetivos específicos da pesquisa, por sua vez, são apresentar um panorama da história da escrita, do livro e das bibliotecas; relacionar as bibliotecas com o conceito de artefato cultural; apresentar as discussões sobre plataformação e sua teoria; evidenciar como o discurso do solucionismo tecnológico está presente nas plataformas *Minha Biblioteca* e *Pearson Higher Education*.

A metodologia adotada nesta pesquisa é qualitativa e por meio da análise de material empírico, sendo este constituído pelas capturas de tela das plataformas *Minha Biblioteca* e *Pearson Higher Education*. A pesquisa qualitativa é aquela que investiga as conexões dos grupos sociais com o mundo e suas relações, estabelecendo o que Mineiro, Silva e Ferreira (2002) denominam como *modus operandi* da investigação, como também o contexto do sujeito e seu grupo, por meio de suas “crenças sobre o mundo, a sociedade, a ciência, as relações de poder, seu momento histórico, seu fazer científico, a natureza” (Mineiro; Silva; Ferreira, 2022, 207).

A fundamentação teórica, por sua vez, é constituída por quatro principais eixos: (1) história da escrita, do livro e das bibliotecas, tendo como principais referências Fisher (2009), Garcez (2002), Ramos (2010), Barbosa (2013), Pozzer

(1999), Higounet (2003), Escarpit (1976), Barbier (2018), Manguel (2006; 2004), Chartier (1998); (2) Pensando a biblioteca em uma perspectiva cultural, recorrendo aos estudos de Costa, Silveira e Sommer (2003); Vries (2005); Hall (1997, 2006, 2016); Du Gay *et al.* (1997); Milanese (1983); Wortmann (2001; 2017); Alves; Azevedo (2017); Crippa (2004); Verger (1999); e, Mayer-Schönberger e Cukier (2013); (3) os estudos de plataformização, com os autores Van Dijck, Poell e Waal (2018), Poell, Nieborg e Van Dijck (2020), Armstrong e Lonsdale (2011), Ribeiro e Ferreira (2016), Cordón (2011), Darton (2010) e Wachowicz e Virtuoso (2017); (4) Plataformização da educação, com autores como Van Dijck, Poell e Waal (2018), Rivas (2021), Rodrigues (2020), Subbian (2013) e Siemens (2013) e Paula (2022).

Esta tese está estruturada em cinco capítulos. Após esta introdução, trago o capítulo intitulado “*Da escrita ao livro, do livro às bibliotecas*”. Neste capítulo, primeiramente, discorro, de uma perspectiva histórica, sobre a escrita como um artefato relevante para a comunicação, pois se trata de uma das invenções mais importantes da história, na medida em que possibilitou que informações e conhecimentos fossem registrados e transmitidos de geração em geração. Em seguida, faço uma apresentação histórica do livro, desde a antiguidade até os dias atuais, marcado pelo surgimento da produção em massa de livros e pela criação de *e-books*. Por fim, também trago uma seção sobre o desenvolvimento histórico das bibliotecas.

No terceiro capítulo, “*Pensando a biblioteca em uma perspectiva cultural*”, tendo como base o campo dos EC, faço uma discussão acerca da percepção das bibliotecas como artefatos culturais. Também abordo questões voltadas à plataformização dentro do escopo das bibliotecas e como os mecanismos de plataforma (datificação, mercantilização e seleção) reconfiguram o funcionamento/ideia da instituição biblioteca.

No quarto capítulo, “*Apresentando o material empírico*”, apresento, em linhas gerais, as plataformas *Minha Biblioteca* e *Pearson Higher Education* e detalho os critérios de seleção do material empírico, que totalizaram 303 capturas de tela para concretizar o capítulo posterior.

No quinto capítulo, realizo as análises das capturas de telas selecionadas, de acordo com os critérios já explicitados; finalizo com algumas reflexões que o presente estudo viabiliza acerca da plataformização e demonstro as representações das bibliotecas digitais nas duas plataformas já citadas por meio de três perspectivas

voltadas ao solucionismo tecnológico, sendo eles: solucionismo pedagógico, institucional e comercial.

2 DA ESCRITA AO LIVRO, DO LIVRO À BIBLIOTECA

2.1 A escrita

A escrita é um artefato cultural que surgiu como um instrumento de comunicação complexo, pois se compõe de sinais (símbolos) para expressar ideias e pensamentos manifestados pelos sujeitos letrados. Possui significados diferentes nos diversos contextos culturais. É, ainda, um campo de representações produzidas, ora como ferramenta do “conhecimento humano (ciência), ora como agente cultural da sociedade (literatura), como meio de expressão democrático e de informação popular (imprensa), também como arte em si mesma (caligrafia)” (Fisher, 2009, p. 43). Por fim, uma “[...] construção social, coletiva, tanto na história humana como na história de cada indivíduo” (Garcez, 2002, p. 11).

Na pré-história, chamada fase pictográfica, as representações estão associadas a imagens, ou seja, “arranjos de objetos simbólicos ou de sinais materiais, nos entalhos e desenhos para a fixação da linguagem oral” (Reis, 2019, p. 11). Na China, por exemplo, os registros históricos revelam, como forma mais antiga de representação da escrita, os vestígios em forma de desenho na cidade de *Anyang*, no leste do país (Barbosa, 2013, p. 13).

Já na fase ideográfica, a representação ocorre em forma de símbolos gráficos que expressam de forma direta uma ideia. Registros dessa natureza foram encontrados na Suméria, Egito e China. Foram também encontradas outras formas de escrita, denominadas pré-cuneiformes: uma na Placa de Hoffman, aproximadamente 6.000 a.C., e as pedras do Monumentos Blau, com estimativa de 5.500 a 5.000 anos a.C. (Pozzer, 1999).

A escrita cuneiforme (ver Figura 3) foi criada pelos Sumérios por volta de 3.500 a.C. na antiga Mesopotâmia. Tratava-se de uma escrita produzida via objetos em formato de cunha. Possuíam, como função, a gravação de informações em tablete de argila em paredes de rochedos, corpos de estátuas e grandes monumentos. Por fim, na Mesopotâmia, a escrita transformou seu caráter cultural a partir das práticas de registros de contratos jurídicos e/ou inscrições que eram voltadas aos deuses e narrativas históricas.

Figura 3 – Escrita cuneiforme.



Fonte: <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/3457-a-invencao-da-escrita-cuneiforme-pelos-sumerios>. Acesso em: 26 maio de 2023.

A escrita egípcia consistia em 2.500 sinais sagrados, usados apenas por alguns grupos sociais (Reis, 2019). A de maior destaque para os egípcios era a escrita hieroglífica cursiva, ressignificada, assumindo a nomenclatura de “hierática”. Essa escrita era usada para produzir documentos entendidos pelos egípcios como “comuns”, por se tratar de cartas, contabilidade, listas e, mais tarde, também os textos literários (Fisher, 2009, p. 43). A escrita hierática representava, para a cultura egípcia, algo mais rápido e simplificado de ser comunicado, uma escrita do dia a dia. Os sacerdotes e os nobres a dominavam. É a partir do fluxo intenso de utilização dessa modalidade de escrita que surgem os escribas, como homens com posição social elevada. Portanto, a escrita começa a ocupar um papel político e religioso de destaque, limitando-se a uma pequena elite, controladora. Apenas a nobreza, os sacerdotes, os escribas e os funcionários públicos eram versados na arte da escrita (Ramos, 2010; Reis, 2019, p. 11).

Na China, a escrita ideográfica tem indícios iniciais em torno de 1.500 a.C., por meio de ossos de cordeiro usados provavelmente por profetas e adivinhos

denominados “os *jiāguwén*”. Logo após, a China passou pela dinastia Xang, que teve seu reinado instaurado entre 1751 e 1101 a.C., quando os “reis mandaram os magos gravar suas previsões em ossos semicarborizados, dos quais muitos têm sido encontrados na Província de Xandong” (Sampaio, 2009, p. 34). Diante disso, observa-se que a cultura da escrita chinesa está ligada ao caráter religioso. Concretamente, grandes civilizações antigas, como “Mesopotâmia, Egito, China [...] entre outras sociedades, utilizaram a memória da escrita como símbolo para a evolução de seus sistemas de representação gráfica” (Domingos, 2020, p. 1).

Ainda no período da Antiguidade, foram encontrados os primeiros textos de forma alfabética entre os semíticos, no ano de 1.900 a.C. (Henrique; Weber, 2020, p. 277). Apesar de terem se originado dos ideogramas, a mistura com outras culturas por meio de trocas comerciais, contribuiu para uma nova configuração da escrita alfabética. Historicamente, a escrita alfabética surge de forma rudimentar formada por 22 símbolos escritos da direita para a esquerda, denominados de norte-semíticos. Ela foi desenvolvida em Israel, na Fenícia e em Aram, por volta do segundo milênio a.C. (Higounet, 2003; Queiroz, 2005).

O sistema alfabético foi um dos grandes marcos de invenções. Um dos mais conhecidos é o alfabeto grego, criado por volta dos séculos VI a VII a.C. e representava sons da voz humana. Porém, não era o único desenvolvido nesse período, tanto é que o sistema alfabético grego teve hibridações com o alfabeto utilizado pelos fenícios, cujos símbolos também representavam sons (Fischer, 2009, p. 43). Para Higounet (2003, p. 59), o alfabeto é considerado um “sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem”. Ademais, a palavra alfabeto tem origem na palavra latina *alphabetum*, que tem formação a partir de *alpha* e *beta*, as duas primeiras letras do alfabeto grego (Reis, 2019, p. 18).

O período compreendido de 476 a 1456 d.C. corresponde à Idade Média e, nesse contexto, a escrita é vista como um processo complexo, sendo influenciada pela relação entre o urbano e o comercial, a centralização política da Igreja, o surgimento das primeiras universidades, aumento da população, fluxo de pessoas e mercadorias, além das guerras santas (Franco Jr, 2001; Batany, 2006; Moraes; Cardoso; Passos, 2017). Os grupos que detinham o poder da escrita eram os escribas monásticos, religiosos que atuavam no *scriptorium* e tinham como atividade realizar cópias das Sagradas Escrituras ou de textos de ordem religiosa. Além disso, eram vistos pela sociedade como transmissores da palavra de Deus por meio da escrita.

Nesse período, foi desenvolvida uma forma de escrita denominada de escrita caligráfica; era copiada e tinha como meta ser a mais fiel possível (Souza; Santos Filho; Trinchão, 2015, p. 530).

Essa modalidade de escrita surgiu no reinado de Carlos Magno a partir de uma perspectiva de proposta de reforma educacional. Porém, foi redefinida, e as formas de escrita romana predominam nos dias atuais, tais como as bases para as letras minúsculas e maiúsculas. É importante destacar que esse tipo de escrita só foi reaparecer novamente na Renascença, na Itália, com os humanistas (Souza; Santos Filho; Trinchão, 2015, p. 530). Outra forma de escrita desenvolvida na Idade Média, por volta do século XII, é a gótica. O foco dessa forma era ter um melhor aproveitamento dos espaços disponíveis no manuscrito, trazendo uma dificuldade maior de leitura, principalmente no final do século XV, pois detinha muitos detalhes na sua consecução (Souza; Santos Filho; Trinchão, 2015, p. 530).

A escrita era uma atividade cultural desempenhada em locais sociais bem estabelecidos através dos grupos hegemônicos, já citados acima, que detinham o prestígio social e o poder. Nesse mesmo período, a escrita dos romances medievais “passou a se destacar como possuidora de narrativas descritivas e estruturas ricas sobre os exemplos masculinos e femininos imbuídos do ideal do Amor Cortês” (Morais; Cardoso; Passos, 2017, p.11), a ser representado em seus textos.

A imprensa — de acordo com os estudos de Fisher (2006; 2009), Briggs e Burke (2006) e Burke (2010) — influenciou a cultura da escrita, inicialmente, por meio da sua difusão. Assim, inicia-se a Idade Moderna, um período histórico que ocasionou “uma reviravolta na concepção de mundo que se tinha até então, cujas consequências, nos mais variados campos da ação humana, ainda são sentidas nos dias atuais” (Brandão, 2012, p. 1).

A partir do século XV, a “cultura da escrita se tornou mecanizada, [...] foi dada capital na história da escrita, pois ela fez nascer a escrita mecânica” (Higounet, 2003, p. 159). O processo de mecanização da escrita se “desenvolveu por meio de ourives e de moedeiros” (Higounet, 2003, p. 160), mediante gráficos que contribuíram com o aperfeiçoamento da tipografia, a qual tinha a forma primeiramente de madeira e depois transformada em metal, material no qual eram gravadas as letras do alfabeto.

É relevante afirmar que os manuscritos não foram extintos no início da Modernidade. Pelo contrário, houve hibridações. Além disso, a rápida “propagação da tipografia, em substituição das caligrafias góticas e humanistas, acentuou, no século

XVI, a diminuição da escrita dos escribas e dos notários já em germe no fim da Idade Média” (Higounet, 2003, p. 166). Portanto, os efeitos da invenção de *Gutenberg* foram imediatos e de longo alcance. A tipografia impulsionou duas formas de escrita utilizadas, a gótica e a antiqua.

Na França, por exemplo, a escrita sofreu transformações devido ao uso “da pena metálica, do estilo gráfico e, mais perto de nós, da máquina de escrever” (Higounet, 2003, p. 167). A escrita produz o “adestramento do corpo”, pois se reflete não somente como artefato cultural, mas como uma prática social que “serviria a um propósito útil, que era a modernização dos sentidos” (Brandão, 2012, p. 3). Essa modernização possibilita uma evolução da cultura da escrita para uma nova fase, a pós-modernidade ou contemporaneidade, que representa o movimento de estrutura sociocultural que ocorreu no final dos anos 80 do século XX até os dias atuais.

A partir dessas mudanças, diversos estudiosos começam a refletir sobre esse novo cenário social e cultural, o Pós-Modernismo, marcado pelo avanço da Globalização e pela Sociedade da Informação. Alguns aspectos que podem ser destacados aqui são: a ampliação e evolução das TI; aceleração e elevação dos fluxos de capitais, mercadorias, informações, pessoas e a disseminação do conhecimento, advento que carrearou novas práticas sociais e culturais com o uso intensivo da tecnologia, configurando uma nova estrutura social que possuem o “desdobramento” (Lyotard, 2009, p. 27) econômico de sua fase atual.

Assim, são redefinidas formas de técnicas e de tecnologias propriamente ditas, que ocasionaram modificações do papel do Estado, fazendo com que as sociedades passassem a ser mais reguladas para a tomada de decisões, por meio de informações disponibilizadas, advindas de diversas perspectivas, principalmente, as centralizadas em dispositivos ou plataformas digitais. Atualmente, a intermediação é feita por algoritmos, conforme os estudos de Zuboff (2018), configurando o que essa pesquisadora denomina de capitalismo de vigilância.

Assim, com as novas modalidades de escrita na pós-modernidade, o sujeito social vem se resignificando. Vale destacar que “nos dias atuais o ato de escrever está sendo mais utilizado no mundo virtual do que no real, geralmente assumindo formas coloquiais por meio de expressões abreviadas” (Carmo; Machado; Menezes, 2016, p. 2). É interessante frisar que o mundo virtual também é real, pois ocorre materialidade do que se escreve. Além disso, a escrita na Pós-Modernidade possibilita uma forma de comunicação mais rápida e ágil. Assim, a maneira digital de escrita tem

como caráter identitário não somente a utilização das letras, mas de outros artifícios gráficos, seja por meio de desenhos ou símbolos, que representam nossos gestos e expressões, acompanhando a oralidade em uma situação de viés presencial (Lotherington; Xu, 2004; Marcuschi, 2005).

A escrita praticada nas plataformas digitais hibridiza o alfabeto com variados recursos semióticos, como os *emotions*, por exemplo, cuja terminologia se origina da língua inglesa e foi criada por volta de 1980, com a representação de sentimentos de quem escreve, seja para demonstrar alegria, tristeza, raiva, dúvida e outros. Os *emotions* são considerados, por Araújo (2004, p. 99), como “combinações de caracteres de teclado do computador que os participantes de *chat* utilizam para se expressarem durante a conversação”.

Na cultura da escrita digital, compreende-se que os diversos códigos — que condicionam o sistema alfabético e as regras gramaticais, os quais são convencionais à ortografia que conhecemos — são, em muitos casos, ignorados e seguem uma determinada lógica, descrita por Freitag, Fonseca e Silva (2006) por três perspectivas: brevidade e velocidade; reestruturação linguística; e aproximação fonológica. Essas perspectivas são complementadas também pela não interação presencial, criatividade na perspectiva lexical e governamental não acentuada da linguagem (Tojal, 2013).

Por fim, é importante destacar que, na pós-modernidade, as modalidades híbridas da escrita constituem um desafio para os nossos educadores, pois a escrita deixou de ser um “procedimento do qual atualmente nos servimos para imobilizar, para fixar a linguagem articulada, por essência fugidia” (Higounet, 2003, p. 9) e passou a ser uma “nova linguagem”. Assim, a escrita é um artefato relevante na consecução e constituição do livro.

2.2 O livro

Este tópico tem como proposta discorrer, ainda que de forma sucinta, sobre a cultura do livro. Nesse sentido, considero o livro como um artefato cultural constituído por uma materialidade (sua forma física) - hoje, o suporte pode ser tanto o papel como qualquer aparelho eletrônico – e, também, por todos os significados culturais que lhe são atribuídos ao longo do tempo, nas mais diversas sociedades em que ele se faz presente.

Em uma definição de caráter regulatório e classificatório, o livro pode ser descrito como “uma publicação impressa, não periódica, de pelo menos 49 páginas, exclusiva das páginas de capa, publicada no país e disponibilizada ao público” (Unesco, 1964, p. 144). Esse conceito foi aceito na área da Biblioteconomia para distinguir um livro de um folheto. Porém, acredito que, mais do que um objeto tangível, o livro é também um artefato cultural que adquire significados diversos que são produzidos e transformados ao longo do tempo em várias sociedades. Assim sendo, embora Escarpit (1976) tenha afirmado que o livro é um objeto “indefinível”, discordo dessa visão, pois acredito que o livro é definível, dependendo de quem está argumentando ou narrando, já que a cultura se encontra não só nas suas páginas, mas também no pensamento dos sujeitos que tecem representações sobre essa forma material ao longo do tempo.

O livro não é um objeto qualquer, mas sim, um demarcador cultural, no qual a sociedade se mostra em diferentes formas. É interessante notar que a cultura do livro possui cerca de 6.000 anos e, por isso, o livro é considerado “como um dos pilares de nossa civilização e permanecerá assim por vários anos” (Macedo, 2011, p. 24). O primeiro suporte foram as placas de barro sobre as quais se escrevia a escrita cuneiforme. Depois, surgiram outros suportes, de origem mineral, animal e vegetal, tais como: barro, argila, ossos, conchas, marfim, folhas de palmeiras, bambu, metal, cascas de árvores, madeira, couro e outros (Labarre, 1981). Os primeiros livros eram muito diferentes dos objetos que estamos habituados a ver no presente, pois dependiam dos materiais que cada sociedade possuía à sua disposição.

Ressalte-se que foi na região do Oriente que se acharam os primeiros livros, feitos pelo povo sumério, a partir do barro, na forma de pequenas lajotas (Poizzer, 1999). Desse modo, o barro é o primeiro suporte oficial utilizado pelo homem para registrar a escrita, ou seja, é o nosso primeiro modelo de livro. Logo em seguida, ainda na Mesopotâmia, livros foram se constituindo de outros materiais e com suas finalidades específicas; por exemplo, os cilindros, as lajotas e os óstracos tinham a funcionalidade social e cultural de facilitar o comércio por meio de contratos, recibos e notas. Um exemplo desse tipo de livro são os fragmentos da Epopéia de Gilgamesh encontrados por arqueólogos, uma narrativa que teve grande relevância na Antiguidade do Oriente. Esta obra literária universal é considerada como a mais antiga da história e está composta por 1.500 linhas em 12 lajotas incompletas. Além do mais, é uma obra traduzida no século VII a.C., encontrada na versão suméria, hitita

(contendo 45 linhas datadas de 1.500 a.C.) e ainda em uma versão da Babilônia com 470 linhas (Campos, 1994).

Também foram encontradas lajotas de barro produzidas pelos sacerdotes como formas de registros dos rituais sagrados, das orações, lendas e fórmulas mágicas ligadas ao caráter religioso. Dentre os gêneros produzidos nesse contexto, encontravam-se também tabuadas, geometria suméria, literatura infanto-juvenil que instruiu as crianças diante de temáticas sobre a criação do mundo e como se dava a existência do homem no mesmo (Campos, 1994, p. 27).

O livro de barro não registrava o nome do autor, mas sim, com alguma frequência, o do escriba ou do proprietário. [...] os livros não tinham títulos, sendo catalogados pelas duas ou três primeiras palavras do texto. Eram guardados em nichos feitos nas paredes do recinto palaciano [...] (Campos, 1994, p. 27).

Alguns estudos, como o de Levacov (1997), apontam que, na pré-história, o mais antigo suporte informacional era a pedra, a qual transmitia a pictografia rupestre. Também naquele período, tinham-se, como primeiros “livros”, os suportes de placas de cera, tecidos, ossos e marfim. Na sequência, chega-se ao papiro, que advém de uma planta aquática, sendo considerado um dos suportes de escrita mais antigos e popularmente conhecido pelos camponeses egípcios como “planta de parucca”. É interessante notar que o livro em papiro (ver Figura 4) representava, para o povo egípcio, um “guardião do gênio humano”, isso porque nele se registravam as ideias e pensamentos do homem (Campos, 1994, p. 42).

Figura 4 – Livro em papiro.



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/papiro.htm>. Acesso em: 26 maio 2023.

O papiro “permaneceu o suporte essencial do livro do Egito e difundiu-se no mundo grego e no império romano; manteve-se até o século X ou XI da nossa era, quando era utilizado quase exclusivamente pela chancelaria romana” (Labarre, 1981, p. 9). Observa-se que, na Antiguidade, o livro assumia o formato de rolo, como descreve Macedo (2011, p. 25):

[...] o livro em papiro apresentava-se sob a forma de um rolo (chamado kilindros, pelos gregos e volumen, pelos romanos) possuindo, em média, de 6 a 10 metros de comprimento. Era dividido em colunas verticais, e escrito de um lado só, no sentido horizontal das fibras. Os papiros eram utilizados sob a forma de folha ou rolo. Podia receber as tintas com facilidade.

Ainda na Antiguidade, tem-se, como suporte, também o pergaminho (Ver Figura 5), que surgiu na Ásia por volta do século II a.C., na cidade de Pérgamo, inspiração para o nome deste suporte. Era desenvolvido com a pele de animal (carneiro, bezerro ou cabra), e as peles passavam pelo processo de banho de cal e depois eram secadas em moldura de madeira. O pergaminho era um material utilizado

pela nobreza, e a escrita registrada nesse suporte servia para produzir documentos de extrema relevância para a sociedade naquele período.

Figura 5 – Livro em pergaminho.



Fonte: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-antiga/pergaminho.htm>. Acesso em: 26 maio 2023.

Os estudos de Litton (1949) demonstram que o processo de transição entre o papiro e o pergaminho não ocorreu de forma imediata e partiu de uma necessidade cultural e social, além de econômica, já que o papiro demandava alto custo e estava diante de uma escassez. Sendo assim, a sociedade persa, primeiramente, substituiu o papiro pelo velino e, posteriormente, pelo pergaminho, mas ambos estavam incumbidos de registrar a escrita:

[...] o livro de pergaminho constituiu outro tipo de suporte, mais forte e flexível, aproveitado de ambos os lados, cujo conteúdo, diferentemente do papiro, podia ser raspado, permitindo o reaproveitamento do suporte. Dezenas, muitas vezes centenas de animais precisavam ser abatidos e ter seu couro curtido para fornecer material para um único livro. [...] cem anos antes de começar a Idade-Média o pergaminho já substituiu o papiro quase que inteiramente [...] (Macedo, 2011, p. 25).

Ainda no período da Antiguidade, mais precisamente na China, tem-se também o registro do bambu como suporte de escrita, primeiramente, e depois foram

encontrados também pedaços de seda (*chih*) e tabuinhas. Foi também na China que se deu a invenção do papel. Descoberto tardiamente no mundo ocidental (Idade Média), o papel já havia sido criado na China em meados de 105 d.C. pelo chinês chamado de Tsai Lun, um mandarim do imperador Ho (Campos, 1994, p. 76).

O papel na sociedade chinesa tinha a função cultural de usabilidade nas cerimônias religiosas e, por isso, o suporte era considerado como um patrimônio exclusivo deste povo. Observa-se que o suporte papel conduzia as práticas sociais e culturais dos chineses. Os estudos de Paiva (2010) demonstram que o papel é um suporte que transpassou diversas culturas e sociedades e que foi se resignificando em cada uma delas, assegurando, através da gravação da escrita, conhecimento e informações que perduram até os dias atuais.

No Ocidente, os livros mais antigos eram confeccionados em papiro, que foi substituído pelo pergaminho aos poucos. Inicialmente, como se afirmou antes, o formato que predominava era o rolo, mas, nos primeiros séculos depois de Cristo, o formato foi mudando para o *códex* - um conjunto de páginas encadernadas -, considerado o ancestral do livro em sua forma atual-, ou livro dobrado e encadernado; assim, oficialmente entra-se na Idade Média (ver Figura 6).

Figura 6 – Códex.



Fonte: <https://bsf.org.br/2007/09/28/codex-gigas/>. Acessado em: 31 maio 2023.

A generalização do *códex* data apenas dos séculos III e IV: a pele de carneiro era preparada para servir de suporte à escrita, depois, uma vez copiado o texto, era dobrada uma ou duas vezes para constituir um caderno (Barbier, 2018). Já no que se refere ao *códice* de pergaminho, Manguel (2004, p.78) relata que:

Logo se tornou a forma comum dos livros para autoridades e padres, viajantes e estudantes - na verdade, para todos aqueles que precisavam transportar em boas condições seu material de leitura de um lugar para o outro e consultar qualquer parte do texto com facilidade. Ademais, ambos os lados da folha podiam conter texto e as quatro margens de uma página do *códice* facilitavam a inclusão de glosas e comentários, permitindo ao leitor pôr seu dedo na história - participação que era muito mais difícil na leitura de um rolo.

O *códice* modifica a cultura do livro, já que institui novos gestos e novas formas de escrita e de leitura. Chartier (1998, p. 102) ressalta que, quando se “cria o *códice*, criam-se também poucos textos para agrupá-los, mantendo um número aproximadamente de 150 folhas, o que equivale a 300 páginas”. E apenas no século V, o número de páginas começa a aumentar, e os *códices* iniciam o processo de agrupamento de mais conteúdo de vários rolos. Como se percebe, apesar de o formato do *códice* ser o mesmo desde o seu surgimento no século II, a maneira como foi confeccionado foram sendo modificadas: a “colagem das páginas, o tamanho destas e a escrita contida nos cadernos sofreram grandes alterações” (Di Luccio, 2005, p. 21).

As transformações sociais e culturais da Europa, a partir do século XIV, permitiram que novas camadas da sociedade tivessem acesso aos materiais escritos. Os novos leitores eram os nobres, burgueses, mercadores e magistrados, que, além de almejar obras técnicas, queriam também dispor de livros de distração, de imaginação e de romance (Rasteli, 2019). No século XV, foram criados os tipos móveis por Johann Gensfleisch Zur Laden, conhecido como *Gutenberg*. Sua invenção consiste basicamente dos moldes que permitiram a fabricação mais ágil dos tipos de impressão por meio de uma matriz – escultura das letras desenvolvidas por meio de punções com instrumentos utilizados pelos ourives.

O invento barateou o livro, tornando-o mais acessível a um número maior de pessoas. Antes disso, os livros eram manuscritos, precisando de um longo tempo para serem produzidos. “Com a tipografia, depois de feito o labor com a composição de metal, puderam reproduzir infinitas cópias aproveitando a mesma mão-de-obra inicial,

diluindo os custos em cada exemplar” (Santos, 2012b, p.17). Sobre estas circunstâncias, Manguel (2004, p.81) assevera que:

Ao mesmo tempo em que os livros se tornavam de acesso mais fácil e mais gente aprendia a ler, mais pessoas também aprendiam a escrever, frequentemente com estilo e grande distinção; o século XVI tornou-se não apenas a era da palavra escrita, como também o século dos grandes manuais de caligrafia. É interessante observar a frequência com que um avanço tecnológico - como o de Gutenberg - antes promove do que elimina aquilo que supostamente deve substituir, levando-nos a perceber virtudes fora de moda que, de outra forma, não teríamos notado ou que consideraríamos sem importância.

A passagem da cultura do manuscrito para a cultura do impresso representou uma revolução, com o barateamento na produção, reprodução e distribuição do livro. Isso, porém, não significa que sua aceitação tenha sido automática e indolor, na medida em que, segundo Chartier (1998, p. 9), “[...] persistia uma forte suspeita diante do impresso, que supostamente romperia a familiaridade entre o autor e seus leitores e corromperia a correção dos textos, colocando-os em mãos ‘mecânicas’ e nas práticas do comércio”.

A partir dos séculos XVIII e XIX, diversos fatores históricos e culturais modificaram a cultura da escrita, tais como a revolução francesa, a prensa gráfica e a revolução industrial. Um dos principais impactos foi a mecanização da escrita, possibilitada pela tipografia (Rodrigues, 2012, p. 196). Este fator impactou até as instituições escolares que governavam as pessoas, através da constituição de leis e mesmo regimentos internos em prol da formação para o trabalho industrial, por meio de ações de regulação, as quais se manifestam de diversas maneiras: através de “capatazes, linhas de produção, uniformes, sirenes, horários, tarefas, hierarquia, disciplinas, testes e promoções” (Rodrigues, 2012, p. 197).

O livro, na modernidade, foi ganhando cada vez mais notoriedade e atingindo mais leitores, o que possibilitou a criação de diversos movimentos filosóficos, tais como o racionalismo e o empirismo, inclusive da indústria literária, o que contribuiu para as revoluções sociais e culturais que se vive até os dias de hoje. Alguns dos fatores de destaque quanto à disseminação da cultura do livro foram a criação dos Estados Nacionais, que contribuíram para a disseminação dos livros, as políticas de acesso universal à educação, o aumento do número de leitores, além de inovações tecnológicas que contribuíram para uma proliferação mais rápida dos livros e do

acesso a eles, barateando, assim, os seus custos de produção, contribuindo para uma democratização maior dos livros aos leitores.

Na contemporaneidade, os livros passaram a ser produzidos com tecnologias digitais, muitas vezes sendo denominados de *e-books*. As formas de leitura, agora, são em telas, e os suportes materiais, atualmente, são *desktops*, *smartphones*, *tablets*, *e-readers* e outros.

De forma geral, a justificativa mais usada para o abandono do livro físico em prol do livro eletrônico é a de que o processo de produção e editoração dos livros físicos é caro. Com o desejo de aumentar as vendas, escritores e livreiros começaram a questionar e visualizar maneiras de baratear esse processo. Assim, chega-se à chamada “Era dos *e-books* e das publicações digitais”, os quais facilmente podem ser baixados de plataformas da *internet* em diversos suportes (Santos; Santos, 2006, p. 8).

O *e-book* ou livro eletrônico é um suporte digital em que o leitor tem a opção de ler uma obra ou imprimir de acordo com a sua necessidade através de um programa que possibilita a leitura no micro, *laptop*, *notebook* ou num *Reader Decive*. Como produto tecnológico resultante da pós-modernidade fluida e globalizante, o *e-book* traz consigo algumas vantagens, como o acesso rápido a livros e documentos publicados e arquivados no mundo inteiro a um custo relativamente baixo. Isto proporciona uma integração entre o suporte, o conteúdo e o leitor sob um novo paradigma ainda pouco compreensível (Santos; Santos, 2006, p. 8).

A evolução dos livros físicos para o formato eletrônico vem acompanhada de uma busca por um padrão de publicação, porém, em constante desenvolvimento: formatos como *Electronic Publishing* (ePub) e *Kindle Formt, version 8* (KF8) travam o que Shapiro e Varian (1999, p. 9) “intitulam como ‘guerra dos padrões’, visto que crescem e disputam o mercado de publicações, procurando cada qual se tornar o padrão adotado”. É importante destacar que, com o avanço tecnológico, novos mercados começam a surgir para produtos e serviços, criando-se competição entre os produtores, os quais buscam formas de produção mais eficientes, com qualidade e baixo custo. Esse processo desencadeou, entre as empresas de tecnologia, o interesse em criar dispositivos de leitura, possibilitando uma alta competitividade no mercado de livros eletrônicos.

Os primeiros *e-books* foram feitos no formato *txt* e foram disponibilizados em 1971, por Michael Hart, a partir do Projeto *Gutenberg*. Naquele momento, livros que já estavam em domínio público foram transformados para o formato ASCII (Darton,

2010; Meira, 2011). Contudo, apenas no ano de 1998 é que surgiram os dispositivos de leitura digital, os chamados *e-readers*. Desde este período até hoje, os custos de produção editorial vêm sofrendo transformações significativas que influenciam os livros impressos e os digitais. De acordo com Rosa (2018, p.71),

A criação do livro eletrônico dotado de uma aparência similar ao livro em formato físico começou a disputar espaço no mercado e atrair muitos consumidores, afinal existe uma praticidade: o baixo custo, o acesso em qualquer lugar de um leitor de livro eletrônico, e ainda, o leitor não carrega peso, dentre tantas outras facilidades. A possibilidade de adquirir, baixar, carregar e ler a partir de um manuseio simples e a mundialização da obra se torna mais rápida.

Também se torna importante destacar que, logo no início do surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e da própria *internet*, o livro eletrônico era considerado como “réplica do livro físico” (Machado, 2013, p. 17), já que era simplesmente transformado para o formato digital, normalmente no padrão *Adobe Portable Document Format* (PDF), que possibilita, até os dias atuais, ser acessado de forma *online*, ser impresso ou até mesmo lido na tela do computador ou em dispositivos móveis (*tablets, smartphones, etc.*). Com a possibilidade do PDF - introduzido como formato em 1993 - tinha o caráter cultural voltado para a publicação de livros. Assim, “qualquer arquivo eletrônico de uma obra, originária ou não nesse formato, que estivesse disponível para acesso e leitura em computador era considerado um *e-book*” (Machado, 2013, p. 18).

A evolução do livro para o formato eletrônico, evidenciado pelos novos formatos e pelos aparelhos móveis, acabou por abalar um seguimento de mercado diretamente relacionado às publicações: o setor editorial e livreiro. Devido à variedade de formatos disponíveis (existem diversos outros além dos três formatos já mencionados, entretanto, sem tanta popularidade), bem como à variedade de dispositivos que vêm sendo desenvolvidos, o setor editorial e livreiro percebe que necessita se capacitar e evoluir para desenvolver determinados formatos, procurando atender a todos os tipos de dispositivos disponíveis no mercado e que continuam em evolução, disponibilizando-os aos seus clientes. Essa evolução vem ocorrendo desde meados dos anos de 1990, nos quais [...] verifica-se a midiatização dos livros eletrônicos e assiste-se à entrada em cena das grandes empresas, não só já atenuantes no mercado editorial, mas também no mundo da tecnologia da informação (Machado, 2013, p. 10).

Por outro lado, desde o surgimento dos livros eletrônicos, o número de pessoas que preferem livros impressos ainda é muito significativo.

Vivendo na era do apogeu da Internet, pensou-se que os *e-books* ou livros eletrônicos iriam fazer deslanchar um futuro brilhante para os editores eletrônicos que viam no lixo o destino para os livros impressos. Quando surgiu em 1998, imaginou-se que as estantes seriam esquecidas, pois o *e-book* chegou com a promessa de poupar espaço e mudar hábitos; no entanto, esse processo adaptativo não vem ocorrendo porque se trata de uma mudança de hábito corporal e não cultural. O *e-book* é um formato que deve ser amadurecido e mudanças culturais ainda estão acontecendo, porque os consumidores não abrem mão do prazer de se instalarem em um sofá confortável para ler um bom livro, levando os editores a verem que o mercado do livro eletrônico ainda é muito pequeno em relação ao que se esperava (Santos; Santos, 2006, p. 2).

O contexto histórico abordado que se estende até a pós-modernidade aponta que a globalização, amparada pelas novas tecnologias, fez emergir diversas situações instáveis que até então eram consideradas sólidas. Mesmo neste cenário, os *e-books* vêm conseguindo garantir seu espaço, ainda mais em um contexto de pandemia de Covid-19, em que, devido ao isolamento social, uma das formas de contato com a leitura, em grande parte, era através dos dispositivos eletrônicos, o que impulsionou ainda mais a leitura em livro digital.

2.3 As bibliotecas

Nesta seção, serão abordados aspectos constitutivos da história das bibliotecas, abrangendo a Antiguidade, a Idade Média, a Idade Moderna e a contemporaneidade. Em cada momento histórico, torna-se relevante observar que as bibliotecas adquirem diferentes funções e significados nas sociedades em que estão inseridas.

A biblioteca é um lugar de memórias, livros e informações, um reino de ordem em todos os sentidos. Os conteúdos e informações de uma biblioteca estão disponibilizados em documentos que se apresentam em diferentes suportes, como o papiro, pergaminho, papel e/ou digital. Essa diversidade de suportes de registro também desenha a natureza que configura a Biblioteca como um organismo vivo e em crescimento. Flusser (1983) e Manguel (2006) acreditam que há uma variedade de definições que a identificam enquanto lugar de memórias, livros e informações.

A palavra biblioteca tem sua origem nos termos gregos *biblíon*, que significa livro, e *teke*, designação para caixa e/ou depósito. Etimologicamente, portanto, a biblioteca corresponde a um depósito de livros, sendo este um conceito tradicional e institucionalizado (Martins, 2002). Até os dias atuais, ainda predominam, em alguns

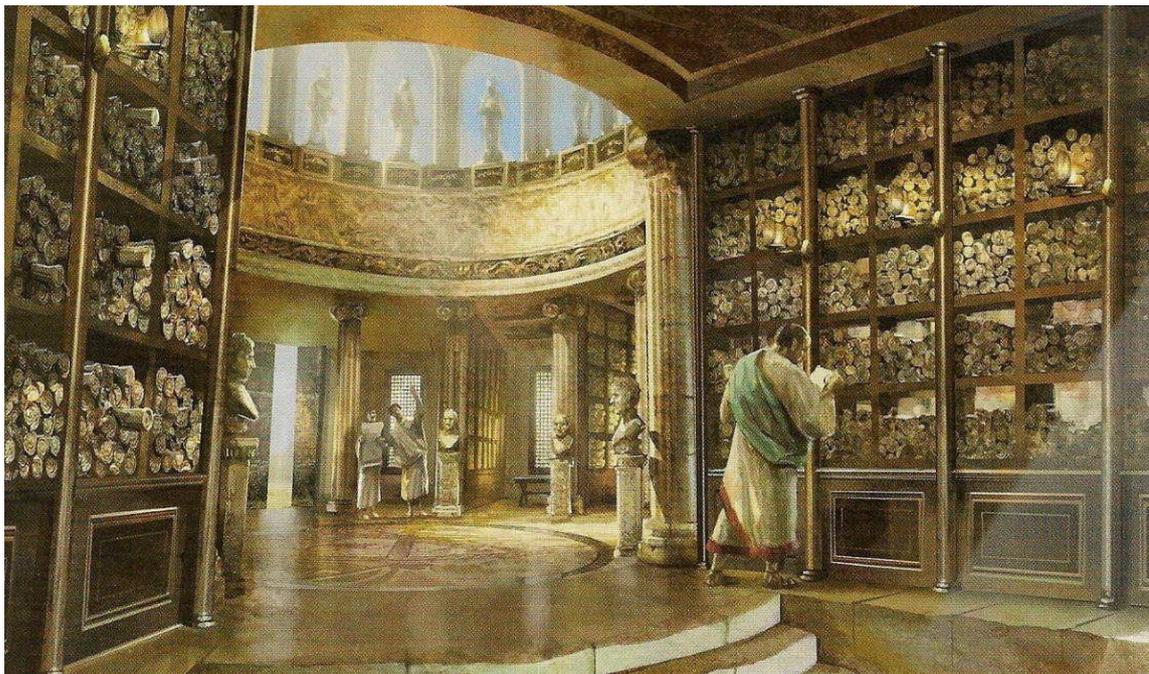
espaços, visões de que as bibliotecas são apenas instituições armazenadoras de livros. Darton (2010, p. 11) tensiona essa visão ao afirmar que as bibliotecas não podem ser vistas apenas como depósito de livros, mas sim como centros do saber. Ao introduzir as bibliotecas, as sociedades modificam as suas ações culturais e sociais. Assim, as bibliotecas são espaços de produção cultural.

As bibliotecas, na Antiguidade, foram construídas e iniciadas com acervos constituídos de materiais distintos, como tabletes de argila, rolos de papiro e pergaminho. Por isso, seu primeiro conceito envolvia a ideia de um local que armazenava esses materiais. Como foi destacado na seção anterior, a constituição histórica dos suportes de informação demonstra que estes variavam de acordo com os materiais disponíveis e a tecnologia que era dominada e construída em cada período histórico específico (Morigi; Souto, 2005, p. 190).

As bibliotecas da Antiguidade foram criadas com a função de depósito de livros, como locais que “escondiam” livros e não como um lugar de preservação e difusão do conhecimento (Martins, 2002). As construções arquitetônicas dos edifícios daquelas bibliotecas compreendiam uma forma de proteção dos acervos guardados, impedindo a saída dos livros. A organização do acervo encontrava-se em armários com divisórias em que os livros eram organizados uns ao lado dos outros, por meio de etiquetas que indicavam seus títulos. Essas bibliotecas atendiam as elites da época, por isso, continham pequenas coleções particulares e tinham como função a preservação dos materiais (Battles, 2003, p. 37).

Algumas das mais conhecidas bibliotecas da Antiguidade são as de Nínive, Pérgamo, as gregas e romanas e a Biblioteca de Alexandria (ver Figura 7). Esta última é a mais conhecida e discutida, seja na Antiguidade, seja na Contemporaneidade, pois se tornou a mais relevante no mundo antigo (Battles, 2003). A Biblioteca de Alexandria foi revitalizada para acompanhar uma nova sociedade que a transformou para o tempo presente (Souza, 2005).

Figura 7 – Biblioteca de Alexandria.



Fonte: <https://www.biblio.campusananindeua.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias/573-conheca-a-biblioteca-de-alexandria>. Acessado em: 31 maio 2023.

Um dos principais fatores que contribuíram para o aparecimento das bibliotecas, na Antiguidade, foi o surgimento da escrita na Mesopotâmia. Naquele local, as bibliotecas conseguiram destaque com o reinado de Assurbanil II, que governou a Assíria no século VII a.C. Assurbanil II instituiu uma grande biblioteca denominada Biblioteca de Nínive, popularmente conhecida como a mais antiga do mundo (Cabral, 2015). O acervo era composto por 25 mil placas de argila gravadas na escrita cuneiforme, com conteúdos diversificados: fórmulas de encantamento, peças literárias, profecias e hinos sagrados. Também havia materiais ligados às áreas da medicina, poesia, canções, matemática e outros (Fischer, 2006, p. 24).

A Biblioteca de Nínive se tornou um centro do saber naquela sociedade. Ela continha catálogos que disponibilizavam os assuntos diversos da biblioteca para que o usuário pudesse localizar-se neste espaço de produção cultural (Santos, 2012, p. 177). Esta pode ser considerada, então, a primeira biblioteca a possuir um acervo indexado e classificado, segundo os padrões biblioteconômicos que se conhece atualmente (Souza, 2005).

Os historiadores consideram a Biblioteca de Nínive como um espaço de produção cultural que preservou ricos materiais de leitura sobre as culturas da

Babilônia, Suméria e Assíria (Fisher, 2006, p. 25). Isto porque a cidade de Nínive, ao conquistar povos rivais em guerras, apropriou-se de suas produções escritas, garantindo, assim, uma forma de controle e poder. Este cenário gerou práticas culturais de apagamento de textos desses povos conquistados, concentrando-se no esquecimento de suas culturas, ressaltando a cultura de Nínive como a suprema.

Esse apagamento de textos era realizado nas tabuletas de argila. Apesar da dureza de seu material, foi possível editar novos textos ou até mesmo reescrevê-los, ressaltando a história das sociedades da Antiguidade e as vitórias da sociedade de Nínive sobre os demais povos (Cabral, 2015, p. 31). A Biblioteca de Nínive é um exemplo de que, desde o período da antiguidade, nas bibliotecas, já se produziam representações culturais dentro de cenários marcados por disputas e poder.

A Biblioteca de Pérgamo, por sua vez, se encontrava na Ásia Menor e foi fundada pelo Rei Átalo I, sendo perpetuada pelo seu filho, Eumenes II (Souza, 2012). Este rei a criou com o intuito de converter a cidade de Pérgamo, nome da biblioteca, em um grande centro de saber literário e crítico de toda a região da Ásia Menor. Por seu caráter literário e crítico, a Biblioteca de Pérgamo reunia grandes grupos de estudiosos, possibilitando até a constituição de estudos linguísticos e literários. Foi um espaço de produção cultural que sempre buscou conseguir sua perpetuação nessas regiões e também competia com a Biblioteca de Alexandria, que será apresentada a seguir (Martins, 2002).

A Biblioteca de Pérgamo tinha grande reputação na Ásia Menor e possuía um acervo de duzentos mil volumes, mas não conseguia alcançar o destaque da Biblioteca de Alexandria, embora tenha contribuído para o desenvolvimento da escrita no suporte de pergaminho (Souza, 2012). Mesmo com esta contribuição, a biblioteca desapareceu devido ao saqueio realizado em 40 a.C. por Marco Antônio, que doou o acervo a Cleópatra como presente de casamento, e este, posteriormente, foi doado para a Biblioteca de Alexandria (Battles, 2003).

Com relação às Bibliotecas gregas, no século XVII a.C., a civilização micênica já utilizava tabuletas de argila e, por isso, acredita-se que, à época, os gregos já possuíam bibliotecas como forma de armazená-las. A cultura da escrita alfabética contribuiu para que o acesso aos livros fosse intensificado. Essa propagação contribuiu para o surgimento do comércio de livros, que fomentou a criação de escolas e bibliotecas.

A primeira biblioteca criada oficialmente na Grécia foi em Atenas por Pisístrato e se caracterizava como uma biblioteca pública, com o foco na reunião em um mesmo local de um acervo de obras dos autores mais famosos: Homero, por exemplo, e outros que contribuíram com a cultura grega (Martins, 2002). Nesta mesma cidade, filósofos como Platão e Aristóteles criaram a Academia, que, logo após a morte de Platão, tornou-se conhecida como Liceu, promovido por Aristóteles. Este filósofo possuía sua biblioteca particular (Medeiros, 2019, p. 74). Assim, as bibliotecas iniciaram como públicas e tornaram-se particulares, em virtude disso, há poucos registros de obras ou até mesmo inexistência de bibliotecas na Grécia (Martins, 2002).

Com relação às bibliotecas de Roma, algumas eram privadas, ou seja, restritas a determinado público, e outras eram públicas e atendiam a um usuário mais diversificado. A formação dessas bibliotecas se deu pelo fato de Roma ter se tornado uma República a partir do ano de 509 a.C. Isto contribuiu para o estabelecimento de diversas instituições, como as bibliotecas. “É impossível pensar na civilização ocidental excluindo-se a influência de Roma na cultura, no direito, na arquitetura e nas línguas latinas” (Medeiros, 2019, p. 78).

Roma destaca-se como uma cidade de incentivo ao conhecimento. As bibliotecas romanas aproximam-se, de certa forma, das bibliotecas públicas atuais (Battles, 2003, p. 54). Isso porque os grandes imperadores romanos fomentaram a construção desses espaços grandiosos dentro de palácios e templos, e o acesso a esses espaços não se limitava a uma elite, pois os governantes “também as ofereciam ao povo de Roma” (Battles, 2003, p. 52). Por este motivo, eram denominadas de “Casa de sabedoria” (Santos, 2012a).

Com relação às bibliotecas particulares, tem-se como base os acervos que vieram de conquistas de guerras. No reinado de Cícero (106 - 43 a.C.), o acervo de obras era restrito na sociedade romana, pois estava disponível apenas aos romanos considerados mais “cultos”, fossem escribas ou até mesmo escravos cultos que vieram da Grécia, segregando o acesso à informação e excluindo as demais camadas sociais (Santos, 2012a, p. 178). Portanto, Cícero e outros romanos possuíam bibliotecas próprias. Por volta do ano 27 a.C., as bibliotecas particulares cresceram de forma preponderante, de modo que, em muitas casas, existia uma estrutura de espaços próprios para elas (Santos, 2012a, p. 179). Desse modo, havia um investimento significativo nas bibliotecas particulares em Roma.

Este contexto da cultura das bibliotecas em Roma foi demarcado pelo interesse dos romanos pelas letras, ocasionando, dessa maneira, a efetivação das bibliotecas que surgiram no final do século III a.C. Entretanto, o interesse pelas bibliotecas foi consagrado apenas na segunda metade do século II a.C. Ademais, as bibliotecas particulares possuíam também obras que foram adquiridas por meio de compra em livrarias ou até mesmo por encomenda de escribas especializados (Medeiros, 2019, p. 79).

Com relação às bibliotecas públicas, foram uma invenção de Júlio César, que, devido à sua morte, não conseguiu executá-las. Depois de seu falecimento, Asínio Pólio e Públio Terêncio Varrão levaram o projeto adiante e, em 39 a.C., foi construída a primeira Biblioteca Pública de Roma (Martins, 2002). A estrutura física dessa biblioteca continha dois salões de leitura, separando um salão para leitura em latim e outro para o grego, e ambos possuíam como decoração estátuas dos seus respectivos poetas e oradores (Santos, 2012a, p. 179).

De modo geral, as bibliotecas públicas tiveram contribuição dos Ptolomeus por meio da cultura do papiro e mantinham um exército de copistas ocupados, às vezes, em tarefas inesperadas. A mais célebre de todas as bibliotecas foi a de Ulpiana, fundada por Trajano, e que, com a Palatina, constituía as duas mais importantes das 28 bibliotecas públicas que Roma possuía no século IV. Essas bibliotecas já tinham o serviço de empréstimo organizado e em funcionamento.

Com relação à Biblioteca de Alexandria, “o primeiro projeto universalista de biblioteca, a preocupação do homem era a perda da memória escrita e, conseqüentemente, do esquecimento” (Assmann, 2011, p. 143). De todas as bibliotecas da antiguidade, a mais relevante é a biblioteca de Alexandria, isso porque a sua criação foi planejada com o intuito de identificar-se como relevante centro de aprendizado da região do Mediterrâneo, sendo, portanto, um modelo a ser seguido pelas demais bibliotecas que começaram a surgir. A biblioteca tinha o objetivo e políticas de controle sobre os povos bárbaros conquistados e dominados no Oriente e na Ásia. A biblioteca, portanto, possuía um caráter “civilizatório” desses povos (Martins, 2002).

A Biblioteca de Alexandria, durante o período que corresponde aos anos de 280 a.C. a 416 d.C., reuniu o maior acervo da humanidade na época, ressaltando e perpetuando a cultura e a ciência durante a Antiguidade. Essa biblioteca redefiniu-se de forma a não ser considerada apenas como um depósito de livros, conforme a

etimologia da palavra, mas de modo a tornar-se fonte inesgotável de conhecimento para os homens, “deixando assim um notável legado para o desenvolvimento geral da humanidade” (Santos, 2012a, p. 180).

Naquele período, eram tidos como de grande valor ao patrimônio e os livros originais, sendo objetivo dos Ptolomeus serem os proprietários do maior acervo de livros do mundo. Demandou-se reunir todo o “conhecimento cultural e científico na biblioteca, totalizando um acervo de mais de setecentos mil volumes. Entretanto, apesar de existir uma quantidade exorbitante de obras, existiam também vários rolos de papiro e pergaminho que se repetiam” (Sousa, 2017, p.12). Essa biblioteca foi utilizada como fonte de pesquisa para os estudiosos, artistas e sábios da Antiguidade.

O fim dessa biblioteca deu-se por sucessivos incêndios que destruíram essa grandiosa construção e, até hoje, não se sabe ao certo como ocorreu seu desaparecimento (Campos, 1994, p. 107). O mais danoso foi gerado por Júlio César, que, vendo-se ameaçado e tentando escudar Cleópatra, ateou fogo nos barcos ancorados no porto, o qual se espalhou pelo local atingindo a biblioteca *Mouseon*, que possuía em seu acervo cerca de 40 mil manuscritos que foram dizimados de uma única vez (Santos, 2012).

Bibliotecas como a de Alexandria tinham a função apenas de preservação e conservação dos seus acervos e não o de disseminação, já que não havia ainda uma produção editorial significativa. Assim, observa-se que o conhecimento e o acesso a elas ocorriam de forma restrita, pois apenas “alguns” poderiam frequentar suas dependências (Sousa, 2017, p.11).

A própria disposição arquitetônica dos edifícios retrata esse cenário melhor do que qualquer outro aspecto: na grande biblioteca de Nínive, por exemplo, o depósito de livros não possuía porta para o exterior – sua única porta mostra ser o inverso, para o interior do edifício, lugar onde viviam ou onde permaneciam os grandes sacerdotes. Os antigos povos do Oriente, por exemplo, os assírios e os egípcios, parecem ter conhecido somente as bibliotecas religiosas, e sua ideia de biblioteca se mesclava com a de arquivos; com um público restrito (oficiantes ou comendadores - considerados quase como funcionários das bibliotecas) e que o acesso aos livros se dava por meio de consulta a essas obras (Samaran, 1973).

Esse processo de institucionalização das bibliotecas evoluiu com os gregos, já que a biblioteca de Pérgamo e a de Alexandria foram, simultaneamente, conservadoras de textos profanos. Eram instituições oficiais e o seu orçamento

dependia das finanças públicas ou da lista particular do soberano (Samaran, 1973). A biblioteca propriamente dita, além de sua grandiosidade arquitetônica, evidenciava-se como uma instituição marcante, principalmente porque induzia a preservação da memória. O principal objetivo de bibliotecas como a de Alexandria e Pérgamo era o de conservação dos textos, contribuindo com a promoção da cultura grega no mundo (Barbier, 2018, p. 42).

Construir grandes bibliotecas, como a de Alexandria, foi uma atitude estratégica do Estado para atrair leitores do mundo inteiro. A biblioteca passou a ser “a menina dos olhos” tanto dos gregos, como de outros povos (Jacob, 2008). O documento apreendido era direcionado até a biblioteca, onde era executado o trabalho de cópia e, posteriormente devolvido somente o exemplar copiado. Nessas bibliotecas da Antiguidade, também existiam bibliotecários responsáveis por auxiliar os príncipes reais na escolha de uma boa leitura (Santos, 2012). A atuação dos bibliotecários “envolvia práticas cognitivas tais como resumos, citações, cópias, formalização da reflexão sobre a memória, traduções, todas representam intenções de atualizar uma memória-saber [...]” (Cabral, 2015, p. 60).

Em Alexandria, vários bibliotecários atuaram, mas os nomes mais relevantes são de Apolônio de Rodes, Apolônio Eidógrafo, Aristófonos de Bizâncio, Aristarco de Samotrácia, entre outros, sendo o mais intelectual deles Calímaco de Cirene. “As atribuições do bibliotecário-chefe transcendiam as funções habituais, pois eles eram também humanistas e filólogos, encarregados de reorganizar as obras dos autores, [...] da tutoria dos príncipes reais [sobre a leitura]” (Santos, 2012a, p. 182).

As bibliotecas, no decorrer da Idade Média, foram marcadas por componentes típicos da vida social e econômica centrada na Igreja. Nesse período, iniciam-se as universidades. A sociedade medieval era essencialmente formada pelo clero, que detinha o monopólio do conhecimento; pela nobreza, que ampliou o interesse pela leitura; e pela plebe, classe despossuída de poderes. Nesse período, a alfabetização era restrita. Assim, “as bibliotecas eram dispositivos ligados diretamente à Igreja Católica, que cerceava o acesso e, por conseguinte a ‘democratização’ do conhecimento” (Rosa, 2018, p. 43).

Progressivamente, os suportes e as formas de registro do conhecimento começaram a adquirir diversas configurações nesse período. Os antigos rolos de pergaminho que formavam o acervo dessas bibliotecas foram substituídos por folhas desse mesmo material, e essas folhas eram costuradas em sua margem, dando

origem aos enormes códices que têm uma aparência análoga à do livro que hoje se conhece (Martins, 2002; Morigi; Souto, 2005).

Entre os séculos V a XV d.C., iniciou um processo de expansão das bibliotecas, que até então era conduzido pela formação de vários acervos no suporte pergaminho. Porém, mesmo com a substituição dos rolos por livros em formato de códice, as bibliotecas eram espaços de aprendizagem restritos a poucos, isso porque elas não eram concebidas como lugar de democratização da informação, como ocorre na atualidade. Eram depositárias de livros e locais onde imperava o silêncio (Tanus, 2018).

As bibliotecas eram consideradas espaços sagrados, quando inseridas em locais como os mosteiros e conventos. E, em um segundo momento, eram visualizadas como espaços de estudos, em locais como as universidades. O que elas tinham em comum, independentemente do local que ocupavam, é que eram utilizadas por poucos usuários, ou seja, tinham um público restrito. O que as aproximava também era o zelo pelo silêncio. Essa cultura do silêncio ainda existe em diversas bibliotecas do mundo todo na sociedade contemporânea, tendo sido uma característica constituída no período medieval e preservada até hoje (Tanus, 2018).

As bibliotecas medievais (ver Figura 8) eram bastante restritas e, em seus espaços, os livros eram salvaguardados em armários, ou *armarium*, que eram fechados à chave e muitas vezes presos em correntes. Para os medievais, as bibliotecas eram guardiãs do conhecimento e dos livros, os quais eram considerados artefatos preciosos que não poderiam ser tocados e nem manuseados por muitos (Belo, 2002; Verger, 1999; Reimão, 2004).

Figura 8 – Bibliotecas Medievais.



Fonte: <https://escrevereler.com.br/livros-protégidos-maldicao/>. Acesso em: 30 maio 2023.

Outro fator que também contribuiu para a expansão das bibliotecas medievais foi o aparecimento cada vez mais intenso das cidades e das universidades; assim, os livros que eram inseridos nas bibliotecas passaram a ser visualizados como “uma necessidade ligada aos ensinamentos, não apenas religiosos, mas científicos”. Outros fatores constitutivos que alargaram as bibliotecas medievais foram a “transição de uma sociedade oral para uma letrada [...] começando pelas camadas mais altas da sociedade – aristocracia e clero – e, por fim, incluindo todas as demais, cerca de 1.200 anos mais tarde” (Fisher, 2006, p. 132).

Embora, de um lado, as bibliotecas medievais se caracterizem como prolongamento das bibliotecas da Antiguidade, possuíam acervos menores que os da Antiguidade, haja visto que eram as primeiras bibliotecas reais e monásticas constituídas na Europa, o que não exigia ainda um processo de catalogação de livros (Fisher, 2006, p. 183). Essa característica contribuiu para a formação de um acervo precário, já que as fichas produzidas pelas pessoas que atuavam nela dificultavam o acesso às estantes e até mesmo às listas que eram vias de acesso a elas.

Em muitas das obras, colocavam-se apenas as iniciais dos textos, principalmente quando os títulos não eram oficiais; sendo assim, raros eram os autores listados em ordem alfabética. Tanus (2018, p. 265) informa que os “catálogos constituíam, feitos dessa maneira, uma espécie de lista bibliográfica, um inventário descritivo, o que refletia uma técnica pouco elaborada”. Também utilizavam a catalogação por assunto, o que era uma prática não comum, sendo que esse tipo de organização foi adotado a partir do século XI, na França.

A cultura das bibliotecas no período medieval é marcada pela presença de copistas, homens que realizavam o trabalho de copiar textos. As cópias constituídas por esses homens eram realizadas por meio dos *scriptoria*, situados em mosteiros e conventos estabelecidos por ordens religiosas advindas dos franciscanos, dominicanos e beneditinos. Mais tarde, as bibliotecas contemplaram espaços nas universidades (Battles, 2003). Com essa expansão, começaram a atender mais às suas especificidades e delimitaram a sua identidade, diferenciando-se umas das outras. Os principais tipos são os seguintes:

1) As bibliotecas monacais (e entre elas inserimos tanto por afinidade, como por suas origens históricas, a Biblioteca do Vaticano); 2) As bibliotecas das universidades e as bibliotecas particulares, mesmo as que eram constituídas pelos reis e grandes senhores pertenciam-lhe a título, por assim dizer privado ou pessoal; posteriormente é que, por motivo de uma evolução natural, elas se transformariam em bibliotecas oficiais e públicas; 3) Os mosteiros e conventos que se definiram no período medieval como bibliotecas até arquitetonicamente (Santa Anna, 2015, p.140).

Na Idade Média, clérigos literários exerciam práticas de apagamento de informações de obras por meio da cultura de “atear fogo a livros em fogueiras”, garantindo que o conhecimento contido na obra “apagada” não influenciasse ações contra a Igreja. Isto, portanto, era uma tentativa de coibir o enfraquecimento do poder da Igreja (Sousa, 2017, p.14). Entre as mais famosas bibliotecas conventuais da Idade Média, são citadas as do Monte Atos, na Turquia, bem como as que nasceram no Ocidente por influência do monge Cassidoro, no século VI.

Os mais famosos desses conventos bizantinos foram o *Studion*, com sua oficina de copistas e a sua biblioteca, e o Claustro de Santa Catarina, junto ao Monte Sinai. É ainda em Constantinopla que se encontram algumas das maiores bibliotecas que, por convenção, chamam-se de particulares, isto é, mantidas por imperadores e grandes senhores e que, subsequentemente, foram transformadas em bibliotecas

oficiais. Posteriormente, as bibliotecas se laicizaram, destacando-se desde logo a da Universidade de Oxford, denominada de “Bodleiana” (Sousa, 2017).

As primeiras universidades são um prolongamento das ordens eclesiásticas: franciscanos e dominicanos dão contribuições constantes à origem de grande parte delas. A própria Universidade de Paris adotou o nome de um religioso, Robert de Sorbon, o qual iniciou sua biblioteca com a doação dos primeiros livros. As bibliotecas universitárias eram consideradas como locais sagrados e, para adentrar esses espaços, era necessário estar devidamente trajado com beca e boné, manifestando-se assim o devido respeito pelo local. As bibliotecas universitárias da Idade Média se desenvolveram mais intensamente no decorrer do século XV, quando as riquezas materiais das universidades aumentaram (Martins, 2002).

Sintetizando os grandes acontecimentos decorridos na Idade Medieval relativos à cultura das bibliotecas, Rosa (2018, p. 56) afirma que: “A Idade Média foi um período de grandes transformações que influenciou todo o contexto social, político, econômico e cultural em torno do livro e das bibliotecas, produzindo um cenário para que novas demandas fossem criadas”. É também nesse período que aparece, conjuntamente ao livro, a figura do bibliotecário. Destaque-se que o ato de organizar os registros existentes configura a gênese do labor biblioteconômico, o qual permitiu que a memória da humanidade, a fim de ser preservada, “fosse administrada por pessoas especializadas, cujas funções não se limitavam apenas à tarefa de preservar a informação, mas também, a organização, de tal forma que a menor unidade pudesse ser perfeitamente localizável” (Santa Anna, 2015, p. 143).

No início da organização dos registros existentes, o responsável em conservar e preservar os livros se configurava como um organizador que existia para facilitar as incursões dos curiosos no universo do conhecimento, evidenciando-se “como um devotado e estranho guardião do saber” (Milanesi, 2002, p. 16). Os profissionais que laboravam nas bibliotecas caracterizavam-se como simples sábios, detentores da totalidade do conhecimento armazenado na unidade, o que lhes confere a atribuição de um papel humanista e erudito (Santa Anna, 2015, p.144). Essa nova ordem contribuiu para o aperfeiçoamento da imprensa, modificando a cultura das bibliotecas, já que a produção intensa de publicações aumentou o acervo de livros. Este novo cenário inicia outra fase das culturas das bibliotecas, a modernidade, período histórico caracterizado por avanços da produção dos livros impressos, dos tipos móveis, o que possibilitou novas formas de impressão.

Esse processo permitiu um novo olhar sobre a busca do conhecimento, da leitura, da escrita, bem como das formas de organização e recuperação da informação. Modifica-se a lógica de atuação das bibliotecas e suas funcionalidades enquanto espaços de produção cultural. A nova ordem das bibliotecas modernas influenciou “a esfera da história [...] das bibliotecas, deixando para a Idade Moderna uma tarefa – a de organizar e controlar a massa de materiais que foram ao longo do tempo se multiplicando” (Rosa, 2018, p.54).

A história da biblioteca dos fins do século XVI é vista como um processo contínuo de transformações que se identificam ou hibridizam por quatro características, sendo elas: laicização; democratização; especialização; socialização da cultura participando ativa e efetivamente da vida das comunidades em que se fazem presentes. Sua existência social “se torna mais notável, um exemplo disso é a criação de bibliotecas circulantes e volantes que objetivam atingir grupos sociais que não têm acesso aos grandes centros” (Martins, 2002, p. 323-325).

O Iluminismo, igualmente chamado de Século das Luzes e Ilustração, foi um movimento intelectual e filosófico que dominou o mundo das ideias na Europa no decorrer do século XVIII, "O Século da Filosofia". Emerge, nesse contexto, a biblioteca baseada na democracia e na especialização, tendo como consequência a socialização (Martins, 2002). Nesse processo, a biblioteca deixa de ser depósito de livro para ser uma fonte de informação, tornando-se mais atuante, pois os usuários dispõem da informação de acordo com suas necessidades. Já na metade do século XIX, por sua vez, subsequente à consagrada Revolução Industrial, que delineou as drásticas transformações políticas e socioeconômicas que fizeram parte da sociedade, nota-se alterações na função da biblioteca, a qual tinha características tão somente de armazenadora e passou a assumir uma função social abrangente. Sob o prisma de Darnton (2010, p. 27), no século XIX, “os campos [de conhecimento] se transformaram em profissões, certificadas por doutorados e protegidas por associações profissionais, e se metamorfosearam em departamentos de universidades”.

Quando o século XX chegou os campos de conhecimento já haviam deixado sua marca nos departamentos de cada área de conhecimento — a química tinha sede neste prédio, a física naquele, a história fica aqui, a matemática ali, e no centro de tudo estava uma biblioteca, geralmente projetada para se parecer com um templo do saber. Ao longo do caminho, periódicos especializados brotaram por todos os campos

e subcampos. Eram produzidos pelas sociedades científicas e comprados pelas bibliotecas.

A percepção que emerge desse contexto é de que a biblioteca, como armazenadora de conhecimento, tem como funções essenciais favorecer a divulgação dessas informações que se encontram contidas em seu acervo, e desenvolver não apenas a instituição, mas também o ser humano (Santa Anna, 2015). A biblioteca se constitui, assim, com um artefato destinado a contribuir na organização do que era concebido e do conhecimento armazenado.

Uma característica do cenário contemporâneo é o surgimento de bibliotecas especializadas, que levam essa denominação devido à especificidade de seu acervo, que costuma ser constituído por documentos de uma determinada área do conhecimento. Há também bibliotecas especializadas dentro de empresas que auxiliam os colaboradores na transmissão de informações relativas à área de atuação e negócio da empresa. De maneira geral, a biblioteca especializada está vinculada a uma instituição pública ou privada (Caribe, 2017). Destaca-se também que “o papel das bibliotecas especializadas estava restrito ao de um repositório, como um local para centralizar informações, tendo ao longo do tempo emergido as funções de referência e fornecimento de informação” (Caribe, 2017, p.192).

As bibliotecas passaram a se adaptar e a se modificar consoante a nova realidade imposta à sociedade pelas TICs (Medeiros, 2010). Mais adiante, modernizaram-se, como a totalidade das organizações/instituições que estão direta ou indiretamente ligadas às TICs. Além de emprestar livros e disponibilizar novos canais de comunicação para o usuário, a biblioteca passou a ter máquinas fotocopadoras dentro de suas dependências e permitiu que usuários copiassem parte dos registros para o uso próprio, sem ter necessidade de pegar o livro como empréstimo. Esses exemplos demonstram que a biblioteca evoluiu e evolui em função das TICs, mas também em grande parte em função dos usuários (Brito, 2010).

A verdade é que as bibliotecas estão a serviço do homem e como este é mutável, não faz sentido sua inércia no tempo. Esse crescimento gradativo evidencia a capacidade de adaptação dos profissionais bibliotecários e suas propostas de labor, demonstrando que a “biblioteca, devido à sua capacidade flexível e adaptativa, perdurará por tempos perenes, acompanhando a humanidade enquanto ela existir” (Santa Anna, 2015, p.141). Índícios prospectivos evidenciam o advento de novas oportunidades e potencialidades atribuídas aos bibliotecários, a fim de se adaptarem

às novas tendências. Concerne a uma mudança de postura social, de personalidade, de comportamento, de escolhas, desejos e valores, entretanto “a essência pela produção de conhecimentos continuou, continua e continuará no mesmo desmembramento no decorrer dos tempos” (Santa Anna, 2015, p.152).

2.4 A biblioteca digital

Para iniciar esta seção, trago uma citação do historiador Frédéric Barbier (2018, p. 441) por meio de sua obra “*História das bibliotecas: de Alexandria às Bibliotecas Virtuais*”:

[...] as bibliotecas enfrentam vários desafios neste novo milênio, uma vez que as transformações sociais, culturais, científicas e tecnológicas têm impactado diretamente as estratégias de ação, a mediação da informação, os objetivos dos serviços prestados e as finalidades dos produtos elaborados aos diferentes públicos. Em relação aos desafios contemporâneos, podem-se citar as novas formas de ensino-aprendizagem, que são: cursos à distância, salas de aula virtuais, materiais didáticos e científicos em repositórios institucionais; a interação com as tecnologias de informação e comunicação (TICs) móveis, por exemplo, o tablet, o smartphone; as novas formas de mediação relacionadas às necessidades/demandas da sociedade em rede; o desenvolvimento da competência em informação no público usuário, para que saibam manejar a informação no ambiente eletrônico e digital; o acesso aberto (open access) e gratuito à informação (copyleft); entre outros. Esses são desafios que exigem uma nova maneira de atuar, um novo papel a cumprir junto ao público usuário.

Diante desse cenário repleto de desafios, uma das transformações mais radicais para as bibliotecas é a sua desmaterialização como decorrência da transformação dos livros físicos para os digitais, o que se tornou possível devido ao processo da digitalização, que consiste em transformar qualquer informação em *bits* de computador. A digitalização dos livros é a mais recente das inúmeras revoluções relacionadas com a escrita, o livro e as bibliotecas. A mais conhecida foi a invenção da imprensa de Gutenberg. Ela é um divisor de águas quando se fala sobre livros e disseminação da informação.

Com o advento das TIC, tornou-se possível produzir e distribuir conteúdo em formato eletrônico, o que gerou uma nova revolução na cultura do livro e da biblioteca, possibilitada pela facilidade de acesso à informação devido ao surgimento da *internet* e da rede mundial de computadores. As produções deixam de ser apenas impressas e começam a existir também em formato eletrônico. Esses processos foram introduzidos, desde muito cedo, no campo das revistas científicas no meio acadêmico,

que passaram a ser disponibilizadas em sites específicos voltados para publicações científicas. Ao mesmo tempo, também surgiram diferentes plataformas de livros digitais, algumas com intuítos claramente comerciais e, portanto, mais identificadas com as livrarias físicas; e outras que se alinham com a tradição das bibliotecas contemporâneas.

No campo das Ciências da Informação, esse processo de propagação das plataformas que disponibilizam livros eletrônicos fez com que houvesse uma redefinição do próprio conceito de biblioteca. Em vários artigos científicos da área, já na década de 1990, teve início um discurso em torno das “bibliotecas do presente”, ou melhor, as bibliotecas ditas do “futuro”, que disponibilizariam apenas livros em formato digital.

No que se refere à nomenclatura utilizada para se referir a esse novo fenômeno, Cunha (1999, p.195) afirma que “a biblioteca digital é também conhecida como biblioteca eletrônica (termo preferido pelos britânicos), biblioteca virtual (quando utiliza os recursos da realidade virtual), biblioteca sem paredes e biblioteca conectada a uma rede”. A biblioteca do “futuro” configura “aquela que utiliza amplamente a tecnologia eletrônica”. [...] não somente na literatura nacional, mas também na internacional, não existe consenso sobre a definição de biblioteca digital, biblioteca eletrônica e biblioteca virtual” (Machado, 1999, p. 215). Como se percebe, Biblioteca Eletrônica, Biblioteca Virtual e Biblioteca Digital são as nomenclaturas mais comuns usadas, no campo das Ciências da Informação, para caracterizar as atuais plataformas de livros digitais.

A biblioteca eletrônica, em conformidade com Marchiori (1997, p.115), “refere-se ao sistema no qual os processos básicos são de natureza eletrônica, o que implica ampla utilização de computadores e de suas facilidades na construção de índices *on-line*, busca de textos completos e na recuperação e armazenagem de registros”. Em relação aos usuários, a biblioteca virtual busca agilizar os materiais bibliográficos, selecionando-os entre a vastidão de documentos disponíveis. Os usuários podem escolher entre consultar a biblioteca no momento em que elas estão abertas ou acessá-las remotamente, quando desejarem, de suas próprias mesas e casas (Pereira; Rutina, 1999). A vantagem é que os materiais estão sempre à disposição (nunca emprestados ou sendo encadernados), prescindindo, por isso, de cópias dos documentos buscados, já que a coleção pode até mesmo não existir

fisicamente, caso se organize e se invista em recursos tecnológicos, para o acesso a coleções depositadas em qualquer parte.

As Bibliotecas Digitais são definidas, por profissionais das Ciências da Informação, como universos constituídos por meta-plataformas, especialmente por Bibliotecas Virtuais, Repositórios Temáticos e/ou Institucionais, Repositórios de Pesquisa Científica, entre outros. Os repositórios digitais são coleções de informação digital, como o *Research Gate*, com o potencial de autoarquivamento dos itens, sendo necessário cadastro do usuário da informação. É um espaço em que se encontra o item na íntegra, e o acesso pode ser *Copyleft*, significando que qualquer usuário da informação pode copiar e/ou reproduzir. Eles podem ser repositórios digitais temáticos com ênfase em uma área do conhecimento e temática específica. Os repositórios digitais institucionais como plataforma são mantidos por uma instituição acadêmica e comercial (Gusmão *et al.*, 2017).

Os Repositórios de Dados de Pesquisa referem-se à Ciência Aberta, plataformas voltadas para apoiar a seleção, catalogação, arquivamento, acesso e compartilhamento de dados de pesquisa. Essas plataformas têm como objetivo fundamental garantir o acesso contínuo e aberto - agora e no futuro - aos resultados de pesquisa que se manifestam na forma de dados, considerados parte importante do patrimônio digital da humanidade (Sayão; Sales, 2016). Isso implica dizer que as Bibliotecas Digitais incluem itens informacionais no âmbito das possibilidades literárias, artísticas e científicas, em muitos formatos, como mapas, textos, fotos, gravações e filmes e objetos informacionais digitais, seja na faceta apenas bibliográfica (Cunha, 1999; Castro, Santos, 2009; Puntoni, 2009; Sayão, Sales, 2016). Baseados nos principais objetivos da Biblioteca Humanitas (2018), a Biblioteca Digital objetiva: Promover a compreensão cultural e educacional; expandir o volume, valor, veracidade, variedade e velocidade de conteúdo cultural na Internet; fornecer recursos para educadores, acadêmicos e público em geral; desenvolver capacidades em instituições parceiras, a fim de reduzir a lacuna digital dentro e entre os países.

Do ponto de vista de seu funcionamento, os profissionais das ciências da informação costumam destacar algumas características principais, tais como as seguintes:

- a) Acesso remoto pelo usuário via computador conectado a uma rede;
- b) Emprego simultâneo do mesmo documento por duas ou mais pessoas;
- c) Inserção de produtos e serviços de uma biblioteca ou centro de informação;
- d) Existência de coleções de documentos correntes onde se pode acessar não apenas a referência bibliográfica, mas até o seu texto integralmente. O

percentual de documentos retrospectivos inclinará a se elevar à proporção que novos textos forem sendo digitalizados pelos inúmeros projetos em execução; e) Provisão de acesso em linha a outras fontes externas de informação (bibliotecas, museus, bancos de dados, instituições públicas e privadas); f) Uso de forma que a biblioteca local não precisa ser dona do documento requisitado pelo usuário; g) Utilização de vários suportes de registro da informação tais como texto, som, imagem e números; h) Existência de unidade de gerenciamento do conhecimento, que insira sistema inteligente ou especialista para auxiliar na recuperação de informação mais relevante (Cunha, 1999, p. 258).

Dentre as áreas das Ciências da Informação, a Biblioteconomia é a que mais tem sido afetada por esse novo cenário. Os profissionais dessa área são geralmente encarregados da administração de bibliotecas híbridas e, sobretudo, das bibliotecas digitais. Isso ocorre porque, no Brasil, a Biblioteconomia se estrutura por três eixos: profissional, mercado- trabalho; social-cultural e técnica-TICs (Silva; 2019; Castro, 2000). Uma das várias mudanças provocadas por esse novo cenário no campo da biblioteconomia diz respeito às práticas do bibliotecário, cuja função estava, por tradição, intrinsecamente ligada a um produto físico (o livro) e a um local (a biblioteca), e o atendimento aos leitores estava condicionado ao transporte físico destes até esse local para acessar a informação desejada. No contexto das plataformas com livros digitais, o bibliotecário deverá se especializar mais em redes do que ser um *expert* em aquisição ou catalogação.

Deve ser destacado que os problemas para se constituir uma biblioteca virtual/eletrônica não são concernentes somente à tecnologia, principalmente aos cenários comerciais, legais, culturais e profissionais. Esse panorama envolve propriedade do que está sendo concebido, integridade dos textos (depois de criados) e direitos autorais. Além disso, para suprir os requisitos fundamentais do mundo eletrônico e digital, torna-se imprescindível investimento, o que ocorre minimamente no âmbito das bibliotecas públicas e escolares. Sendo assim, “é importante que a biblioteca receba um orçamento que contemple a infraestrutura necessária para desenvolver as atividades e tarefas relacionadas que dependem de infraestrutura tecnológica” (Ribeiro; Ferreira, 2016, p. 30).

Os processos de disponibilização dos livros e demais objetos informacionais no espaço digital ocorrem, hoje, em contextos muito variados e estão fortemente marcados por interesses de diferentes instituições, principalmente, as grandes corporações de mídia, diferentes tipos de empresas, editoras, instituições de ensino e os próprios governos. Na verdade, diferentemente de projetos de acesso livro como o

Projeto *Gutenberg*, grande parte das assim chamadas ‘bibliotecas digitais’ que hoje disputam território entre os leitores foram concebidas dentro da lógica da plataformação.

3 PENSANDO A BIBLIOTECA EM UMA PERSPECTIVA CULTURAL

O objetivo deste capítulo é refletir sobre as bibliotecas de um ponto de vista cultural e, para tanto, busco fundamento no campo dos EC. Os EC surgem, originalmente, na Inglaterra, ao longo dos anos 1950, de forma mais pontual, na Universidade de Birmingham no *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS). A emergência dos EC está associada à sociedade inglesa daquela época, que passava por profundas transformações decorrentes do pós-guerra, com destaque para o processo de descolonização, a proliferação dos meios de comunicação em massa e o aparecimento/fortalecimento de certos grupos e movimentos de caráter social (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p. 37). Os primeiros pensadores ligados a esse campo procuraram se apropriar de ferramentas conceituais e de saberes de áreas diversas, com o intuito de realizar leituras do mundo que superassem visões dualistas que separam a cultura popular da cultura das elites.

Trata-se, portanto, de um campo teórico que contempla duas frentes: uma política, vinculada às transformações da sociedade inglesa; e outra teórica, com a intenção de construir um campo de investigação sem contornos disciplinares tradicionais para abordar a cultura e a sociedade. É importante destacar que a cultura, nesse campo, passou a ser compreendida em um sentido amplo, distanciando-se de perspectivas que restringiam o termo/conceito a visões elitistas, artísticas e estéticas. Dessa maneira, a cultura passou a abranger a produção do sentido em todos os âmbitos da vida social, com diferentes agentes, práticas e manifestações.

A biblioteca, dentro da perspectiva dos EC, pode ser compreendida como um artefato cultural, pois, ao mesmo tempo em que é um objeto físico construído para desempenhar determinadas funções práticas e instrumentais, também adquire inúmeros significados mais amplos, nos mais distintos contextos sociais e históricos em que está inserida. O conceito de 'artefato' remete a qualquer objeto produzido pelo ser humano com base em algum tipo de 'arte' ou 'técnica'. Marc J. de Vries, teórico da filosofia da tecnologia, em sua obra *Teaching about technology: an introduction to the philosophy of technology for non-philosophers* (Vries, 2005) traz uma síntese das discussões mais recentes sobre esse conceito, com base em pensadores como Randall Dipert, John Searle e Herman Dooyewerd.

Na perspectiva desses pensadores, o objeto natural é aquele não modificado pela ação do homem; a ferramenta, por sua vez, possui um propósito prático que

advém da modificação da ação humana; já o artefato não é apenas um objeto modificado pelo homem, mas um objeto modificado de acordo com uma ideia prévia sobre o que o objeto deveria ser. Para Vries (2005), não faz sentido insistir na diferenciação entre ferramenta e artefato e, por isso, define o artefato como qualquer objeto modificado, seja em sua propriedade física ou funcional, que atua sobre o processo de construção do conhecimento.

Em suas teorizações, Vries (2005) aponta para as dimensões sociais dos artefatos. A primeira delas contempla a função técnica, que representa as modificações que ocorrem devido às necessidades/desejos de um determinado grupo social. Nesse sentido, os artefatos são produzidos para assumirem determinadas funções. Em outros termos, os objetos naturais e materiais são transformados para atingir um objetivo prático. Recorrendo à perspectiva do filósofo Searle, Vries (2005) defende que os artefatos têm atribuições constituídas por meio de uma intencionalidade coletiva, por isto, o artefato, para além de sua função mais imediata, sempre está também atrelado a um simbolismo e a um significado.

De maneira resumida, Vries (2005) afirma que os significados mais imediatos dos artefatos estão relacionados a duas questões: uma, ligada às propriedades físicas - peso, cheiro e forma - conectada a um objetivo prático; e outra, relacionada às propriedades funcionais - a função do objeto. Ambos os aspectos dos artefatos estão inter-relacionados, pois são produzidos sentidos quando o *designer* desloca o objeto da natureza física para a funcional.

Na perspectiva dos EC, as discussões sobre os artefatos conferem centralidade à sua dimensão cultural e, por essa razão, antes de mais nada, é importante discutir o conceito de cultura. Como já foi afirmado no início deste capítulo, os estudiosos vinculados ao campo dos Estudos Culturais realizaram uma ampliação do modo como o conceito de cultura era compreendido no campo da crítica literária e da crítica da arte desde o século XIX até o início do século XX: a cultura, antes compreendida como uma manifestação vinculada às elites, às belas artes e à erudição, passa, com a virada cultural, a ocupar um lugar de centralidade na sociedade contemporânea (Hall, 1997), pois ela passa a ser vinculada à “toda ação social” (Hall, 2006, p. 1) com potencial de produzir significados. Na atualidade, a cultura, nessa acepção, assume uma posição de destaque em diversas áreas, como, por exemplo, nas Ciências Sociais, Ciências Humanas e Educação, deslocando-se,

também, para o campo político e econômico. Frente à centralidade da cultura na atualidade, também os artefatos passam a ser pensados em uma dimensão cultural.

Para os autores dos EC, o artefato constitui-se como cultural a partir dos significados que são produzidos em sociedade, pois qualquer objeto utilizado para alguma finalidade prática também está envolto em uma teia mais ampla de significados culturais. De acordo com Hall (2016), é possível afirmar que um grupo de pessoas participa de uma mesma cultura quando esse grupo compartilha de um mapa conceitual semelhante, o qual faz com que estas pessoas realizem interpretações semelhantes dos mesmos eventos e artefatos. Du Gay *et al.* (1997, p. 5) afirmam que o artefato cultural é um objeto inserido em um conjunto específico de práticas e significados, pois é pertencente à cultura. O significado cultural, por sua vez, nos fornece as diretrizes que se usa para:

[...] interpretar o mundo, a classificá-lo de modo significativo, a atribuir sentido às coisas e eventos, incluindo aqueles que nunca vimos ou experienciamos na vida real, mas que ocorrem em filmes, romances, fantasias... Significados transpõem o fosso entre o mundo material e o “mundo” no qual a linguagem, o pensamento e a comunicação ocorrem - o “mundo” simbólico (Du Gay *et al.*, 1997, p. 5).

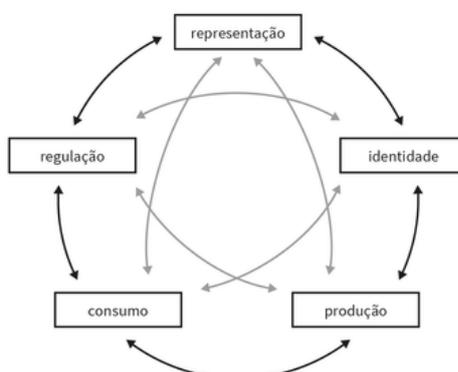
No texto *Praticando estudos culturais: a história do walkman da Sony*, Du Gay *et al.* (1997, p. 5) analisam o *Walkman da Sony* como um artefato cultural. Em seus termos, esse aparelho pertence à nossa cultura “porque construímos, para ele, um pequeno mundo de significados, e este associar o objeto ao significado é o que faz dele um artefato cultural. Significado é, então, intrínseco à nossa definição de cultura”. Nos termos de Hall (1997, p. 4), “significados são também produzidos sempre que nos expressamos, fazemos uso, consumimos ou nos apropriamos de ‘coisas’, culturais, isto é, quando são incorporadas de diferentes maneiras aos rituais do dia-a-dia e às práticas da vida cotidiana, dando-lhe dessa forma valor de significância”. Visualizar o *Walkman da Sony* como um artefato cultural permite realizar uma associação entre esse objeto e os diferentes grupos sociais a que ele se destina, como também as mídias que o representaram, tais como: vídeos, *outdoors*, propaganda dentre outros. Essas mídias ajudam a produzir os significados que posicionam este dispositivo tecnológico em uma dimensão cultural, no caso, na dimensão de uma cultura tecnológica (Du Gay *et al.*, 1997).

Assim como o *Sony walkman*, a biblioteca também é um artefato cultural. Durante a Idade Média, por exemplo, as bibliotecas eram espaços restritos a religiosos e às cortes e, por isso, eram vistas como ‘museus de livros’. Com a invenção dos tipos móveis de Gutenberg, por sua vez, o livro passou a ser produzido industrialmente, ampliando o acesso à leitura, o que, por sua vez, alterou o funcionamento e o significado cultural das bibliotecas naquele momento histórico. Milanesi (1983, p. 20-21), ao se referir a essas transformações, destaca que, nesse período,

o livro deixou de ser produzido pelo trabalho caligráfico dos religiosos, volume por volume, e passou a sair das oficinas, barateando e acelerando o processo. Do artesanato passou-se à fabricação em série. Tal fato determinou profundas transformações que marcaram a história do pensamento humano: a circulação de ideias expandiu-se, saltou, definitivamente, o muro dos conventos, chegando a um número de pessoas cada vez maior. As bibliotecas deixaram de ser tesouros para se tornarem serviços e os livros perderam o seu valor material para se tornarem material de consumo, tornando-se domésticos. Os cidadãos passaram a formar bibliotecas em suas casas, como formavam os reis pré-Gutemberg.

Visto que a dimensão cultural de um artefato se constitui pela produção de sentidos que lhe são atribuídos em práticas sociais concretas, é importante compreender os processos a partir dos quais ocorre essa produção. Os estudiosos do campo dos Estudos Culturais definem cinco processos fundamentais pelos quais são produzidos os sentidos na cultura, os quais podem ser representados pela imagem de um circuito (ver Figura 9). Em poucos termos, os sentidos que são associados a um objeto, tornando-o um artefato cultural, emergem, inicialmente, já no momento que o próprio objeto é *produzido*, mas a produção de significados também ocorre quando o objeto é consumido, representado, regulado, sendo que todos esses processos também atuam na constituição das identidades de sujeitos e dos grupos sociais associados ao objeto.

Figura 9 - Circuito da cultura de Paul Du Gay.



Fonte: Paul Du Gay (1997, p. 3).

Dentre os vários processos pelos quais os significados culturais são produzidos, é preciso destacar o processo da representação, que pode ser definido, de forma simplificada, como a produção de signos destinados a representar a realidade. Maria Lúcia Castagna Wortmann, em seu artigo *O uso de termo representação na Educação em Ciências e nos Estudos Culturais* (Wortmann, 2001, p. 156), destaca que a representação “é uma das práticas centrais na produção da cultura e um ‘momento’ chave no chamado ‘circuito da cultura’, no qual os significados são produzidos e circulam através de diversos processos e práticas”.

Para Hall (2016), existem três principais concepções filosóficas sobre a relação da realidade com as representações. A primeira é a reflexiva, onde se acredita que a representação extrai o sentido verdadeiro de algo que existe no mundo; a segunda é a intencional, que parte do pressuposto de que os sentidos das coisas são relativos ao mundo interior de quem representa; a abordagem com a qual Hall e os demais estudiosos dos EC se identificam é a construtivista, de acordo com a qual os significados não existem como entidades metafísicas e tampouco se circunscrevem à subjetividade de cada sujeito, mas são construídos socialmente por nós, por meio dos sistemas representacionais, ou seja, por meio de sistemas de signos.

Para Stuart Hall (2016, p. 40), vários sistemas de signos podem ser utilizados para produzir representações, pois “existem diferentes tipos de signos”. As imagens ou signos visuais, mais conhecidos como icônicos, “carregam, em suas formas, uma certa semelhança com o objeto, pessoa ou evento no qual faz referência” (Hall, 2016, p. 40). Já na linguagem verbal, utiliza as palavras, mas também pode produzir

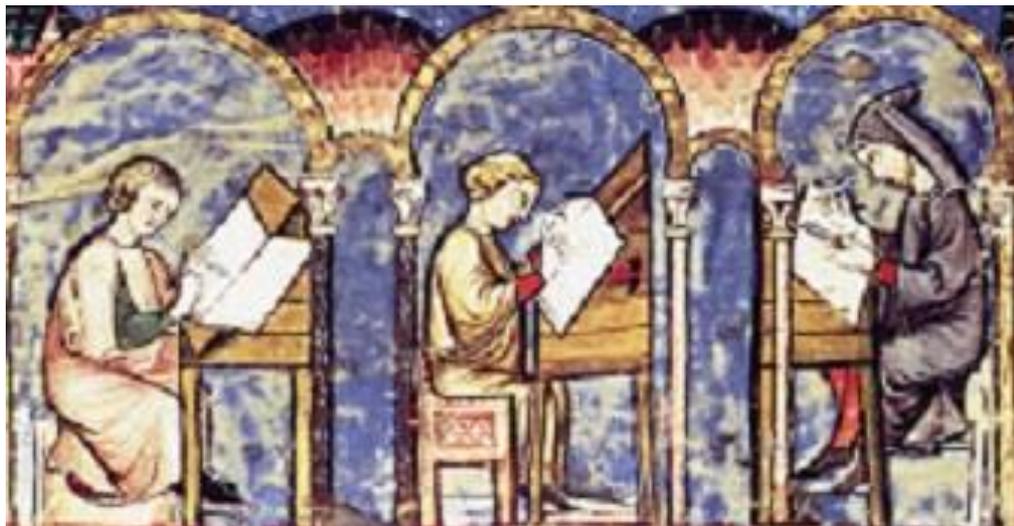
representações de pessoas, conceitos, ideias e sentimentos utilizando outros sistemas semióticos, tais como notas musicais e até objetos (Hall, 1997, p. 1). Nos termos de Hall (2016, p. 18):

Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos - sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos - para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideais e sentimentos. A linguagem é um dos “meios” através do qual pensamentos, ideais e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos [...].

É importante ressaltar que, para os EC, a representação é “uma prática, um tipo de trabalho que usa os objetos materiais e efeitos [...], cujo significado depende não da qualidade material do signo, mas de sua formação simbólica” (Hall, 1997, p. 9). Em outros termos, a representação não é definida de forma única e absoluta. É, portanto, um processo sempre “negociado e inflectindo, para ressoar em novas situações” (Hall, 1997, p. 9). Wortmann (2001, p. 157) acrescenta, ainda, a relevância desempenhada pelas relações de poder nos processos de produção de representações, as quais atuam exercendo tensionamentos que determinam, por exemplo, o “que é ‘normal’ (ou não) em uma cultura, ou quem pertence a um determinado grupo, é dele excluído”. Tomaz Tadeu Silva (1999), por sua vez, em sua obra “*O currículo como fetiche*”, afirma que a representação funciona como um demarcador cultural, pois, nela, os significados são “constantemente produzidos e intercambiados nas interações pessoais e sociais das quais participamos” (Wortmann, 2001, p. 158).

Ao longo da história, as bibliotecas foram representadas de inúmeras maneiras, seja através de signos visuais como esculturas, pinturas, seja através de signos verbais como tratados científicos, romances e poesia, seja através de sistemas de signos multimodais, como, por exemplo, a linguagem da publicidade, dos livros ilustrados, do cinema, dos quadrinhos, etc. Na representação visual reproduzida abaixo, por exemplo, é possível perceber a importância dos monges copistas na Idade Média. O *scriptorium* era o espaço em que os livros eram produzidos, na posição vertical, conforme Figura 10.

Figura 10 – Scriptorium.



Fonte: <https://www.historia.ufr.br/scriptorium/2021/apresentacao.php>. Acessado em: 01 jun. 2023.

Neste espaço também era possível verificar que os monges já estabeleciam a ordem de organização dos livros nas estantes, pois “colavam em frente da sua estante todo material que iria ser utilizado na cópia e decoração dos manuscritos, como as tintas, compassos, régulas, facas para aparar as penas, pedras [...], entre outros objetos” (Alves; Azevedo, 2017, p. 506). De acordo com Alves e Azevedo (2017, p. 507),

Todo o processo da fabricação do livro era realizado por um monge especialista chamado de Armarius. Ele tinha as funções de fornecer material para a oficina, dividir as partes para construção dos livros entre os clérigos, verificar todas as etapas da fabricação do livro (desde preparação e revisão da cópia do pergaminho até sua encadernação), além de ditar os textos que deviam ser copiados pelos clérigos. [...] Eles também faziam uma espécie de reutilização dos fôlios, que consistia no reaproveitamento das folhas, apagando seus antigos conteúdos com a utilização de pedras-pome e reproduzindo novos, técnica esta chamada de palimpsesto. Ao finalizar a cópia dos manuscritos e sua ilustração, os monges realizavam uma nota final dos manuscritos chamados de colofão, onde informavam o título da obra, nome do miniaturista e o ano em que se realizou o trabalho. Depois desse processo as folhas eram reunidas e preparadas para encadernação.

Nesse período histórico, o uso das bibliotecas era fortemente regulado através de uma rotina rígida, que estipulava a calma e a forma silenciosa de as pessoas habitarem uma biblioteca. Essa dinâmica ainda mostra a dimensão, as formas como as bibliotecas físicas são usadas atualmente. A realização da leitura era uma das tarefas destinadas apenas aos monges. É relevante apontar para a

importância da ordem dos beneditinos no contexto da cultura do silêncio que prevalecia nas bibliotecas medievais. Uma de suas regras era a seguinte: “às mesas dos irmãos não deve faltar a leitura [...] faça-se o máximo de silêncio, de modo que não se ouça nenhum cochicho ou voz, a não ser a do que está lendo” (Crippa, 2004, p. 52).

A própria organização dos livros nas estantes era feita de forma horizontal, sendo então os volumes guardados de forma deitada. Em algumas dessas bibliotecas monásticas, utilizava-se, como estratégia, exemplares acorrentados, com o intuito de ficarem próximos às mesas de estudo para os monges, como também a questão de não deslocar o manuscrito e a medida de segurança para que não houvesse chance de roubo (ver Figura 11). Além disso, para que os monges pudessem estudar e sentar-se, havia bancadas, o que aponta, portanto, para um cenário de utilização de livros de caráter mais interno do que externo.

Figura 11 - Biblioteca de Zutphen, século XVI, Holanda. Uma das três bibliotecas com livros acorrentados que ainda existem na Europa.



Na imagem acima, observa-se que os livros nas bibliotecas monásticas eram guardados por meio da corrente, e a chave ficava com o responsável pela biblioteca, que, no caso, era o *librorum* - mais conhecido como *bibliothecarius*. Este guardião da chave tinha apenas a função limitada de guardar os livros para o acesso (Martins, 1996). Esse processo foi explicado por Verger (1999, p. 117) com base em dois motivos principais:

[..] primeiro, porque o livro custava caro. Dependendo do livro era necessária uma grande quantidade de pergaminhos para produzir cada exemplar. Esse problema só foi otimizado depois do surgimento e difusão do papel no século XV. O segundo fator era o custo da cópia, pois os bons copistas eram raros e trabalhavam lentamente produzindo aproximadamente duas folhas por dia, em média.

Com a expansão das universidades, no final da Idade Média, os significados que passam a ser atribuídos às bibliotecas foram se transformando, e uma das suas principais marcas será, a partir de então, a disponibilização dos seus acervos ao maior número de usuários possível.

A partir do século XV, essa visão se tornou ainda mais comum, e as bibliotecas passaram a ser representadas como um ambiente de possibilidades, onde diferentes sujeitos dos mais diversos níveis sociais têm acesso a livros em um mesmo espaço físico. Portanto, a partir do Renascimento, as bibliotecas são ressignificadas em termos culturais. Nesse período, havia uma competição entre os grupos sociais pertencentes às elites - os príncipes, os soberanos e o papado – para a constituição das coleções mais importantes.

Também provocou mudanças significativas no campo da geografia, etnografia, navegação, comércio e outros, o que refletiu nas navegações rumo às Américas. Outra transformação quanto ao processo de regulação do uso das bibliotecas, no Renascimento, relaciona-se com a arquitetura das estantes, que passam a ser projetadas para acondicionar e preservar os livros (Figura 12).

Figura 12 - Biblioteca da Abadia de Admont, construída em 1776, na Áustria.



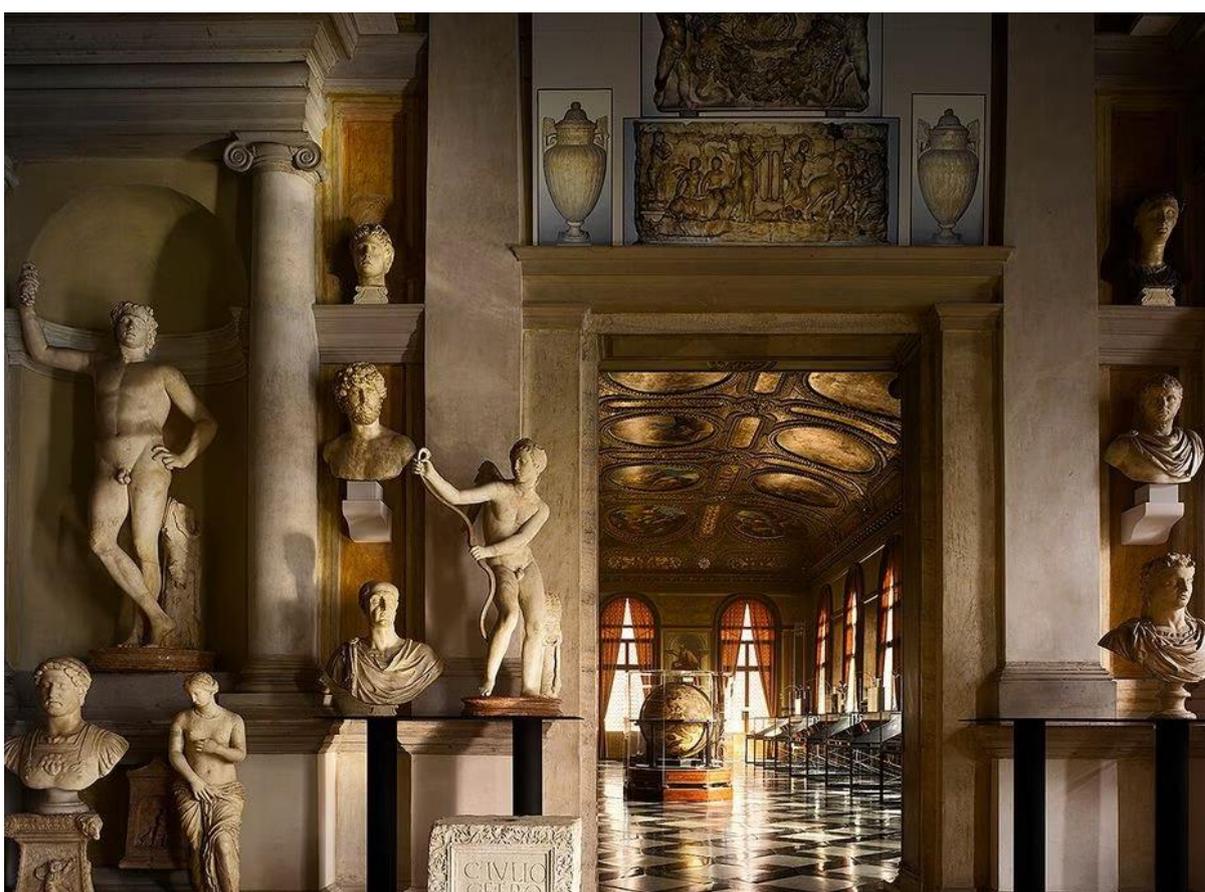
Fonte:

<https://www.estadao.com.br/alias/a-historia-das-bibliotecas-pelo-mundo-segundo-dois-pesquisadores/>. Acesso em: 21 fevereiro de 2023.

Sobre esta iniciativa, a Biblioteca do Vaticano, fundada por Papa Nicolau V, se destaca como a maior nesse período. Assim, nota-se que o Renascimento marca a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, conseqüentemente, demarcando o declínio das bibliotecas do tipo monástica para bibliotecas mais democráticas e acessíveis ao usuário.

Pensando nisto que a Biblioteca Marciana, em Veneza, arquitetada por Sansovino, a qual tinha como decoradores os pintores Paolo Veronese (ver Figura 13), possui o modelo arquitetônico e a própria forma da constituição de bibliotecas mais acessíveis e democráticas, além de que possuíam uma ordem específica. O objetivo era reunir, em um único espaço dedicado às leituras, os sábios que vinham de diversas partes do mundo.

Figura 13 - Biblioteca Marciana de Veneza, construída em 1564, uma das maiores da Itália.



Fonte: <https://www.estadao.com.br/alias/a-historia-das-bibliotecas-pelo-mundo-segundo-dois-pesquisadores/>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2023.

Outro destaque foi a biblioteca Laurenziana (ver Figura 14), em Florença, arquitetada por Michelangelo. Ela foi planejada como um espaço constituído de maneira simétrica e visava a guarda da coleção dos Médici. A arquitetura dessa época ganha destaque devido ao seu estilo barroco, os quais possibilitam identificar diversas bibliotecas reais daquele período. Dentre elas, podem se destacar a Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra.

Figura 14 - Biblioteca Medicea Laurenziana fica anexa à Basílica de San Lorenzo.



Fonte: <https://www.estadao.com.br/alias/a-historia-das-bibliotecas-pelo-mundo-segundo-dois-pesquisadores/>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2023.

É importante ressaltar que os processos de produção de sentidos na cultura também produzem identidades e subjetividades. Kathryn Woodward (2017, p. 9), em seu texto *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, defende que a identidade é relacional, isto é, depende de outra (externa) para existir, portanto constitui-se na/pela diferença; em conformidade com as teorizações Woodward (2017), a diferença institui-se por marcações simbólicas quando confrontadas com outras identidades, bem como a condições sociais e materiais.

Para finalizar esta seção, trago também a acepção sobre o conceito de pedagogia cultural, que expõe o indivíduo a uma prioridade de concepções entre as relações de ensino e aprendizagem, contribuindo para que sejam evidenciados os processos de formação do sujeito, por meio de aspectos de representação cultural, conduta e capacidade humana que possam aderir ao contexto de práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem, que produzem alterações cumulativas no nosso modo de agir, pensar, sentir e imaginar” (Watkins *et al.*, 2015, p.1).

Por isto que a proposta das pedagogias culturais deve atender a complexidade que as pedagogias promovem, tais como a interação com uma ampla gama de espaços sociais, rotinas, discursos produzidos e mesmo relações sociais e culturais. Além do mais as pedagogias culturais promovem a reflexão que perpassam as funções educativas das práticas culturais e isto se faz presente em espaços como as bibliotecas, já que conforme citado por [Andrade e Costa \(2015\)](#) são considerados locais pedagógicos tendo em vista que estes locais demonstram poder e como ele se organiza e se exerce.

Nesse sentido, c as bibliotecas, operaram na construção das identidades e subjetividades dos sujeitos em cada contexto histórico específico. Durante o período da Idade Média, como se viu, o acesso às bibliotecas era limitado a determinados grupos sociais, como monges, copistas e nobres, e vários códigos de conduta foram criados para delimitar as identidades desses sujeitos enquanto leitores e guardiões de livros. No Renascimento, por sua vez, o acesso as bibliotecas tornaram-se mais democráticos a outros grupos sociais, tais como os universitários..

3.1 A plataformização

Nos dias atuais, as plataformas digitais ocupam um espaço de centralidade cultural resignificando as relações econômicas, as práticas de lazer, os serviços, as ações de comunicação, a relação dos sujeitos com o conhecimento, enfim, produzindo novas subjetividades com potencial de operar na constituição das identidades dos sujeitos contemporâneos. Frente a tal cenário, torna-se de fundamental importância para este estudo abordar, mesmo que forma panorâmica, as principais teorizações sobre a plataformização.

3.1.1 Apresentação da teoria da plataformização

A sociedade de plataforma (Van Dijck;Poell;De Wall, 2018)) se refere a uma maneira de organização ou estrutura social que opera em torno de plataformas digitais conectadas a diversos grupos de pessoas, organizações ou entidades. Essa conectividade possibilita facilitar as trocas de produtos, serviços, informações ou interações. A sociedade de plataforma possui como principais características a

conectividade, a acessibilidade, avaliações, modelos de negócios diferenciados, inovação constante, amplificação de rede e constantes desafios regulatórios.

No que se refere à conectividade, a plataforma atua como um intermediário que conecta diferentes participantes, permitindo a interação entre eles. Isso pode ser exemplificado por aplicativos de transporte como *Uber* ou *Lyft* (ver Figura 15), que conectam motoristas e passageiros.

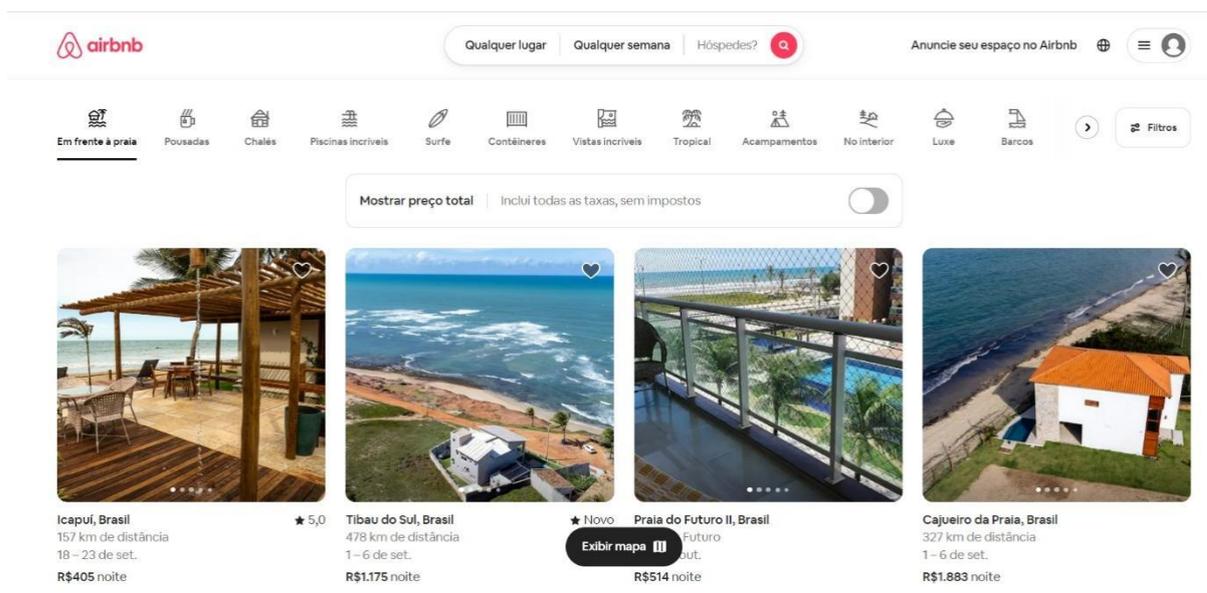
Figura 15 - Uber ou Lyft.



Fonte: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/11/uber-e-lyft-seguem-crescendo-apesar-de-alta-em-precos-de-viagens/>. Acesso em: 29 de agosto de 2023.

No que compete à acessibilidade, geralmente as plataformas aumentam a possibilidade de acesso a produtos, serviços ou outras informações que demonstram as vantagens de aderir às plataformas digitais. Um exemplo disso é o *Airbnb* (ver Figura 16), que permite que as pessoas aluguem acomodações de particulares em todo o mundo.

Figura 16 – Site Airbnb.



Fonte: <https://www.airbnb.com.br/>. Acesso em: 29 de agosto de 2023.

Quando se trata sobre as avaliações, observa-se que muitas plataformas permitem que os usuários avaliem e comentem sobre as experiências, criando um sistema de reputação que pode influenciar a confiança entre os participantes. Quanto a modelos de negócios, as plataformas operam a partir da captação de dados. As plataformas são ágeis e adaptáveis, buscando constantemente inovar para atender às necessidades de seus usuários e, por conseguinte, ampliar o número de usuários.

As plataformas promovem significativas mudanças sociais e culturais, pois influenciam e são influenciadas pelas sociedades em que operam. Nesse contexto, as práticas sociais e culturais estão sendo platformizadas. Exemplos de plataformas que estão provocando mudanças sociais e culturais incluem *Uber*, *Airbnb*, *Amazon*, *eBay*, *YouTube* e muitas outras. Essas plataformas transformaram as maneiras pelas quais as pessoas interagem, consomem produtos, serviços e trabalham, moldando a economia e a sociedade de maneiras profundas.

Diante deste contexto, um grupo de pesquisadores propõe um campo de estudos críticos sobre as dinâmicas da platformização, tais como Van Dijck, Poell e Waal (2018). Eles consideram que a sociedade de plataforma não é estática, mas, sim, um arranjo social em constante evolução. Os seus valores públicos não são fixos, mas, sim, moldados de forma contínua por diversos atores. Isso significa que as plataformas digitais não apenas refletem a sociedade em que operam, mas também

desempenham um papel ativo na construção e transformação dos valores que orientam a interação e o comportamento das pessoas conectadas.

Os valores públicos são normas, princípios e crenças que regem o comportamento coletivo e as interações em uma sociedade. Nas sociedades de plataforma, esses valores podem ser moldados de maneira mais fluida e rápida do que em sociedades calcadas em instituições tradicionais, uma vez que as plataformas oferecem novas formas de comunicação, colaboração e expressão. Isso pode resultar em desafios, como a propagação de desinformação, a polarização política e questões de privacidade, que precisam ser abordados para garantir um ambiente *online* saudável e ético.

A plataformização deriva da perspectiva de plataforma. Ela iniciou seu processo de consecução em uma maior proporção no Japão, França e Estados Unidos. A partir disto, várias áreas começaram a contribuir de forma teórica para os estudos de plataforma, dentre elas destacam-se a economia de organização industrial, gerenciamento estratégico e TI.

Em estudos realizados em diferentes áreas, o conceito de Web 2.0 foi trazido para demonstrar as modificações da Internet e a consequente adequação ao sistema de plataforma. Exemplos das empresas que começaram a investir em plataformas são o *Youtube*, *Facebook*, *Myspace* e *T1witter (atual X)*; de acordo com Langlois *et al.* (2009), se constituíam como “uma convergência de diferentes sistemas, protocolos e redes”.

Na perspectiva da Web 2.0, as plataformas caminharam pela lógica de mercado, incentivando empresas a atrair clientes reais, contribuindo para a ampliação dos seus modelos de negócio, bem como para o desenvolvimento das suas infraestruturas tecnológicas. Tais estruturas de plataforma foram foco de interesse de pesquisadores do campo da computação organizacional, sistemas de informação e estudos críticos de programação. Porém, é necessário demonstrar, como referido anteriormente, que tanto as pesquisas de negócios quando as de *software* possuem dimensões distintas sobre as plataformas, contudo, se completam de maneira significativa, isto porque “interesses e esforços de negócios para desenvolver mercados de dois lados auxiliam no desenvolvimento de infraestruturas de plataformas” (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020, p. 3).

Para Poell, Nieborg e Van Dijck (2020), as plataformas são estruturas digitais que conectam produtores e consumidores, por meio da rede mundial de

computadores. A “plataformização” é um termo que se refere ao processo de como as atividades econômicas, sociais e culturais estão sendo remodeladas e reconfiguradas através do crescimento e disseminação dessas plataformas digitais. Isso inclui mudanças na forma como os negócios são conduzidos, como as pessoas se conectam e como os serviços são consumidos. A plataformização é abordada por diferentes áreas, tais como: os estudos de *software*, negócios e economia política (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020).

Os estudos de *softwares* estão direcionados ao funcionamento técnico da plataformização, abordando a infraestrutura das plataformas e elencando sua dimensão histórica e evolutiva. Eles contemplam, ainda, as Interfaces de Programação de Aplicativos (APIs) – relacionadas ao fluxo de dados e ao desenvolvimento de *software* (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020).

Cabe destacar que essa dimensão está relacionada à perspectiva da datificação, estabelecendo, assim, as formas pelas quais as plataformas digitais vão se configurando em “dados, prática e processos que historicamente escaparam à quantificação” (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020). Essa quantificação está embutida em metadados comportamentais. Assim, a datificação é “conduzida simultaneamente por complementadores, que, de forma ativa, transformam os dados das plataformas em produtos e serviços usados nas rotinas e práticas cotidianas” (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020).

Os estudos de negócios evidenciam o potencial das plataformas para angariar vantagem competitiva, bem como o estabelecimento dos mercados multilaterais. Neste sentido, Rochet e Tirole (2003) apontam que, “para as empresas das plataformas, uma das vantagens inerentes aos mercados são as ‘externalidades’ ou efeitos de rede”. Os mercados organizam as trocas econômicas ligadas aos mercados multilaterais. Ao mesmo tempo, estão embutidas em mercados bilaterais, envolvem os chamados agregadores das transações entre os usuários finais e uma gama terceiros.

Uma outra dimensão dos estudos da plataformização envolve os aspectos ligados à economia política crítica, discorrendo sobre questões de poder e governança das plataformas globais. Van Dijck (2013) evidencia que as plataformas governam diante de políticas e contextos estabelecidos na forma de termos de serviços, diretrizes e contratos de licença que estabelecem acordos entre a forma de acesso e a utilização dos serviços de plataforma. As plataformas empregam os diferentes

instrumentos de governança por meio de mecanismos de controle que não levam em consideração as tradições políticas nem as culturas específicas.

Van Dijck e Poell (2013) discutem, ainda, os mecanismos de funcionamento de plataformas. Ressaltam a interação entre diferentes elementos para entender como as plataformas operam; segundo os autores, os mecanismos de plataforma podem “funcionar de maneira muito diferente, dependendo de como as tecnologias, modelos econômicos e práticas são implantadas e implementadas” (Van Dijck; Poell; Waal, 2018, p. 32).

Também discutem três mecanismos fundamentais de plataformas: datificação, mercantilização e seleção. A datificação refere-se ao processo pelo qual as plataformas coletam, analisam e transformam dados brutos em informações úteis. Isso envolve a coleta de dados dos usuários, que podem incluir informações demográficas, preferências, comportamentos e atividades. Esses dados são processados para gerar *insights* e padrões que podem ser utilizados para personalizar experiências, direcionar anúncios e melhorar os serviços da plataforma.

Além disso, na concepção de Mayer-Schönberger e Cukier (2013), a datificação se refere à transformação de várias facetas do mundo, que antes não eram quantificadas, em dados. Isso envolve não apenas informações demográficas ou de perfil fornecidas pelos clientes, mas também metadados comportamentais obtidos automaticamente de dispositivos como *smartphones*.

Esse processo de datificação está intimamente ligado ao avanço da tecnologia e à crescente capacidade das plataformas em rede para coletar, armazenar e analisar enormes quantidades de dados. Complementa-se que:

Embora a datificação possa ser entendida como estratégia tecnocomercial implantada pelos proprietários de plataformas, ela pode ser considerada, ao mesmo tempo, como uma prática do usuário. As plataformas coletam e analisam sistematicamente os dados do usuário; eles também circulam constantemente esses dados por meio de [APIS] para terceiros e por meio de interfaces de usuário para usuários fins, permitindo que eles rastreiem as atividades de amigos e colegas, acompanhem eventos públicos e participem da economia online (Van Dijck; Poell; Waal, 2018, p. 33).

No que compete ao mecanismo de mercantilização, as plataformas promovem transformações, na medida em que transformam atividades, emoções, objetivos e ideias *online* e *offline* em dados que são usados em trocas comerciais. Para Van Dijck, Poell e Waal (2018, p. 37), estas trocas mercadológicas são

“*commodities* [que] são avaliadas por meio de pelo menos quatro tipos diferentes de moeda: atenção, dados, usuários e dinheiro”.

Portanto, esse mecanismo se refere à transformação de dados e interações em mercadorias comerciáveis. Isso significa que as plataformas não apenas utilizam os dados para melhorar suas próprias operações, mas também os comercializam com terceiros. Isso, muitas vezes, envolve a venda de dados de usuários para anunciantes, pesquisadores de mercado e outras empresas que desejam direcionar seus produtos ou serviços de maneira mais eficaz.

E, por último, a seleção diz respeito aos algoritmos e sistemas de classificação que as plataformas utilizam para filtrar e apresentar conteúdo aos usuários. Esses algoritmos determinam quais informações, produtos ou conexões são exibidos para os usuários com base em seus dados, comportamentos anteriores e outros fatores.

Além do mais, pode-se afirmar que a seleção está ligada às maneiras como as plataformas acionam e selecionam as atividades do usuário através das interfaces e algoritmos, tendo em vista que os usuários possuem suas interações por meio de códigos de ambientes, influenciam a maneira de serem visualizados de forma *online*, assim como sua disponibilidade sobre serviços, pessoas e até mesmo conteúdo disponíveis.

Do ponto de vista dos usuários, a seleção por meio de plataformas parece mais democrática do que a seleção baseada em especialistas. No entanto, a seleção não é apenas moldada pelas práticas do usuário, mas também constituída por meio de estratégias tecno-comerciais, muitas vezes fechadas em caixas pretas. As plataformas selecionam o conteúdo e a atividade do usuário por meio de uma ampla gama de recursos e algoritmos de interface, cuja predileção e direção são tudo menos transparentes para os usuários (Van Dijck; Poell; Waal, 2018, p. 41).

Esses três mecanismos são importantes para entender o funcionamento das plataformas digitais e as maneiras pelas quais elas afetam a coleta de dados, os modelos de negócios e a experiência do usuário. Também estão relacionados com as estratégias de governanças contemporâneas, seguindo uma organização pautada na lógica neoliberal. Nesta lógica, encontram-se também várias bibliotecas digitais, as quais estão plataformizando seus serviços e produtos, enfrentando vários desafios na atualidade diante de suas transformações culturais, sociais, científicas e tecnológicas.

A datificação inserida nas plataformas digitais voltadas as bibliotecas possibilitam a obtenção de informações que contribuam para catálogos de livros, serviços de leitura, aprendizagem personalizada e outros que intensifiquem o

número de clientes que venham aderir a tais plataformas. Também ocorre o armazenamento de dados disponibilizados por quem as utiliza, além de análise de quantidades de dados.

No que compete à mercantilização, nas plataformas digitais voltadas as bibliotecas, os dados são transformados em serviços comercializáveis, os quais envolvem, entre outros: venda de *e-books*, planos de aquisição de livros, oferta de cursos, capacitação de usuários e outras modalidades ligadas a mercados diferentes de livros. A Plataforma *Bookplay*, por exemplo, utiliza dados de usuários que compraram livros digitais para vender cursos de capacitação, pós-graduação, cursos para concursos e outros, e não apenas outros livros. Portanto, este mecanismo se refere à transformação de dados e interações em mercadorias comerciáveis. Isso significa que as plataformas não apenas utilizam os dados para melhorar suas próprias operações, mas também os comercializam com terceiros.

Já, no que compete à seleção, essas plataformas mudam as maneiras de selecionar informações sobre livros e leituras, criando novos mecanismos de governança. Com suas imensas bases de dados sobre usuários, as plataformas são capazes de compreender cada vez mais o comportamento desses usuários, produzindo novas práticas de uso de livros, de leituras e outras atividades associadas historicamente com as bibliotecas.

Para compreender melhor este cenário, o próximo tópico demonstrará a constituição histórica referente aos primeiros estudos de plataformas, voltados à *Web 2.0*, bem como a evolução das mesmas e suas abordagens.

3.1.2 Breve histórico

Os primeiros projetos de plataformas que se identificaram como bibliotecas digitais foram *Gutenberg*, *Gutenberg-e* e o *Google (Google Book Search)*, que facilitaram a formação e a consolidação do que se conhece hoje por bibliotecas digitais. O Projeto Gutenberg foi concebido no ano de 1971, por Michael Hart, para ser uma biblioteca digital de livros em acesso livre. O primeiro texto disponibilizado para *download* foi a Declaração de Independência dos Estados Unidos, à qual seis pessoas conseguiram ter acesso. Logo em seguida, outros textos foram disponibilizados, como: a Declaração de Direitos, a Constituição dos Estados Unidos, a Bíblia e peças de Shakespeare (Armstrong; Lonsdale, 2011, p. 21).

A proposta do projeto foi “encorajar a criação e a distribuição de livros digitais, com independência financeira e política, com as atividades realizadas por ações voluntárias” (Ribeiro; Ferreira, 2016, p. 225). Não se tinha como proposta inicial estabelecer um padrão específico, mas, sim, disponibilizar diversos formatos, como *Hyper Text Markup Language* (HTML), PDF, *Electronic Publication* (e-PUB), dentre outros. O projeto foi concretizado de forma oficial por meio da Declaração de Budapeste, em 2002, e contribuiu para a generalização dos livros eletrônicos (Cordón, 2011, p. 7).

O segundo projeto a se consolidar foi denominado Projeto *Gutenberg-e*. Sua proposta original era promover e buscar um novo modelo de publicação de títulos acadêmicos por meio da Internet, o que atualmente se enquadra no que se denomina, no campo da Ciência da Informação, de Repositório Institucional (RI). Darton (2010) aponta dois principais modelos, sendo o primeiro ligado à revitalização de monografias na área de história para auxiliar os pesquisadores que estavam iniciando suas pesquisas. Esta iniciativa, em parceria com a *American Historical Association* (AHA), permitiu disponibilizar uma série de livros eletrônicos sobre história. A AHA, de 2000 a 2006, promoveu uma competição anual das melhores teses de história, que foram escolhidas por historiadores veteranos da área. Os primeiros *e-books* foram publicados no ano de 2002, porém, apenas dois destes trabalhos cumpriram o prazo determinado. Mesmo assim, estes *e-books* foram considerados uma solução possível, visando à diminuição dos custos e à promoção destas publicações eletrônicas.

Logo em seguida, repercutindo a viabilização dos primeiros livros digitais em plataformas, tem-se, no ano de 2007, o terceiro projeto e primeira iniciativa do *Google*, que planejou digitalizar milhões de livros. Uma de suas primeiras ações significativas para iniciar esse projeto foi a digitalização do acervo da Universidade de Harvard e de mais três bibliotecas universitárias. Após esse procedimento, os acervos seriam disponibilizados na rede mundial de computadores. “Tudo seria baseado num banco de dados que se tornaria a maior biblioteca do mundo, muito mais vasta do que qualquer coisa jamais sonhada desde a biblioteca de Alexandria” (Darton, 2010, p. 6). Esse projeto do *Google* ficou conhecido como *Google Book Search*. Segundo Darton (2010, p. 6), o *Google Book Search*:

[...] nunca decolaria sem conquistar a cooperação das bibliotecas que forneceriam os livros a serem digitalizados [...] o projeto do Google de tornar livros em domínio público disponíveis gratuitamente na internet, mas a empresa planejava vender assinaturas do banco de dados digitalizado,

composto de livros protegidos por direito autoral, e dividir a receita com os reclamantes que estavam processando a empresa.

Essa tentativa estava em consonância também com um movimento denominado de Acesso livre (*Open Access*), que surge de um contexto de alto custo de periódicos científicos que as bibliotecas universitárias adquiriam. Partiu-se do pressuposto de que o acesso ao conhecimento havia se tornado um produto de alto custo. Por um lado, tem-se a possibilidade de digitalizar livros que seriam disponibilizados por uma empresa como o *Google* e, do outro, a comercialização de periódicos científicos. Nesta lógica,

[...] digitalizar acervos e vender o produto de maneiras que não consigam garantir amplo acesso seria repetir o erro cometido quando editoras exploram o mercado de periódicos científicos, mas numa escala muito maior, pois transformaria a internet num instrumento de privatização de um conhecimento que pertence à esfera pública (Darton, 2010, p. 22).

Como afirmado anteriormente, Poell, Nieborg e Van Dijck (2020, p. 5) definem a plataformização como “a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida”. Isso se torna possível, segundo Grohmann (2020, p. 109), devido à “datificação da sociedade”, a qual é construída pelos sistemas de automatização de algoritmos que geram dados que se tornam a matéria-prima das plataformas digitais. Grohmann (2020, p. 109) acrescenta, ainda, que a obtenção de dados por meio de algoritmos não é um processo neutro, mas, sim, decorrente de uma construção social “a partir de determinados lugares e somente dão a ver algumas perspectivas em detrimento de outras”. No âmbito das bibliotecas, o processo de datificação encontra-se presente na forma como se apropria dos dados do leitor sobre determinado livro, acompanhando sua preferência ou até mesmo o tempo em que leva para lê-lo. Esta informação irá contribuir para formar as novas informações e mapear o comportamento dos usuários da biblioteca.

A incorporação da lógica das plataformas ao mundo dos livros e das bibliotecas trouxe consigo uma série de estratégias comerciais, como, por exemplo, o serviço de *streaming*, que se caracteriza pela disponibilização dos livros digitais mediante pagamento de mensalidades ou anuidades. Segundo Wachowicz e Virtuoso (2017), o *streaming* se divide em duas modalidades: não interativa e interativa. Na primeira, a interatividade quase não existe, o modelo se aproxima muito das rádios tradicionais, em que o usuário da informação não possui liberdade de escolha do que

deseja ouvir ou ver. A segunda modalidade, interativa, conhecida como *streaming on demand*, ou sob demanda, em português, configura-se como o pacote de dados que pode ser acessado quando uma pessoa desejar, como, por exemplo, as vídeo-aulas da modalidade EaD. O usuário produtor da informação pode começar uma transmissão quando desejar, como se dispusesse do fonograma, onde se enquadra o chamado *webcasting*. Também é a modalidade em que se enquadram as principais plataformas de *streaming*.

O *streaming on demand* surge como um novo agente intermediador na indústria audiovisual e capitalista. É nesta modalidade que surgem as maiores discussões que envolvem o binômio informação-tecnologia, desde as possibilidades de acesso e uso, como as questões de direitos autorais (Wachowicz; Virtuoso, 2017). Em termos gerais, pode-se afirmar que todos os serviços *on demand* são transmitidos via *streaming*, mas nem todos os conteúdos *streaming* estão disponibilizados na forma *on demand*. Na Web 3.0, o fluxo informacional é organizado de forma semântica, e o algoritmo tem a missão de compreender a interseção entre os afetos, emoções e sentimentos que compõem os comportamentos dos usuários de informação.

Recentemente, devido a esse caráter híbrido entre ‘modelo de venda de conteúdos através do *streaming*’ e a ideia de ‘uma biblioteca’, as plataformas de livros digitais têm gerado uma série de tensões. Por exemplo, o *Google Books (Google Print)* foi acusado por editores, escritores e, até mesmo, por bibliotecários de tentar controlar e obter lucro na reconfiguração do livro de modelo físico para *e-book*, por meio da digitalização em massa pelo *Google* em 2002 (Assunção; Reis, 2012). O *Google Books* acabou promovendo uma reconfiguração da rede, ainda que de forma obscura e não intencional. Assunção e Reis (2012) indicam que, de fato, o objetivo era lucrar com os conhecimentos guardados nas bibliotecas físicas tradicionais, mas as questões legais referentes aos direitos de autores, editores e outros agentes e instituições da rede, segundo essas pesquisadoras, têm sido acertadas.

3.2 Setores da Sociedade Plataformizados, com ênfase no setor educacional

Van Dijck, Poell e Waal (2018) exploram as implicações das plataformas digitais na sociedade contemporânea. Eles categorizam as plataformas em dois tipos: plataformas setoriais e plataformas estruturais. As plataformas setoriais são voltadas para setores específicos ou domínios particulares, como comércio eletrônico,

transporte, hospedagem, mídia, redes sociais, educação, entre outros. Elas são construídas para atender às necessidades de um determinado setor ou mercado. Exemplos de plataformas setoriais incluem *Amazon*, *Uber*, *Airbnb*, *Facebook* e *Twitter*.

Essas plataformas tendem a oferecer serviços e produtos específicos para os usuários, atuando como intermediários entre fornecedores e consumidores. No que compete às plataformas estruturais, desempenham um papel mais abrangente na infraestrutura digital e na organização da sociedade em rede. Elas fornecem a base técnica e as normas pelas quais outras atividades e serviços digitais são conduzidos. Plataformas estruturais podem incluir sistemas operacionais, protocolos de Internet, mecanismos de busca e outros componentes que sustentam a conectividade e a troca de informações na era digital.

De acordo com Van Dijck, Poell e Waal (2018), as plataformas estão se tornando cada vez mais influentes na sociedade, não apenas por meio dos serviços que fornecem, mas também pela forma como moldam e direcionam as interações sociais, econômicas e políticas. Eles discutem questões de privacidade, governança, regulação e os desafios de conciliar os valores públicos com os interesses comerciais que muitas vezes orientam o desenvolvimento dessas plataformas. Essa categorização de plataformas em setoriais e estruturais é um modo de entender a diversidade e o impacto dessas tecnologias na sociedade, destacando como elas influenciam diferentes aspectos da vida moderna.

Os principais setores que estão sendo plataformizados são de transporte e mobilidade, mídia e entretenimento e comércio eletrônico. O primeiro consolidou plataformas como *Uber*, *Lyft* e *Didi Chuxing*, que revolucionaram o transporte urbano, ao conectarem motoristas independentes com passageiros. Além disso, empresas estão trabalhando em soluções de mobilidade compartilhada, como aluguel de bicicletas e patinetes elétricos, usando aplicativos para coordenar o acesso e o pagamento. No que diz respeito à mídia e ao entretenimento, podem ser citadas plataformas como *Netflix*, *Disney+* e *Spotify*, que mudaram a forma como as pessoas consomem mídia, oferecendo acesso a conteúdo sob demanda através da Internet.

E, por último, o comércio eletrônico, onde grandes *players* como *Amazon*, *Alibaba* e *eBay* transformaram a maneira como as pessoas compram produtos, criando mercados *online* onde vendedores podem comercializar uma variedade de produtos diretamente aos consumidores.

No panorama educacional, as novas tecnologias foram inseridas por meio de dois cenários relevantes: o primeiro, na implementação de *hardware* e um aumento significativo de *softwares* educacionais, por volta de 1990 a 2010; o segundo momento abrange desde 2010 até os dias atuais, o que caracteriza a plataformização educacional no âmbito digital, marcada pelo mercado *EdTech*. Nesta perspectiva, torna-se importante ressaltar que, de acordo com Rivas (2021, p. 6), o mercado *EdTech* “está procurando consumidores para fornecer seus dados para expandir o poder dos algoritmos. É uma etapa de sistemas de conteúdos evolutivos combinados, gestão de alunos e avaliações de aprendizagem”.

Nesse novo cenário educacional, há diversos segmentos que integram o processo de plataformização, sendo eles: sistemas de gestão de aprendizagem, sistemas tutoriais digitais, redes escolares, sistemas digitais, plataformas de conteúdo educacional adaptativo, as plataformas de testes digitais e outros, inclusive os livros didáticos digitais, que são considerados por Rivas (2021, p. 6) como um mercado que “está crescendo por meio de plataformas que integram dados e aumentam usuários e produtores de forma conectada”.

Nesse sentido, as plataformas, no âmbito da educação, são consideradas setoriais, pois estão plataformizando práticas e serviços que fazem parte do campo educacional. Basicamente, a plataformização da educação refere-se ao fenômeno em que a tecnologia é usada para criar plataformas digitais que oferecem serviços educacionais, como cursos, aulas, recursos e interações.

Para Van Dijck, Poell e Waal (2018), a plataformização desses serviços e materiais está produzindo uma nova concepção de aprendizagem que está ligada aos valores da educação como “*Bilgung*”³, um currículo baseado em conhecimento, autonomia dos professores, acessibilidade coletiva e educação como um veículo para igualdade socioeconômica” (Van Dijck; Poell; Waal, 2018, p. 118).

Para exemplificar melhor, é possível citar plataformas setoriais educacionais como a *Altschool* e os Cursos *Online* Abertos e Massivos (MOOCs), as quais caracterizam algumas das primeiras iniciativas que compreendem a infraestrutura

³ Elemento definidor e resultado do processo cultural, *Bildung* significa, no pensamento de Hegel, a partir de sua *Propedêutica filosófica*, ruptura com o imediato e passagem do particular ao universal, mais ainda, elevação ao universal, conotando aprimoramento, engrandecimento (Suarez, 2006, p. 192).

conectiva de maneira mais ampla, que se encontra no domínio de plataformas *Big Five*⁴ (Van Dijck; Poell; Waal, 2018).

A *Altschool* (ver Figura 17) foi criada em 2013, na Califórnia, e se identifica como uma plataforma que desenvolve a aprendizagem de maneira personalizada. Seus gestores afirmam que ela facilita o processo de ensino e aprendizagem, através de uma rede estabelecida pela tecnologia, que capacita e conecta os professores, alunos e seus familiares.

Figura 17 – Representação de aprendizagem na *Altschool*.



Fonte: <https://www.wired.com/2016/10/altschool-shares-secrets-outside-educators/>. Acessado em: 01 de setembro de 2023.

Para Van Dijck, Poell e Waal (2018), a *Altschool* é uma dentre várias *startups* no cenário educacional que está ligada aos ensinos fundamental e médio, nos Estados Unidos. Suas concepções foram reforçadas e estabelecidas por investidores do Vale do Silício e, na área acadêmica, tem sido considerada como uma espécie de “Uber para a educação primária”, isto porque se estabeleceu a partir de modelos de

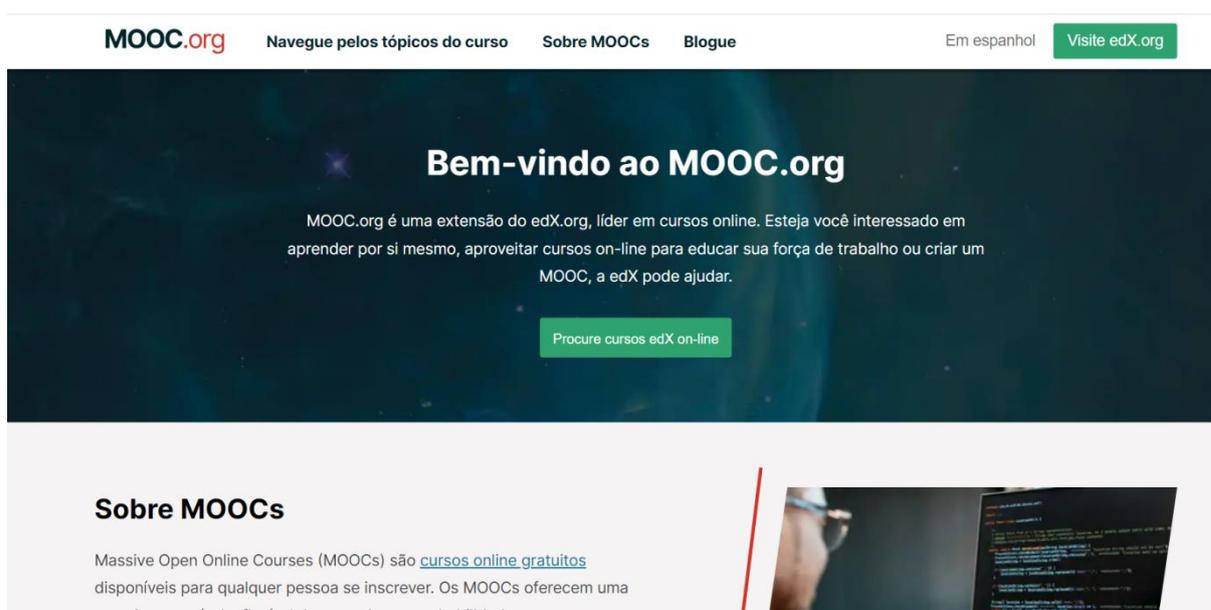
⁴ O modelo *Big Five* define a personalidade humana como uma rede hierárquica de traços, compreendidos teoricamente como predisposições comportamentais de respostas às situações da vida (Trentini et al., 2009).

negócios educacionais em larga escala. De acordo com Rodrigues (2020, p. 4), a *Altschool*:

[...] não oferece instalações físicas ou outros objetos materiais, exceto um tablet ou computador para cada aluno afiliado, e utiliza algoritmos de recomendação, a análise massiva de dados das ações dos usuários para aprimorar e personalizar sua experiência de aprendizagem e mecanismos de reputação dos estudantes com base no monitoramento de suas ações na plataforma e nos resultados de testes padronizados.

Quanto à educação superior, tem-se o exemplo dos MOOCs (ver Figura 18), conforme citado acima, que são cursos disponibilizados de maneira *online*, através da Internet, no formato gratuito. Na linguagem publicitária, esses cursos são como dispositivos que promovem o acesso democratizado para um número significativo de pessoas (Sivamuni; Bhattacharya, 2013). Para Subbian (2013) e Siemens (2013), esta plataforma educacional é identificada como aquela que desenvolve cursos gratuitos por meio de currículo compartilhado e que utiliza tecnologia como ferramenta de ensino a distância e *online*, promovendo a aprendizagem.

Figura 18 – Site do Mooc.



Fonte: <https://www.mooc.org/>. Acessado em: 01 de setembro de 2023.

A partir dos dois exemplos citados, pode-se afirmar, segundo Van Dijck, Poell e Waal (2018), que as plataformas educacionais fazem parte de um ecossistema conectivo e não podem ser consideradas isoladamente. Antes, devem ser compreendidas como partes integrantes de um ecossistema maior de mídia conectiva, no qual diferentes plataformas digitais interagem e influenciam a forma como as pessoas aprendem, ensinam e compartilham conhecimento. As plataformas digitais estão entrelaçadas com outras plataformas de mídia e redes sociais, criando um ambiente conectado no qual as informações fluem, são compartilhadas e moldam as experiências de aprendizado. Esse ecossistema de mídia conectiva pode ter um impacto significativo na maneira como os alunos acessam informações, interagem com os conteúdos educacionais e colaboram com outros alunos e professores.

As plataformas têm tido um impacto significativo no ensino superior, transformando o modo como os alunos aprendem e os professores ensinam. Rivas (2018) aponta três perspectivas sobre isso: é preciso avaliar o grau em que um sistema educacional adota e utiliza plataformas tecnológicas como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem; as plataformas influenciam a centralização das atividades educacionais; plataformas podem centralizar recursos, comunicação e interações, ou podem permitir uma distribuição mais descentralizada de atividades de aprendizagem. Por fim, Rivas (2018) destaca que a adoção de plataformas pode resultar em inovações pedagógicas mais significativas. Isso pode incluir novos métodos de ensino, modelos de aprendizagem, interações aluno-professor e aluno-aluno, que são habilitados pelas tecnologias de plataforma.

No cenário de ecologia das plataformas educacionais, fazem parte as plataformas de bibliotecas, as quais se caracterizam por disponibilizar recursos de bibliotecas físicas em formato digital, como livros digitais e outros materiais, por meio de plataformas *online*. Para Paula (2022), as plataformas de bibliotecas disponibilizam conteúdos *online* por bibliotecários que ficam encarregados da curadoria das informações e dos materiais. Assim, pode-se afirmar que as bibliotecas entram em um contexto de serviços e produtos plataformizados, atendendo à lógica do próprio segmento como plataforma setorial educacional.

Paula (2022) compartilha a preocupação quanto à plataformização das bibliotecas, que está sendo regulada por meio de um capitalismo de vigilância ou capitalismo de plataforma. Isto está presente no processo de datificação, o qual é

possível controlar os usuários e modificar a lógica de seus comportamentos diante dessas bibliotecas.

Para a pesquisadora, os bibliotecários têm um papel fundamental no sentido de checar a veracidade e a qualidade informacional, a inserção de metadados descritivos que distinguem os itens informacionais e os qualificam dentro de uma base de dados, garantindo ao usuário da plataforma de livros a excelência dos conteúdos acessados de forma *online*.

As constantes auditorias feitas em cada documento disponibilizado tornam as plataformas mediadas por Bibliotecas exemplos de gerenciamento de informações online. E essa pode ser considerada uma característica que contribui fortemente para a democratização do acesso à informação. Mas, há um outro aspecto no trabalho de plaformização da informação com o qual os Bibliotecários podem não estar tão preocupados, mas merece atenção. Esse aspecto é a privacidade do usuário. Com a interconexão e algoritimização das plataformas de acesso à informação deve-se considerar que, a partir de um perfil de busca, assimilado por motores como o google, o usuário tende a sempre receber uma mesma tipologia temática de informação (Paula, 2022, p. 6).

Diante da recorrente presença das plataformas de livros em meio ao cenário educacional, passo a dedicar maior atenção, no próximo capítulo, às plataformas Minha Biblioteca e *Pearson Higher Education*.

4 APRESENTANDO O MATERIAL EMPÍRICO

O material empírico da pesquisa foi constituído pelas plataformas Minha Biblioteca e a Plataforma *Pearson Higher Education*, por serem as duas mais utilizadas nas IES no cenário nacional. Além disso, a escolha se deu pelo fato de que estas duas plataformas estão inovando cada vez mais nos recursos tecnológicos, disponibilizando ferramentas que estão caminhando além de uma plataforma de livros, mas sim, em torno de investimento em cursos de capacitação e conseqüentemente contribuindo para um cenário de futuras instituições no meio digital.

4.1 Plataforma digital - Minha Biblioteca

A plataforma tem como missão, segundo o que consta em seu site⁵, a busca de apoio aos clientes quanto à construção e disseminação do conhecimento, por meio da qualidade e desenvolvimento da educação, tendo como base a eficiência e a eficácia de disponibilização de conteúdos acadêmicos e tecnologia inovadora. A Figura 19 expõe o modo como a plataforma se apresenta na sua página principal.

Figura 19 - Página principal da Plataforma Minha Biblioteca.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 17 de abril de 2023.

⁵ <https://minhabiblioteca.com.br/>.

A sua visão está descrita da seguinte forma: ser o principal e mais relevante agente de plataforma no mercado quanto a conteúdos acadêmicos voltados para a educação superior, possibilitando a democratização dos acessos a qualquer hora e local a diversos conteúdos de formação profissional. E, ainda de acordo com sua página inicial, busca como valores os seguintes aspectos: qualidade e excelência, inovação, colaboração, acessibilidade e envolvimento com os clientes, acionistas, parceiros, colaboradores e autores que produzem os *e-books*, além da responsabilidade social e crescimento sustentável.

Essa plataforma tem como proposta desenvolver e promover materiais de caráter universitário no cenário nacional a partir de acesso a *e-books* – técnicos, acadêmicos e científicos – para instituições de ensino superior, sendo contempladas mais de 1.100 instituições que são clientes nacionais dessa plataforma. Algumas dessas instituições podem ser visualizadas na figura abaixo:

Figura 20 - Instituições clientes da Plataforma Minha Biblioteca.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/clientes/>. Acesso em: 17 de abril de 2023.

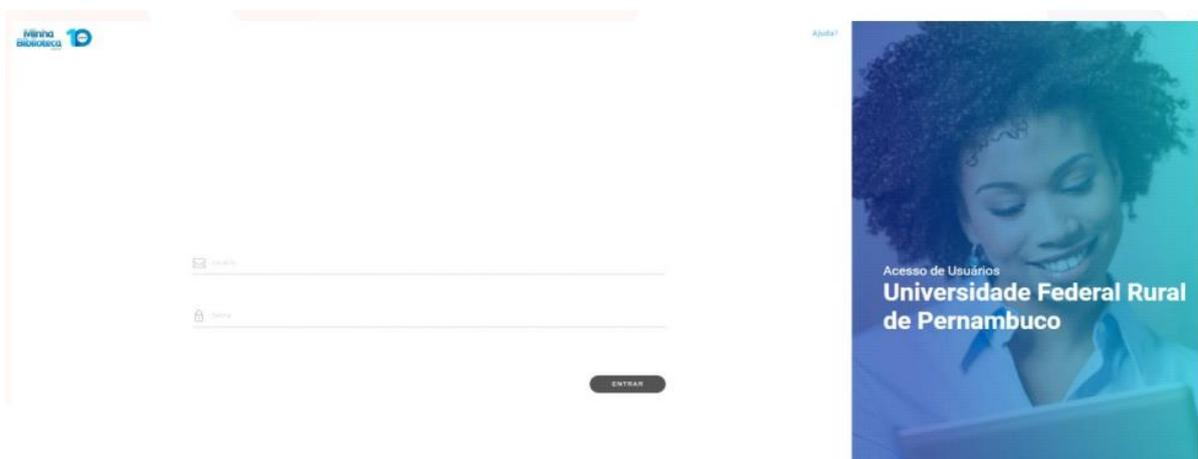
A plataforma possui uma identidade multidisciplinar, sendo contempladas áreas como Ciências Jurídicas, Ciências Sociais aplicadas, Ciências Exatas, Saúde, Medicina e Odontologia, Ciências Pedagógicas e Letras e Arte, e é dividida em sete catálogos, na língua portuguesa. Ela atende em média 400 cursos de graduação. A plataforma possui planos de assinatura, onde cada área tem o seu valor específico, sendo estes nas modalidades mensal, trimestral e anual.

De acordo com Santos *et al.* (2022), a plataforma Minha Biblioteca somente possibilita o acesso após aquisição. Esse acesso é realizado por meio de *login* e senha em caráter ilimitado, de maneira simultânea e interativa. Os recursos disponíveis aos usuários cadastrados são por:

[...] computadores ou dispositivos móveis, acesso a texto integral das obras, busca dinâmica por título, autor ou ISBN, recursos de compartilhamento e recursos de acessibilidade como: ajuste do tamanho da fonte e da cor de fundo de tela e leitor em voz alta (SANTOS *et al.*, 2022, p. 5).

Os autores citados ainda expõem a particularidade de uma instituição que aderiu à plataforma, a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). O contexto de aquisição se deu em razão da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, com caráter emergencial, na busca de fornecer fontes de informações aos estudantes, tendo em vista que a biblioteca física estava fechada. Cada cliente que contrata a plataforma possui uma página na *web*, com *designer* próprio, contendo a marca da instituição, juntamente com a da plataforma Minha Biblioteca. Nessa página principal em que ambas as marcas se encontram presentes, também se dispõe de um *login* e senha de entrada na instituição, conforme apresenta a figura abaixo:

Figura 21 – A Tela de acesso à plataforma Minha Biblioteca.



Fonte: Santos *et al.* (2022).

A instituição pode aderir à plataforma por assinatura mensal ou anual, tendo acesso a todos os catálogos, de forma geral, das diversas áreas do conhecimento em que a instituição esteja interessada. O único acesso que não é permitido é na

modalidade assinatura de títulos específicos. Segundo Santos *et al.* (2022), o acervo da plataforma encontra-se atualizado por meio de novas edições de forma automática e imediata, sem qualquer custo adicional.

Na atualidade, para promoção do acesso a *e-books*, a plataforma firmou parceria com 16 editoras acadêmicas de grande renome no mercado de livros, dentre elas, Saraiva educação, Grupo A, Manole, cujos logos podem ser visualizados na Figura 22, assim como 42 selos editoriais. O público da plataforma são professores, estudantes e profissionais das áreas em que a plataforma se foca, buscando o acesso facilitado de maneira simultânea a diversos títulos.

Figura 22 - Editoras e selos editoriais da Plataforma Minha Biblioteca.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 17 de abril de 2023.

A plataforma permite contemplar clientes que buscam também a sua biblioteca particular, atendendo pessoas físicas, cujo nicho de mercado são estudantes universitários e pesquisadores acadêmicos com assinatura por meio de catálogos segmentados por cada área do conhecimento.

Neves *et al.* (2022), ao discorrerem sobre a plataforma, demonstram que seu acervo é amplo e com 100% na língua portuguesa, abarcando o cenário nacional de publicações. Os autores relatam a realidade da Universidade de Campinas (UNICAMP), que é uma das clientes da Minha Biblioteca. O acesso que a instituição

detinha em 2022 tinha como base a utilização de maneira simultânea dos alunos e professores, por qualquer dispositivo móvel com acesso à Internet.

A usabilidade, diante dos termos da acessibilidade, se dava por meio da função de leitor de texto em voz. Esta função também possibilita realces e anotações nos textos, como também o uso de marcadores de páginas. Neves *et al.* (2022) também informam que os metadados dos *e-books* são fornecidos pela interoperabilidade para qualquer *software*, permitindo a importação ou migração dos dados. Para a gestão de acervo, são utilizados os padrões de *Format for Bibliographic Data* (MARC 21) e *International Organization for Standardization* (ISO 2709).

O material empírico selecionado e utilizado nas análises foi obtido por meio de capturas de tela com utilização do recurso *paint* para melhor resolução. As telas foram printadas, sendo oriundas tanto da própria plataforma em sua página na *web*, como de alguns clientes da plataforma. O período utilizado para captura de tela é de 02/04/2023 a 27/04/2023, sendo selecionadas 203 telas.

4.2 Plataforma *Pearson Higher Education*

A Biblioteca Virtual da *Pearson* oferece acesso multiusuário a um extenso acervo de mais de 10.000 *e-books*, abrangendo mais de 40 áreas do conhecimento. Possui um acervo diversificado que atende às necessidades de aprendizado e pesquisa em várias áreas do conhecimento.

A biblioteca virtual inclui títulos de várias editoras parceiras, mas também oferece exclusivamente títulos da editora *Pearson*. A *Pearson* é uma grande editora de materiais educacionais e livros didáticos, amplamente conhecida por suas publicações em diversas áreas do conhecimento. A biblioteca permite aos usuários fazer anotações e destacar partes do texto para facilitar o estudo e a pesquisa, como também construir listas personalizadas de livros ou materiais de estudo para organização mais eficiente.

Além do mais, oferece recursos para criar citações a partir dos materiais disponíveis, o que é fundamental para referenciar corretamente o trabalho de outros autores em trabalhos acadêmicos. Os seus cartões de estudo são uma ferramenta útil para revisar informações-chave e conceitos de maneira eficaz. Além do mais, podem definir metas de leitura pessoais para acompanhar seu progresso e se manter organizados em seus estudos.

Os títulos disponíveis na biblioteca virtual buscam estar em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), garantindo sua adequação para cursos universitários de graduação e pós-graduação no contexto educacional brasileiro.

Essa biblioteca virtual é uma ferramenta de apoio à educação, fornecendo recursos e funcionalidades que ajudam os estudantes e pesquisadores a acessar materiais de qualidade, organizar seus estudos e cumprir as diretrizes educacionais. A *Pearson Higher Education* desenvolve soluções educacionais que contribuem para o sucesso dos alunos e o futuro de suas carreiras. A plataforma disponibiliza capacitação das pessoas que aderem a mesma. Além do mais, dispõe de aprendizado personalizado, virtual, equitativo e acessível que visa atender às necessidades da evolução dos estudantes e das IES.

A plataforma investe no aprendizado personalizado e virtual para oferecer benefícios que estão disponíveis em seu site, apontando para a inclusão de flexibilidade para os alunos, portanto, o também aponta para o acesso a recursos educacionais que se vende como alta qualidade e a capacidade de atender a uma gama mais ampla de estilos de aprendizado. Também, os seus discursos vão em prol do compromisso com a equidade e a acessibilidade para garantir que todos os alunos tenham oportunidades iguais de sucesso educacional e profissional.

A história da *Pearson Higher Education* perpassa a inovação e a busca em se vender como a melhor no setor da educação. Os seus discursos produzem efeito ao consumidor de auxiliar os universitários a conquistarem cargos de prestígio e construir carreiras sólidas pensando no futuro da sociedade. Sendo assim, sua proposta é dá continuidade em adaptar às necessidades das constantes mudanças dos alunos e do mercado de trabalho que visa este objetivo proposto pela plataforma.

O material empírico selecionado e utilizado nas análises foi obtido por meio de capturas de tela com utilização do recurso *paint* para melhor resolução. As telas foram printadas, sendo oriundas tanto da própria plataforma em sua página na *web*, como de alguns clientes da plataforma. O período utilizado para captura de tela é de 02/10/2023 a 15/10/2023, sendo selecionadas 100 telas.

5 SOLUCIONISMO TECNOLÓGICO NO ÂMBITO PEDAGÓGICO, INSTITUCIONAL E COMERCIAL

O foco deste capítulo é apresentar a análise das capturas de telas evidenciadas tanto na Plataforma Minha Biblioteca quanto a *Pearson*, cujo objetivo é identificar e demonstrar por meio dos discursos presentes nas mesmas as suas representações que estão ligados ao solucionismo tecnológico, voltado a três perspectivas: Pedagógica, Institucional e Comercial que estão interligadas em apresentar ferramentas que são disponibilizadas como soluções para o setor da educação.

Neste sentido, as plataformas se alinham com o discurso do solucionismo tecnológico em suas autorrepresentações, as quais serão apresentadas, aqui, com base em capturas de tela. Tanto na Minha Biblioteca quanto na *Pearson*, há um forte alinhamento com o discurso de que as plataformas digitais trazem soluções para as Instituições de Ensino, de forma mais específica, e para o campo educacional, de forma mais ampla.

Na captura de tela da Minha Biblioteca, por exemplo, observa-se o seguinte enunciado: “*Melhor solução digital de e-books com amplo acervo multidisciplinar.* Como se percebe, nesse caso, a plataforma dá a entender que tem a solução para a questão do acesso aos livros, colocando-se em uma posição de destaque diante dos livros digitais oferecidos no mercado na medida em que dispõe de um acervo diversificado (ver Figura 23). Portanto, está é uma solução menos custosa para a IES.

Figura 23 – Plataforma Minha Biblioteca.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 09 outubro de 2023.

A Biblioteca Digital da *Pearson* também se autorrepresenta como capaz de ajudar as IES a alcançarem seu potencial máximo em termos de padrão de qualidade educacional, haja vista que promove soluções tecnológicas no cenário educacional que geram oportunidades para os alunos na construção de suas carreiras, conforme o seguinte enunciado: “*Estamos transformando a forma de aprender para ajudar os universitários a conquistar cargos de prestígio e uma sólida carreira profissional*”. No entanto, o enunciado não especifica como o uso da plataforma será capaz de levar os universitários a conseguirem cargos de prestígio, o que revela o tom fortemente publicitário desse discurso (ver Figura 24).

Figura 24 – Plataforma *Pearson Higher Education*.



Fonte: <https://hed.pearson.com.br/quem-somos>. Acesso em: 09 outubro de 2023.

Morozov (2018), no livro “*Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*”, critica as cinco grandes corporações de tecnologias digitais - *Google, Facebook, Amazon, Meta e Microsoft* -, os chamados grandes oligopólios digitais que têm seus modelos baseados na captação de dados que são disponibilizados pelos usuários que utilizam os seus serviços. Ele divide em dois pontos relevantes a sua crítica: essas empresas fazem promessas libertárias baseadas na contracultura, por meio de discursos hegemônicos em que a tecnologia contribui para a intensificação do progresso científico; a forma de determinismo tecnológico que está embutido na concepção de mundo do Vale do Silício frente aos debates públicos a economia política.

Em 2008, o mundo enfrentou uma crise financeira que teve repercussões significativas na economia global. A crise foi desencadeada, principalmente, pelo colapso do mercado imobiliário dos Estados Unidos e teve efeitos-dominó em instituições financeiras em todo o mundo, resultando em uma recessão econômica global. Morozov (2018) argumenta que, após a crise financeira, houve um aumento na importância das tecnologias e plataformas digitais no mundo. Isso está relacionado ao crescimento de empresas de tecnologia e à digitalização de várias indústrias, gerando consequências sociais. De acordo com Pimenta e Henriques (2022, p. 39), “o principal aspecto retórico que Morozov (2018) salienta é o que apresenta essas tecnologias como mais acertado antídoto para os problemas sociais contemporâneos”.

Nesse contexto, o autor introduz pela primeira vez o termo “solucionismo tecnológico”, o qual busca evidenciar a relação entre o programa político do Vale do Silício e as contradições sociais geradas por esse discurso. Tais contradições estão relacionadas à vida social dos indivíduos por meio de ações em prol das estratégias de mercado. Uma dessas estratégias está ligada ao campo da educação, conforme já mencionado.

O termo "solucionismo tecnológico" foi cunhado por Evgeny Morozov em seu livro "*To Save Everything, Click Here: The Folly of Technological Solutionism*". O termo nomeia um tipo de ideologia propagada pelos empresários do Vale do Silício segundo a qual a tecnologia, em particular a tecnologia da informação e a internet, tem a capacidade de resolver praticamente todos os problemas da sociedade contemporânea, sejam eles sociais, econômicos, políticos ou de outra natureza, como a educacional, foco deste estudo.

O solucionismo tecnológico envolve a suposição de que basta desenvolver a ferramenta ou a plataforma tecnológica certa, e todos os desafios serão resolvidos de forma eficaz e eficiente. Essa ideologia muitas vezes minimiza ou ignora as complexidades subjacentes aos problemas sociais e políticos e pode levar a uma abordagem excessivamente simplista para questões complicadas. Neste sentido, Peres (2022, p. 62) afirma que:

Morozov (2020) [...] expõe que o Solucionismo Tecnológico se transformou nas respostas das muitas perguntas e problemas criados pela sociedade; ele se tornou a alternativa estrutural a qual serviu e serve para reparar danos, efeitos e suprir as necessidades de muitas carências humanas como as redes sociais e industriais, inserindo as tecnologias no lugar do homem,

necessitando o menos possível desta mão de obra, precisando do homem apenas para dar os comandos.

Morozov (2020) argumenta que o solucionismo tecnológico pode ter consequências negativas, incluindo a falta de responsabilidade e reflexão crítica sobre as soluções tecnológicas propostas. Além disso, aponta que essa ideologia pode ser usada para justificar a coleta excessiva de dados, a vigilância e o controle por parte de empresas e governos, uma vez que a tecnologia é frequentemente apresentada como uma panaceia para problemas de segurança, saúde, educação e outros.

No caso das plataformas digitais voltadas para as bibliotecas, como foi demonstrado nos exemplos apresentados nesta seção, é possível perceber claramente a presença desse discurso, o qual é voltado para o vasto campo educacional. Nas análises que serão apresentadas a seguir, pretendo demonstrar que essas plataformas direcionam suas soluções para três principais dimensões do campo educacional: uma dimensão estritamente pedagógica; uma dimensão institucional; uma dimensão comercial voltada principalmente para instituições privadas.

5.1 Solucionismo pedagógico

O solucionismo pedagógico é um desdobramento da perspectiva do solucionismo tecnológico. Trata-se de uma visão segundo a qual as plataformas digitais voltadas para as bibliotecas trazem soluções para as questões pedagógicas que envolvem os professores em sala de aula com ênfase no processo de ensino e aprendizagem. De um lado, esse discurso pressupõe que o ensino tradicional ou analógico está em crise e, de outro lado, apresenta uma solução para essa crise por meio das plataformas.

Em outros termos, o solucionismo pedagógico parte do pressuposto de que há problemas no campo da educação tradicional ou analógica, os quais só poderão ser resolvidos por meio da tecnologia. Tais problemas estão ligados com a baixa qualidade do ensino e da aprendizagem, a falta de leitura, o número insuficiente de professores, a baixa produtividade dos alunos etc. Diante desse contexto, as plataformas digitais voltadas para o setor da educação disseminam o discurso segundo o qual são capazes de resolver essas questões através de mecanismos como a aprendizagem personalizada, os estimuladores de leitura, a digitalização dos

materiais de leitura (principalmente, = *e-books*), bem como treinamentos a distância voltados à educação, melhorando, assim, o rendimento dos alunos.

Para ser efetivo, o discurso solucionista precisa necessariamente partir do pressuposto de que algo está em crise e precisa ser reparado. Nesse sentido, uma das dimensões mais visadas, no caso das plataformas de digitais voltadas para bibliotecas, são os acervos, já que, nas bibliotecas físicas, a espera para adquirir materiais de qualidade geralmente requer tempo e necessidade de locomoção. De forma geral, o acesso aos materiais é mais limitado nas instituições físicas, pois não funcionam 24 horas por dia. Neste sentido, a solução seria a digitalização e a plataformização, pois as plataformas digitais, em comparação com as instituições físicas, seriam capazes de melhorar os acervos tanto em termos de qualidade quanto de quantidade. Apesar de ser uma prática que já existe, as plataformas digitais voltadas as bibliotecas, promovem o *marketing* de suas autorrepresentações em cima destes discursos, como forma de ampliar o acervo digital da biblioteca que adere a estas plataformas. Partindo deste pressuposto, este eixo de análise está dividido nos seguintes tópicos: a) qualidade, quantidade e diversidade (por área) do acervo; b) facilidade para o acesso. Pretendo demonstrar, a partir de capturas de telas da Minha Biblioteca e da *Pearson Higher Education*, como elas incorporam e disseminam o discurso do solucionismo pedagógico na medida em que constroem discursos sobre seus acervos digitalizados.

Na primeira plataforma, quanto ao aspecto da quantidade, a notícia de chamada reproduzida abaixo (Figura 25) tem, por finalidade, informar ao usuário sobre a grande quantidade de *e-books* disponíveis, sobretudo aqueles voltados para o meio acadêmico, utilizando o seguinte discursos: “*milhares de e-books acadêmicos [...]*”. E, ainda complementa que a cobertura desses *e-books* englobam todos os cursos no cenário nacional, por meio da frase “*[...] com a maior cobertura de cursos do Brasil*”.

Figura 25 - Apresentação da notícia dos *e-books* acadêmicos.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 02 de abril de 2023.

No que compete ao padrão da qualidade do acervo, a plataforma Minha Biblioteca ressalta que a constituição do seu acervo inclui as principais editoras de que o Brasil dispõe, sendo elas: Grupo A, Grupo Gen-Altas, Manole e Saraiva. As editoras que compõem a plataforma estão parcialmente contempladas na Figura 26, agregando 16 grandes editoras acadêmicas, bem como 42 selos editoriais. Além disso, complementa que dispõe de bibliografias que atendem mais de 400 cursos de graduação. E encontra-se disponível em 3 suportes tecnológicos; computadores, *tablets* e *smartphones*. Por isso, ela se autorepresenta como “[...] em uma plataforma prática e inovadora”.

Figura 26- Composição do Acervo da plataforma Minha Biblioteca.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 02 de abril de 2023.

O texto também expõe que a plataforma é “*desenvolvida para ser o melhor provedor de conteúdo universitário do Brasil*” (ver Figura 27).

Figura 27 – Autorrepresentação da Minha Biblioteca.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 02 de abril de 2023.

Com relação à diversidade (por área do acervo), observa-se que a plataforma Minha Biblioteca disponibiliza a composição do seu acervo por área, com obras das áreas ligadas às Ciências Exatas, Pedagogia, Direito, Medicina e Saúde, Letras e Artes e Ciências Sociais e Aplicadas (ver Figura 28).

Figura 28 - Áreas disponíveis no acervo.



Fonte: https://assine.minhabiblioteca.com.br/?_ga=2.161617660.1171272974.1680579341-29720805.1678479781. Acesso em: 04 de abril de 2023.

Com relação à plataforma *Pearson Higher Education*, como é possível observar na reprodução de tela abaixo, há mais de 14 mil títulos, 4 mil usuários, 950 instituições e editoras parceiras. Também se autorrepresenta como a “*maior plataforma de e-books universitários e de formação profissional do país*”.

Além do mais, considera-se uma plataforma pioneira no nicho de livros digitais, destacando-se em áreas como: Administração, Direito, Economia, Educação,

Marketing, Medicina e Psiquiatria. Também faz questão de expor sua premiação com denominação “*Top of Mind em Biblioteca Digital pelo Prêmio Top Educação*”, conforme mostra a Figura 29.

Figura 29 - Quantitativo de acervo da plataforma.

Biblioteca Virtual Universitária Pearson Higher Education

A maior plataforma de e-books universitários e de formação profissional do país

TOP of Mind em Biblioteca Digital pelo Prêmio Top Educação!



A Biblioteca Virtual da Pearson é uma **iniciativa pioneira** no mercado de livros digitais. Somos um acervo de títulos online e contamos com mais de **14 mil e-books de diversas áreas do conhecimento**, tais como Administração, Computação, Direito, Economia, Educação, Marketing, Medicina e Psiquiatria.

Desde 2005, a Biblioteca Virtual trabalha para oferecer uma experiência completa de leitura, com funcionalidades e diferenciais exclusivos. Hoje, já são mais de mais de **4 milhões de usuários**, contamos com mais de **30 editoras parceiras** e estamos presentes em mais de **950 instituições de Ensino Superior**.

Saiba mais sobre a Biblioteca Virtual da Pearson e enriqueça o ecossistema de aprendizagem da sua instituição!

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/plataformas-de-aprendizagem/biblioteca-virtual>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

No que compete à facilidade para o acesso ao acervo, há uma ênfase no fato de os materiais estarem digitalizados, *online*/em rede e serem intuitivos (*interface*). Também se enfatiza a possibilidade de acesso por computadores e dispositivos remotos. Além de contar com *download* de livros, por meio de um cadastro com acesso aos mesmos.

Figura 30 – Acesso aos e-books.

Um acervo de eBooks com 17 anos de história

+ 14 mil títulos

+ 4.000.000 de usuários

+ 950 instituições parceiras

+ 30 editoras parceiras

Por que escolher a Biblioteca Virtual?

A Biblioteca Virtual da Pearson Higher Education é a maior plataforma de livros digitais técnicos, científicos e acadêmicos do Brasil em consonância às DCNs e o Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia.

Ela oferece a melhor experiência para o usuário, já que conta com navegação intuitiva em qualquer dispositivo e com recursos avançados de acessibilidade, em conformidade com o World Wide Web Consortium (W3C).

Nome*

Nome

Sobrenome*

Sobrenome

E-mail institucional*

E-mail institucional

Qual é o seu cargo?*

Selecione

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/plataformas-de-aprendizagem/biblioteca-virtual>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A plataforma também retrata as suas principais funcionalidades, tais como o acesso *offline*: mesmo sem acesso à internet, o usuário irá conseguir realizar a leitura do *e-book*, conforme a Figura 31.

Figura 31 - Principais funcionalidades da plataforma.

Minha Biblioteca

SOBRE CATÁLOGOS SOLUÇÕES CONTEÚDO CENTRAL DE AJUDA CONTATO CLUBES DE ASSINATURA

Principais funcionalidades

Acesso Offline

Por meio do aplicativo Bookshelf (disponível para Android, iOS e Windows), os usuários podem acessar a plataforma em modo offline – inclusive ter acesso a reais e anotações. Esse modo de acesso é disponibilizado de acordo com o contrato.

Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

A plataforma possui também a disponibilidade de acesso ilimitado aos seus usuários, visando solucionar os problemas educacionais voltados a delimitação de um acervo físico, tais como espaço físico, horário de atendimento e outros. Neste sentido, utiliza do discurso “*tenha acesso ilimitado a livros técnicos e científicos*”.

Figura 32 – Acesso ilimitado a livros na plataforma.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/como-funciona/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

A busca personalizada é uma ferramenta da plataforma que realiza a busca de livros e gera catálogos, além de permitir explorar livros já encontrados. Esta ferramenta oferecida pela plataforma Minha Biblioteca tem filtros variados, podendo até ser exportados os resultados através de arquivos que disponibilizam a versão na ABNT. Também, segundo a plataforma, a geração do seu catálogo se dá por meio da “preferência considerando áreas de conhecimento, cursos ou livros com datas de remoção já sinalizadas”, conforme Figura 33.

Figura 33 - Busca personalizada na plataforma.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

No que compete ao segundo item de análise, a saber, a aprendizagem personalizada, há um discurso recorrente, na plataforma, segundo a qual ela permite ler e aprender de forma individualizada. Em alguns nichos do campo educacional, a aprendizagem personalizada “foi considerada a grande oportunidade proporcionada

pelo desenvolvimento da tecnologia educacional” (Costa, 2021, p. 11), e a plataforma se aproveita desse discurso para promover a venda de seus produtos e serviços.

O surgimento da personalização na educação deriva de necessidades recentes de ensino que devem ser abordadas nas atuais salas de aula multiculturais e diversificadas, com alunos com diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e com um local de trabalho com elevadas exigências profissionais a assumir. A sociedade está a desenvolver-se de tal forma que a educação tem de se esforçar e oferecer aos alunos uma formação adaptada para poderem participar na sociedade, viver como cidadãos activos e desenvolver-se no trabalho com as competências, competências e capacidades necessárias (Costa, 2021, p. 11).

Neste tipo de aprendizagem personalizada, a datificação se faz presente, haja vista que os dados dos leitores que utilizam as plataformas digitais aqui apresentadas são coletados e analisados, contribuindo para identificar o seu perfil. Isso permite percursos de leitura e aprendizagem personalizados.

Na plataforma, a personalização é explorada a partir de dois principais tópicos, na plataforma: a) o formato do material digital permite interatividade com o conteúdo; b) por ser um formato digital e interativo, o material é acessível a deficientes visuais e auditivos.

No que compete ao formato do material digital, permite interatividade com o conteúdo. A Figura 34 apresenta a maneira como a plataforma Minha Biblioteca viabiliza o seu conteúdo de forma intuitiva, além das funcionalidades (recursos) presentes. Esta forma de manuseio intuitivo é representada como um tipo de solucionismo, demonstrando que manusear os livros eletrônicos é melhor do que manusear livro impresso.

Figura 34 - Funcionalidade da plataforma.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 02 de abril de 2023.

Outra forma de interatividade é explicitada quando a plataforma Minha Biblioteca destaca a possibilidade de realizar *realces* e anotações nos textos ofertados no acervo digital que compõe essa plataforma, conforme destaca a Figura 35.

Figura 35- Anotações e realces na leitura.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

Todas essas ferramentas de leitura, destaque e marcação de textos assomadas a uma navegação intuitiva, como é retratado na Figura 36, contribuem para a plataforma fortalecer sua imagem de ferramenta tecnológica capaz de resolver certos problemas da leitura e da educação.

Figura 36 - Ensinando as formas de navegação na plataforma.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

Uma outra funcionalidade que a plataforma oferece aos seus usuários são os marcadores de página, como demonstrado na Figura 37. Sendo está uma ferramenta que foi trazida do livro físico, porém, no digital, possibilita que o usuário continue a leitura de onde parou.

Figura 37 - Marcadores de páginas para utilização na leitura digital.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

Com relação à Plataforma *Pearson*, também propaga o mesmo discurso segundo o qual a experiência de leitura nos livros digitais é superior à experiência de leitura em livros físicos, o que se revela, por exemplo, quando se apresenta a diversidade de recursos que auxiliam na experiência com a leitura: “*possibilidade de integração com outros formatos de conteúdos multimídia como galerias de imagens, catálogos, infográficos, audiobooks, aumentando o nível de adaptabilidade [...]*”, conforme figura abaixo. Isto reflete que os discursos produzidos por esta plataforma seduzem o usuário e as instituições a aderirem as mesmas como forma de solucionar seus problemas educacionais.

Figura 38 – Diversidade de recursos.

3 - Diversidade de recursos



Aqui vamos falar sobre expandir a **experiência de leitura** para outras possibilidades. A plataforma abre a possibilidade de integração com outros formatos de conteúdos multimídia como galerias de imagens, catálogos, infográficos, audiobooks, aumentando o nível de adaptabilidade, além de oferecer alternativas no **plano de aula, flexibilização de disciplinas e recursos pedagógicos**.

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/blog/biblioteca-virtual-universitaria-razoes-para-obter-acervo-digital?hsCtaTracking=f80cafdf-595e-4e17-acd7-e573922b0d5f%7C05ffb29d-e1e9-4ea8-b050-babaca9eb5d0> Acesso em: 06 de abril de 2023.

Além disso, na *Pearson*, são disponibilizados recursos como “*planos de aula, flexibilização de disciplinas e recursos pedagógicos*”. A plataforma dispõe de recurso de cartões de estudo para cada livro e está disponível de forma individual, sendo possível aos alunos o compartilhamento. Além disso, o professor poderá dividir a sua classe em grupos de alunos, os quais poderão criar *cards* com assuntos relacionados com as temáticas das suas pesquisas. Também os alunos poderão criar, nos lados dos cartões, o modelo de perguntas e respostas (Figura 39).

Figura 39 – Recurso de cartões de estudo.

O **recurso de cartões de estudo** é vinculado ao livro e disponível individualmente, portanto para que as produções individuais sejam compartilhadas é necessário usar outro recurso como por exemplo, o compartilhamento de tela em algum programa de videoconferência.

Você poderá dividir a turma em pequenos grupos e solicitar que criem 5 cards com assuntos relacionados ao tema de pesquisa. A quantidade deve ser pensada considerando o número de estudante na turma, bem como o tempo de sua aula.

Solicite que os estudantes criem conteúdos em ambos os lados dos cartões e estimule que extrapolem a lógica do **modelo perguntas e respostas**. Eles podem criar cards com afirmativas, negativas, palavras-chave, perguntas, trechos de estudo de caso, charadas etc.

É possível não só a digitação do texto no cartão, bem como a cópia de conteúdo de outro ambiente digital. Por exemplo, eles poderão estruturar o conteúdo de seus cartões em um editor de texto para depois colar nos cartões.

Na aula remota você poderá usar algum software de sorteio para que os grupos se auto desafiem. Gosto muito da ferramenta [Wordwall](#).

Em situações de coautoria e colaboração os alunos são os protagonistas e você assumirá o papel de mentor e orientador da aprendizagem. Lembre-se de que o objetivo não é esgotar todos os cartões, mas dar oportunidade para que eles desafiem uns aos outros.

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/blog/coluna-inside-higher-education/biblioteca-virtual-pearson-e-os-cartoes-de-estudo>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A plataforma descreve em detalhes o modelo de cartões de estudo que podem ser utilizados em aulas remotas. Eles estão divididos em: cartão pergunta e resposta, cartão conceito, cartão afirmativa/negativa e cartão preencha as lacunas, conforme figura abaixo.

Figura 40 – Modelo prático da utilização dos cartões de estudo em aulas remotas.

Modelo prático do uso dos cartões de estudo em aulas remotas

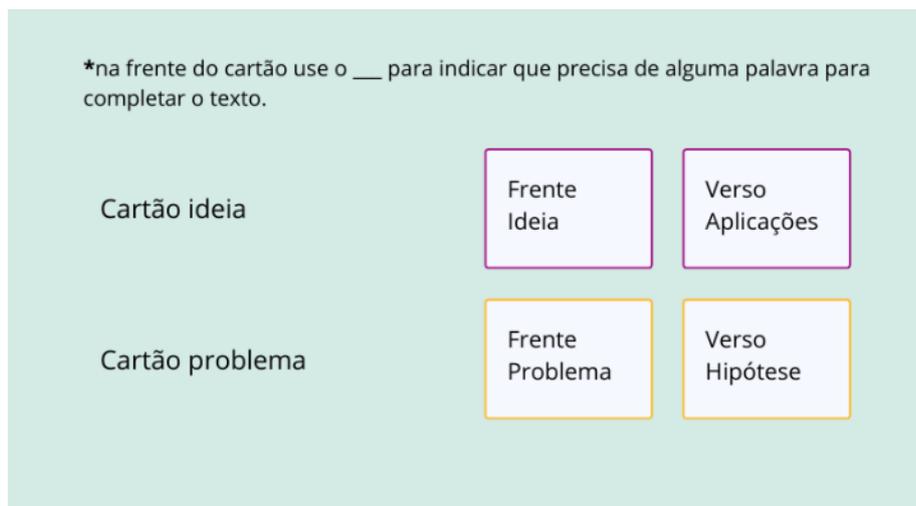
Veja alguns exemplos de uso dos cartões de estudo e aproveite para criar outros. Compartilhe suas ideias aqui no nosso Blog na caixinha de comentários que você encontrará no final desse conteúdo.

Cartão Pergunta e Resposta	Frente Pergunta	Verso Resposta
Cartão conceito	Frente Conceito	Verso Palavra-chave
Cartão afirmativa/negativa	Frente Afirmativa/ Negativa	Verso Justificativa
Cartão preencha as lacunas*	Frente Texto	Verso Dicas para o estudante pensar sobre as palavras

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/blog/coluna-inside-higher-education/biblioteca-virtual-pearson-e-os-cartoes-de-estudo>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A plataforma também utiliza de recursos relacionados a complementação do texto. Este recurso é chamado de cartão ideia e cartão problema, onde é inserido nos *e-books* alguma anotação do aluno sobre o comentário do autor no livro.

Figura 41 – Indicação de palavras para complementação do texto.



Gostaria muito de aproveitar para indicar a você um vídeo em que explico tudo sobre como estruturar e aplicar os cartões de estudo em sala de aula, assim como algumas dicas e estratégias. Não deixe de conferir para complementar o seu conhecimento sobre o assunto!

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/blog/coluna-inside-higher-education/biblioteca-virtual-pearson-e-os-cartoes-de-estudo>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A plataforma disponibiliza também um mecanismo que possibilita fazer anotações e comentários nos textos, marca-texto, sincronização de páginas e outros. A *Pearson* permite compartilhar as citações consideradas relevantes, feitas pelo leitor com esses recursos, nas redes sociais, possibilitando a interatividade e a diversão dos usuários.

Figura 42 – Mecanismos de leitura.

3 - Anotações e comentários



Essas técnicas também são muito importantes, pois ajudam a resumir uma leitura, explicar determinado trecho, dissertar sobre um parágrafo importante, memorizar um conteúdo e, claro, a criar os cartões de estudo.

A **Biblioteca Virtual Pearson** conta com um recurso de anotações e comentários, para que o estudante possa marcar as páginas essenciais, copiar trechos e escrever diretamente nos livros.

A plataforma ainda permite que ele compartilhe as citações mais interessantes nas redes sociais, o que torna o estudo interativo e divertido.

Leia também: 📖 [Infográfico] [11 diferenciais da Biblioteca Virtual](#)

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/blog/sistema-hibrido-de-ensino-beneficios-da-biblioteca-virtual-pearson>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

Além disso, os estudantes, por meio do marca-texto, podem usar cores vivas nas páginas, demarcando citações como também realçando os textos para melhor assimilar e memorizar o que está sendo lido. A plataforma ainda permite a sincronização de páginas independentemente do recurso físico utilizado, facilitando os estudos *online*.

Figura 43 – Outras ferramentas de leitura.

4 - Marca-texto

A Biblioteca Virtual Pearson oferece o recurso para que os estudantes destaquem trechos importantes com cores vivas diretamente nas páginas.

O aluno pode **evidenciar citações**, parágrafos, palavras-chave, datas, referências, locais e tudo o que achar relevante.

Aliás, a ferramenta permite a utilização de até quatro cores diferentes de marca-texto. Assim, ainda é possível realçar os conteúdos por categorias, o que ajuda ainda mais na **assimilação e memorização**.

5 - Sincronização de páginas

Muitas vezes, o estudante começa a leitura no notebook e deseja continuá-la via *tablet*, por exemplo. Dependendo da plataforma, isso não é possível. Nesse caso, seria necessário salvar a página onde parou para não se perder.

Como a intenção da **Biblioteca Virtual Pearson é facilitar os estudos on-line**, ela também ajuda nesse quesito.

Com o recurso de sincronização de páginas, o aluno pode continuar a leitura de onde parou, independentemente do dispositivo que utiliza.

Portanto, se ele gosta de ler no computador em casa e no **smartphone** durante o trânsito, vai seguir do mesmo ponto, sem nenhuma dificuldade.

O estudante ainda pode conferir destaques, marcações e interações em todos os seus aparelhos – o que, além de **facilitar as aulas remotas**, contribui para a produção de trabalhos acadêmicos.

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/blog/sistema-hibrido-de-ensino-beneficios-da-biblioteca-virtual-pearson>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A plataforma Minha Biblioteca também ressalta que o material disponível é interativo e acessível a deficientes visuais e auditivos. Na captura de tela abaixo, ressalta-se que os materiais se encontram 100% no formato digital, com possibilidade de acesso em *smartphones*, conforme figura abaixo.

Figura 44 - A plataforma se representa como a mais completa, acessível e intuitiva.



Fonte: [Biblioteca Digital para IES | Minha Biblioteca \(wengine.com\)](https://minhabiblioteca.com.br/). Acesso em: 06 de abril de 2023.

A plataforma Minha Biblioteca afirma investir também em soluções que buscam atender aos sujeitos deficientes, facilitando não apenas a acessibilidade, mas também o manuseio dos materiais. Por isso, são disponibilizados leitores de livros em voz alta, conforme figura abaixo.

Figura 45 – Acessibilidade na plataforma.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/como-funciona/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

A plataforma possui funcionalidades para as citações dos materiais didáticos no padrão de formatações referentes as normas MLA, da ABNT, Vancouver, Harvard e *American Psychological Association* (APA). Além de dispor de todos os títulos por meio de um catálogo referente aos títulos contratados pela instituição e sugestões de leitura.

Figura 46 - Vantagem em aderir a plataforma.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/blog/recursos-da-plataforma-minha-biblioteca/#:~:text=A%20plataforma%20Minha%20Biblioteca%20tem,integrada%2C%20leitura%20online%20e%20acessibilidade>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

A Plataforma *Pearson*, por sua vez, dispõe de leitura *offline*, aplicativo grátis, impressão de livros e *text to speech*. Além disso, fornece possibilidade de personalização do estudo, conforme figura abaixo.

Figura 47 – Personalização de estudo por meio da leitura.



Fonte: <https://bvirtual.pearsonhed.com/trial-30-dias-gratis#form>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

Quanto à personalização do estudo, são criadas listas de livros personalizados com base em metas de leitura de usuários, disponibilizando ferramentas de anotações e marcações de textos, citações e cartões de estudo, melhorando a experiência de aprendizagem.

A plataforma define a personalização de estudo como aquela que “[...] gera uma sensação de pertencimento à instituição e ao resto da comunidade acadêmica, pois a universidade pode adaptar a diversidade de conteúdo aos seus interesses e necessidades”. Também menciona ‘adaptabilidade’, fornecendo pesquisas eficazes e dinâmicas, passando confiabilidade ao aluno, de acordo com a Figura 48.

Figura 48 – Adaptabilidade e Personalização da leitura.

2 - Adaptabilidade e personalização

Não há como negar, as novas gerações se reúnem em uma biblioteca física como uma experiência semelhante à visita a um museu. As bibliotecas digitais não apenas se adaptam aos seus hábitos ágeis de pesquisa de informações, como também permitem **pesquisas eficazes e dinâmicas**, afastando os estudantes de sites não confiáveis.

Por outro lado, o design e a estrutura da Biblioteca Virtual universitária são geralmente responsivos, o que significa que elas **se adaptam à maioria dos dispositivos** (celulares, *tablets* ou PCs). Isso permite que os estudantes se familiarizem imediatamente com seu uso.

A personalização do estudo, por outro lado, gera uma sensação de pertencimento à instituição e ao resto da comunidade acadêmica, pois a universidade pode adaptar a diversidade de conteúdo aos seus interesses e necessidades. A **Biblioteca Digital** torna-se não apenas um repositório de livros, mas uma extensão dos conteúdos que compõem os currículos.

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/blog/biblioteca-virtual-universitaria-razoes-para-obter-acervo-digital?hsCtaTracking=f80cafdf-595e-4e17-acd7-e573922b0d5f%7C05ffb29d-e1e9-4ea8-b050-babaca9eb5d0>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A *Pearson* possui mecanismo de leitura acessível, denominado “*Text to speech*”, visando atender e incluir pessoas que possuem deficiências visuais, físicas e intelectuais. A plataforma promove o discurso de “*transformar a experiência de estudar por meio de livros eletrônicos mais democráticos e integrada*”, segundo a Figura 49.

Figura 49 – Mecanismos de leitura acessível.



O que é o Text to Speech?

Pensado especialmente para os usuários cegos ou que tenham parte da visão comprometida por algum motivo, todo o acervo da Biblioteca Virtual possui o recurso Text to Speech.

Com ele é possível ouvir uma narração do que está escrito. Dessa forma, mesmo aqueles estudantes que não conseguem efetuar a leitura total ou parcial podem ter acesso aos conteúdos dos livros digitais.

A ferramenta conta também com um controle de velocidade de leitura dos áudios, ou seja, há como diminuir ou aumentar a rapidez de acordo com a vontade do usuário e do seu acompanhamento do assunto tratado no livro.

A importância da acessibilidade digital

As pessoas que têm algum tipo de deficiência enfrentam, no cotidiano, diversos impeditivos em relação à liberdade de frequentar lugares e a consumir determinados conteúdos devido à falta de adaptação dos ambientes e materiais.

Não é raro, por exemplo, encontrar casos de pessoas com dificuldades em utilizar o transporte público por precisarem de cadeira de rodas para se locomover, mas não encontrarem veículos adaptados. Há também diversos casos de pessoas cegas que não conseguem ter acesso a livros, jornais, revistas e textos na internet, pois não há uma transcrição em braile ou audiodescrição.

Com os avanços da tecnologia, esses problemas enfrentados por pessoas com deficiências passaram também a aparecer no mundo digital. No princípio, pouco se sabia sobre como agregar todos os tipos de usuários respeitando suas limitações.

Mas hoje em dia esse tema está em constante discussão, para que as barreiras sejam cada vez menores e todos tenham acesso à informação. Uma ferramenta como o Text to Speech incentiva os alunos que tenham alguma deficiência a continuar estudando e faz com que se sintam acolhidos em uma plataforma com mais de três mil eBooks

Fonte: <https://bvvirtual.com.br/Blog/comootexttospeechdabibliotecavirtualornaaleituraacessivel>.

Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A *text to speech* é uma ferramenta da Pearson para usuários cegos ou com baixa visão, através de uma narração que se encontra disponível no *e-book*. Ela

também possibilita velocidade de leitura de áudios. Assim, observa-se que a plataforma procura solucionar problemas de inclusão de deficientes por meio da acessibilidade digital (ver Figura 50).

Figura 50 – Outras funções da Biblioteca Virtual.

Outras funções da Biblioteca Virtual

Além do recurso Text to Speech, citado acima, a Biblioteca Virtual permite que o aluno escolha configurações de leitura para melhor atender às suas necessidades.

Ele pode, por exemplo, escolher entre cinco tamanhos diferentes de fonte, para facilitar a leitura dos textos, bem como alterar a cor do fundo do site, para dar mais visibilidade. Pode também aumentar o espaço entre as linhas e palavras e ativar o modo noturno, para dar um contraste maior entre o fundo e as letras.

Esses recursos de configuração visual estão disponíveis para todos aqueles que tiverem quadro de glaucoma, daltonismo, cegueira total ou parcial, ou para qualquer pessoa que queira alterar as funções para melhorar a leitura dos livros digitais.

Como vimos, o Text to Speech é uma ferramenta importante para trazer as pessoas que possuem deficiências visuais ao ambiente de aprendizado por meio da leitura, incluindo-as no mesmo ambiente de busca pelo conhecimento que os alunos que enxergam sem grandes dificuldades.

Para transformar sua instituição de ensino em um local agregador, invista na utilização da Biblioteca Virtual!

Quer conhecer mais sobre a nossa marca? Então acesse o blog da Biblioteca Virtual!

[Como os livros digitais facilitam o acesso à leitura no ensino superior?](#)

[As vantagens de uma biblioteca virtual no ensino superior](#)

Fonte: <https://bvirtual.com.br/Blog/comootexttospeechdabibliotecavirtualornaaleituraacessivel>.
Acesso em: 12 de setembro de 2023.

No que compete ao terceiro item de análise deste eixo, a educação continuada, há uma ênfase na possibilidade de gerenciamento de aprendizagem *Brightspace*, conforme Figura 51.

Figura 51 – Parceria da Pearson com a Brightspace.

Brightspace D2L revoluciona a aprendizagem no mundo!



O LMS robusto da D2L que insere a Transformação Digital na sua IES.

Em um mundo tecnológico, a **nova era da educação** encara novos desafios para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Os alunos de hoje necessitam de flexibilidade, de modo que possam aprender de maneira fácil e estimulante onde quer que estejam.

Por outro lado, os professores precisam otimizar seu tempo para dedicar de forma estratégica às metodologias. Antenada às necessidades da atualidade e às tendências do futuro, a **Pearson Higher Education**, maior empresa de aprendizagem do mundo, apresenta a plataforma de gerenciamento de aprendizagem **Brightspace**, em uma parceria com a D2L.

Uma plataforma de **gerenciamento de aprendizagem** para instituições que realmente querem ajudar seus alunos a atingirem seu potencial máximo.

Criada para o mundo da mobilidade, a plataforma Brightspace otimiza e potencializa os processos de gestão de aprendizado. Totalmente flexível, permite um controle completo de todo o processo, oferecendo uma experiência diferenciada e única a qualquer momento e em qualquer lugar.

Mais do que um simples LMS, a plataforma combina a **funcionalidade e o suporte** que sua instituição precisa para oferecer experiências de excelência a alunos e docentes.

Tecnologia sem preocupações

MÓVEL

Aprendizagem em qualquer dispositivo.

CONFIÁVEL

99,99% de disponibilidade.

PREVISÍVEL

Atualizações fáceis e sob o controle da gestão da IES.

INTEGRAÇÃO E COMPATIBILIDADE

Baseada em padrões que permitem fácil integração com diferentes ferramentas - um sistema altamente conectado, simplificando o dia a dia dos alunos e dos professores.

SEGURANÇA

Segurança de dados e privacidade.

Quais são os diferenciais da Brightspace by D2L?

- Experiência personalizada.
- Acesso a qualquer momento e em qualquer lugar.
- Criação de cursos completos, de maneira fácil e intuitiva.
- Relatórios diversificados.
- Acessibilidade e segurança.

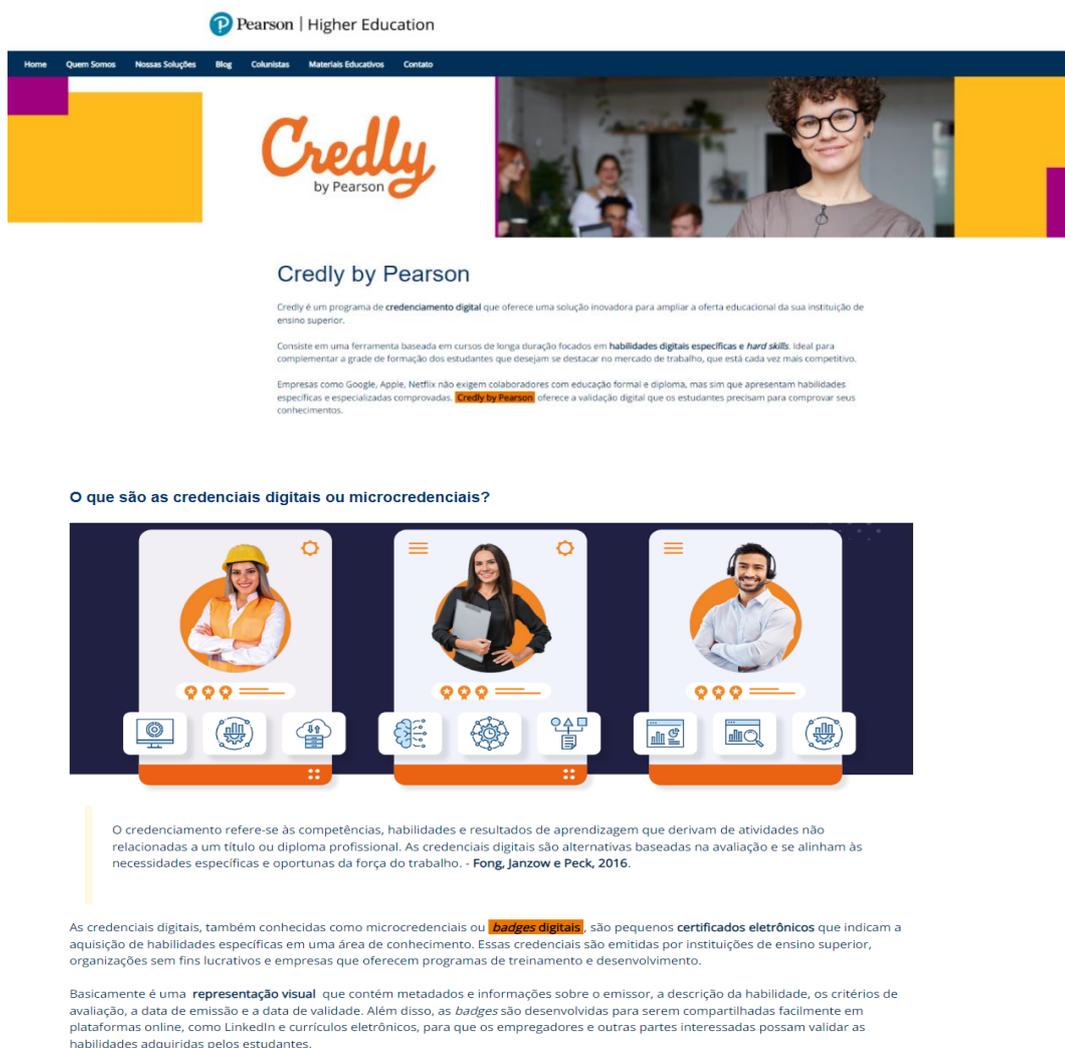
Fonte: <https://hed.pearson.com.br/plataformas-de-aprendizagem/brightspace-d2l>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

Em seu site, a plataforma contém a seguinte afirmação: “*Credly by Pearson hospeda a maior e mais conectada rede de credenciais digitais. Ajudamos o mundo a falar uma linguagem comum de conhecimentos, competências e habilidades verificadas*”⁶. Este tipo de parceria fortalece a plataforma digital *Pearson* como uma plataforma que está se transformando em uma instituição que pode aderir à educação

⁶ <https://info.credly.com/>.

superior, .

Figura 52 – Parceria da Pearson com a *Credly*.



Pearson | Higher Education

Home Quem Somos Nossas Soluções Blog Colunistas Materiais Educativos Contato

Credly
by Pearson

Credly by Pearson

Credly é um programa de **credenciamento digital** que oferece uma solução inovadora para ampliar a oferta educacional da sua instituição de ensino superior.

Consiste em uma ferramenta baseada em cursos de longa duração focados em **habilidades digitais específicas e hard skills**. Ideal para complementar a grade de formação dos estudantes que desejam se destacar no mercado de trabalho, que está cada vez mais competitivo.

Empresas como Google, Apple, Netflix não exigem colaboradores com educação formal e diploma, mas sim que apresentem habilidades específicas e especializadas comprovadas. **Credly by Pearson** oferece a validação digital que os estudantes precisam para comprovar seus conhecimentos.

O que são as credenciais digitais ou microcredenciais?

O credenciamento refere-se às competências, habilidades e resultados de aprendizagem que derivam de atividades não relacionadas a um título ou diploma profissional. As credenciais digitais são alternativas baseadas na avaliação e se alinham às necessidades específicas e oportunas da força de trabalho. - **Fong, Janzow e Peck, 2016**.

As credenciais digitais, também conhecidas como microcredenciais ou **badges digitais**, são pequenos **certificados eletrônicos** que indicam a aquisição de habilidades específicas em uma área de conhecimento. Essas credenciais são emitidas por instituições de ensino superior, organizações sem fins lucrativos e empresas que oferecem programas de treinamento e desenvolvimento.

Basicamente é uma **representação visual** que contém metadados e informações sobre o emissor, a descrição da habilidade, os critérios de avaliação, a data de emissão e a data de validade. Além disso, as **badges** são desenvolvidas para serem compartilhadas facilmente em plataformas online, como LinkedIn e currículos eletrônicos, para que os empregadores e outras partes interessadas possam validar as habilidades adquiridas pelos estudantes.

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/plataformas-de-aprendizagem/credly-by-pearson>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

Além disso, a plataforma Pearson também tem uma parceria com a *Certiport*⁷, que fornece certificação profissional. Ela demonstra, no site, as principais certificações profissionais e dispõe de um modelo de treinamento, chamado *personalities*.

⁷ A Certiport oferece milhões de exames todos os anos nos mercados de ensino médio, pós-secundário, de força de trabalho e de tecnologia corporativa em 148 países e 27 idiomas.

Figura 53 – Parceria da Pearson com a Certiport.

Certiport

Reconhecemos que um dos principais desafios encontrados pelos estudantes durante a graduação é obter certificações especializadas. O mercado de trabalho está cada vez mais competitivo e exigente.

Nesse cenário, recursos como a **Certificação Profissional** para determinadas habilidades podem fazer toda a diferença no currículo do estudante para obter grandes oportunidades de carreira.

Essa é uma forma de garantir ao aluno um ensino complementar de excelência, pois demonstra, na prática, os conhecimentos reais adquiridos.

O que é a Certiport?

Certiport foi fundada em 1997 e é uma solução da **Pearson VUE**. É conhecido como um dos principais e mais relevantes fornecedores de programas para exames de certificação profissional. Aliás, é líder global na emissão de certificados de competência em tecnologia.

Os exames **Certiport** estão presentes em uma rede de mais de **14.000 Centros de Testes Autorizados** em todo o mundo. Além disso, mais de **3 milhões de provas** são realizadas a cada ano.

Certiport gerencia um sofisticado portfólio de certificações profissionais, que inclui:

- certificação profissional e oficial da Microsoft;
- certificados reconhecidos em todo o mundo;
- provas presenciais e a distância.

Quais são as principais certificações profissionais Certiport?

<p>IC3 Digital Literacy: comprova qualificações nas ferramentas digitais mais atuais do ambiente empresarial.</p>	<p>Adobe Certified Associate (ACA): comprova as habilidades no uso dos softwares da Creative Cloud, da Adobe, que inclui Photoshop, InDesign e Illustrator.</p>	<p>Microsoft Office Specialist (MOS): atesta o conhecimento do profissional nos programas do pacote Microsoft Office.</p>
<p>Autodesk Certified User (ACU): certificação de conhecimentos aprofundados nos softwares Autodesk.</p>	<p>PMI Project Management Ready: comprova habilidades em gerenciamento de projetos e em ferramentas básicas de gestão empresarial.</p>	

Quer levar a solução **Certiport** até a sua instituição de Ensino Superior? Converse com um de nossos consultores agora mesmo!

[Falar com consultor comercial](#)

Como podemos ajudar sua instituição de Ensino Superior a aplicar certificações específicas para potencializar o currículo dos estudantes? Fale agora com o nosso time de especialistas e tire todas as suas dúvidas!

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/solucoes-profissionais/certiport>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

Este recurso é focado em atender estudantes de graduação na obtenção de certificação especializada em suas áreas, buscando contribuir para seu currículo e garantindo soluções de oportunidades na carreira profissional.

5.2 Solucionismo institucional

O discurso do solucionismo tecnológico apregoado pelas plataformas digitais voltadas as bibliotecas também possui uma dimensão institucional. Nesse caso, as plataformas sugerem que as instituições podem recorrer a soluções tecnológicas como uma “maneira mais fácil” de resolver seus problemas institucionais, tais como

as avaliações de cursos estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC).

Tanto a Minha Biblioteca quanto a *Pearson* afirmam possuir soluções tecnológicas para questões relacionadas principalmente às exigências do MEC em relação a cursos de graduação. Nessas avaliações, a biblioteca está relacionada ao critério de estrutura física. A seguir, analiso como essas plataformas abordam duas questões institucionais: a) processo de preparação/vantagens para o MEC; b) Impacto positivo da avaliação positiva pelo MEC.

No que compete ao critério processo de preparação/vantagens para o MEC, a plataforma Minha Biblioteca vende-se como um produto moderno, atualizado tecnologicamente e alinhado às exigências do MEC. É possível observar que, neste item, a plataforma busca estabelecer uma relação de proximidade com o cliente por meio de questionamentos diretos que procuram, em sua essência, convencer o cliente/usuário dos benefícios em adquirir seus serviços.

Figura 54 - Motivos para IES aderir a plataforma.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

Além disso, esta mesma plataforma ensina as IES como realizar uma preparação na avaliação do MEC. Para isso, cria um manual que pode ser baixado de forma gratuita, com preenchimento de cadastro com informações sintetizadas.

Figura 55 - Ensinando a IES na preparação das avaliações do MEC.

Minha Biblioteca

COMO PREPARAR A SUA IES PARA AS AVALIAÇÕES DO MEC?

O Ministério da Educação (MEC) liberou a agenda anual dos processos de avaliação do ensino superior em 2022. Você, gestor de Instituição de Educação Superior (IES), sabe como preparar o seu time e organizar a documentação necessária para receber as visitas?

Para te apoiar neste processo, a **Minha Biblioteca** desenvolveu este **hub completo e gratuito** com as principais informações que você precisa saber sobre os atos regulatórios do MEC e indicadores de infraestrutura de biblioteca.

Prepare-se para oferecer a melhor experiência de aprendizagem para os seus estudantes e garantir conceitos 5. Confira!

Gestor,
preencha o formulário e receba um kit de conteúdo sobre os atos regulatórios do MEC e indicadores de infraestrutura de biblioteca.

Este formulário é exclusivo para Instituições de Educação. Estudantes não devem preenchê-lo.

Nome*
 Email*
 Cidade*
 CEP* +55
 Instituição*
 Cargo*
 Selezione
 3 + 4 = ?
 Eu concordo em receber comunicações.

A nossa empresa está comprometida a proteger e respeitar sua privacidade, entendemos sua decisão apenas para fins de marketing. Você pode alterar suas preferências a qualquer momento.

Quero destacar minha IES >>

Fonte: https://materiais.minhabiblioteca.com.br/forms-hub-mec?_ga=2.52631912.1171272974.1680579341-29720805.1678479781. Acesso em: 06 de abril de 2023.

Na Figura 56, a equipe da plataforma disponibiliza, às IES, diversos conteúdos que abordam as avaliações e a funcionalidade das bibliotecas digitais. É possível observar que a plataforma ensina como fazer uso dos materiais no formato digital. Estes materiais, segundo a imagem, contemplam desde *ebooks* até infográficos.

Figura 56 - A plataforma ensina a IES a se preparar para o MEC.

São mais de 6 conteúdos

EXPLICATIVOS SOBRE O MEC
e o funcionamento de uma Biblioteca Digital

E-BOOKS & INFOGRÁFICOS

Uma equipe **ESPECIALIZADA** pronta para te atender

Fonte: https://materiais.minhabiblioteca.com.br/forms-hub-mec?_ga=2.52631912.1171272974.1680579341-29720805.1678479781. Acesso em: 06 de abril de 2023.

Além do mais, a plataforma também expõe as etapas de procedimentos e benefícios das bibliotecas para o MEC atendendo ao Projeto Político Pedagógico e a relação de docentes e tutores, onde são demonstrados oito benefícios para atingir a meta de consecução de uma boa experiência em avaliação, de acordo com a figura abaixo.

Figura 57 - Etapas de procedimentos e benefícios das bibliotecas para o MEC.

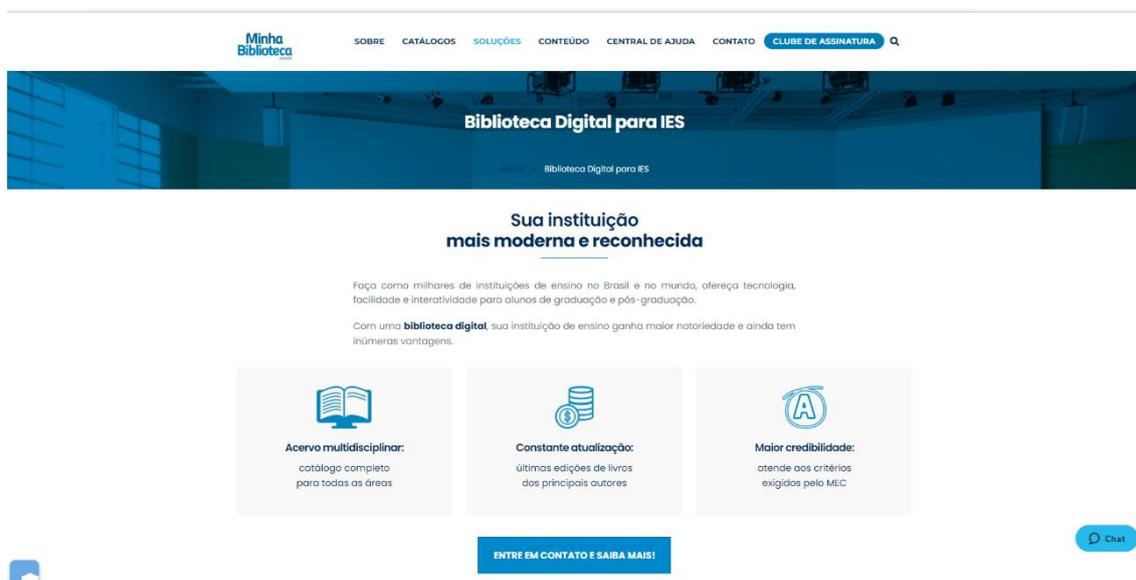


Fonte:

https://materiais.minhabiblioteca.com.br/infografico-saiba-como-solicitar-autorizacao-e-reconhecimento-de-cursos-de-graduacao?_ga=2.132239822.1171272974.1680579341-29720805.1678479781. Acesso em: 06 de abril de 2023.

A Figura 58 salienta que a IES poderá ser mais reconhecida e moderna ao aderir a uma biblioteca digital: “Com uma **biblioteca digital**, sua instituição de ensino ganha maior notoriedade e ainda tem inúmeras vantagens”. Neste ponto, a Minha Biblioteca complementa que, para isso, se faz necessário possuir um “Acervo multidisciplinar: catálogo completo para todas as áreas, Constante atualização: últimas edições de livros dos principais autores e Maior credibilidade: atende aos critérios exigidos pelo MEC”. Este discurso demonstra uma autorrepresentação da plataforma Minha Biblioteca e ainda intitula a sua plataforma digital como biblioteca digital.

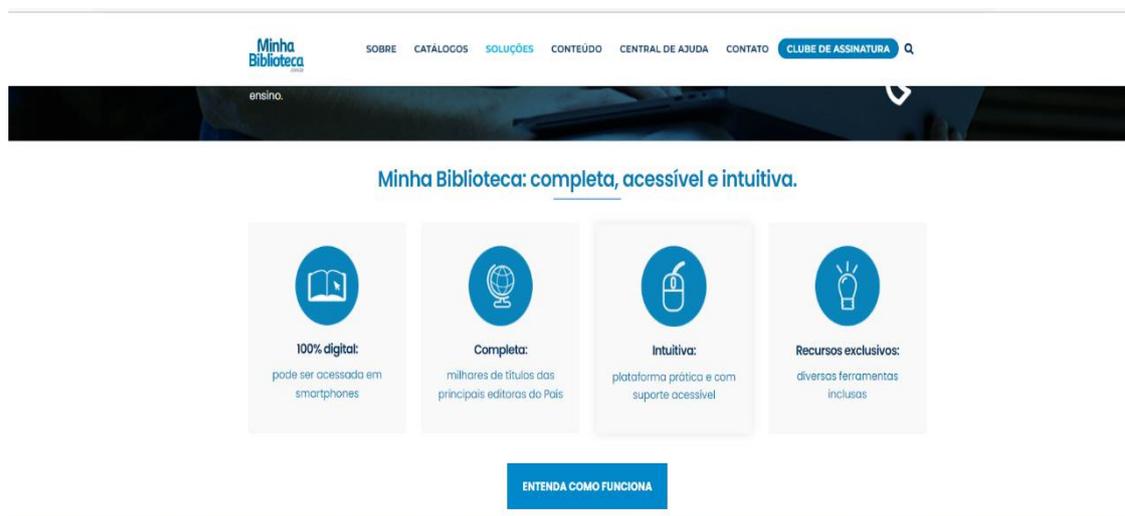
Figura 58 - Solucionismo de modernidade para a IES quanto às bibliotecas digitais.



Fonte: [Biblioteca Digital para IES | Minha Biblioteca \(wpengine.com\)](https://www.wpengine.com). Acesso em: 06 de abril de 2023.

A plataforma Minha Biblioteca se representa como a mais moderna, intuitiva e acessível, por meio de quatro aspectos relevantes demonstrados na Figura 59. O primeiro aspecto é o fato de os materiais se encontrarem 100% no formato digital, com possibilidade de acesso em *smartphones*. Isto é um fator vantajoso para a IES que quer se adequar às exigências do MEC.

Figura 59 - A plataforma se representa como a mais completa, acessível e intuitiva.



Fonte: [Biblioteca Digital para IES | Minha Biblioteca \(wpengine.com\)](https://www.wpengine.com/pt-br/biblioteca-digital-para-ies/). Acesso em: 06 de abril de 2023.

Além disso, é possível observar também sites de instituições que vendem a plataforma como a solução para a sua organização e biblioteca, as quais se prepararam para uma boa avaliação do MEC. A Figura 60, por exemplo, demonstra que a Instituição UniBrasil Centro Universitário (UniBrasil) aderiu à plataforma Minha Biblioteca, no sentido de evidenciar o seu aspecto “mais moderno” enquanto instituição de ensino: “o *UniBrasil Centro Universitário acaba de adquirir o direito de uso da plataforma de livros Minha Biblioteca*”.

Figura 60 - UniBrasil expõe sobre a aquisição da plataforma.



UNI BRASIL
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Acesse o PORTAL EDUCACIONAL

A INSTITUIÇÃO CURSOS COMO INGRESSAR SERVIÇOS PESQUISA E EXTENSÃO NOTÍCIAS E EVENTOS FALE COM O UNIBRASIL SEJA UM PARCEIRO EAD CONVÊNIOS DE EMPRESAS

Minha Biblioteca: Instituição adquire plataforma online de livros

Postado em 16 de outubro de 2017 por UniBrasil Centro Universitário

O UniBrasil Centro Universitário acaba de adquirir o direito de uso da plataforma de livros "Minha Biblioteca". O serviço é um consórcio formado pelas quatro principais editoras de livros acadêmicos do Brasil – Grupo A, Grupo Gen-Atlas, Manole e Saraiva- que oferece às instituições de ensino superior uma plataforma prática e inovadora para acesso digital a um conteúdo técnico e científico de qualidade. A ferramenta compõe uma base de dados de aproximadamente 6.500 títulos das principais editoras.

A plataforma estará disponível a partir do dia 01, do mês de novembro, inteiramente disponibilizado para alunos, professores e técnicos administrativos da Instituição.

A Biblioteca

A **plataforma** é uma base de dados que reúne uma compilação de diversas obras originalmente selecionados, organizadas e disponibilizadas por meio de um software em formato eletrônico e digital. Através da ferramenta, estudantes terão acesso rápido e fácil a milhares de títulos acadêmicos entre as principais publicações de diversas áreas de especialização: direito, ciências sociais aplicadas, saúde, entre outras.

Acesse a "Minha Biblioteca"

Recursos

Com a função, além da leitura de diversos livros, os usuários também têm acesso a recursos como: anotações, realce com opções de cores, pesquisa por palavra-chave, acesso rápido ao sumário, estatísticas de uso, impressão de parte do conteúdo, entre outras funcionalidades disponíveis.

tablepress tinymce

ENCONTRE O QUE VOCÊ PRECIS: 

Posts recentes 

Doutorando do UniBrasil defende tese a banca do PPGD sobre a relação entre o Direito e a Inteligência Artificial

UniBrasil recebe conceito 4 do Inep no Índice Geral de Cursos

Design Sprint: Escola Politécnica conhece o método 'Google para Inovar' para a materialização de ideias

Docentes de Enfermagem participam da 15ª Conferência Municipal de Saúde

UniBrasil sela parceria com vereador de Curitiba

Categorias 

ADMINISTRAÇÃO

ALUMNI

ARQUITETURA E URBANISMO

BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA 

Fonte: <https://www.unibrasil.com.br/biblioteca-digital-instituicao-adquire-plataforma-online-de-livros/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

É possível observar também que a Instituição Universidade Federal de Uberlândia (UFU) também aderiu à plataforma e divulgou a notícia, em seu site, como uma forma de *marketing* (ver Figura 61). Isto é reafirmado por meio da chamada publicitária: “UFU faz adesão à plataforma de livros eletrônicos Minha Biblioteca”.

Figura 61 - UFU expõe sobre a aquisição da Minha Biblioteca.

UFU faz adesão à plataforma de livros eletrônicos Minha Biblioteca

Com a assinatura da 'MB', mais de 11 mil títulos de e-books passam a ser disponibilizados gratuitamente à comunidade acadêmica

Por: Cíntia Sousa

 Recomenda
  Tweetar



A Universidade Federal Uberlândia disponibiliza à sua comunidade acadêmica o acesso à plataforma de livros eletrônicos "Minha Biblioteca" (MB). A contratação foi conduzida pelo Sistema de Bibliotecas (Sisbi/UFU), com apoio da Administração Superior e do Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação (CTIC). Com mais de 11 mil títulos, a MB é uma plataforma digital que possui vasto acervo de títulos técnicos, acadêmicos e científicos. Todas as obras estão escritas em Língua Portuguesa. A plataforma permite, ainda, que o usuário faça anotações durante a leitura, marcando partes importantes do texto diretamente do *tablet*, *laptop* ou *smartphone*.

Em abril de 2021, buscando minimizar os impactos da pandemia de covid-19, a equipe do Sisbi iniciou um exaustivo estudo sobre as práticas realizadas neste segmento por outras bibliotecas universitárias brasileiras. "Com o investimento em uma das maiores plataformas de livros digitais do país, complementando o acervo físico de nossas bibliotecas, o Sisbi reforça sua missão de viabilizar o acesso à informação nos mais diversos formatos, contribuindo para o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade", enfatiza a diretora do Sistema de Bibliotecas, Maira Nani.

Fonte: <https://comunica.ufu.br/noticia/2022/06/ufu-faz-adesao-plataforma-de-livros-eletronicos-minha-biblioteca>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

Por fim, convém mencionar a adesão da Universidade de Brasília (UNB) à plataforma, uma das mais respeitadas IES do Brasil. Em sua página na *web*, destaca os benefícios da parceria e seu caráter transformador, no que tange ao acesso a um vasto acervo, validado pelo MEC, por meio de um *smartphone* (Figura 62).

Figura 62 - UNB adere a plataforma.



Fonte: <https://bce.unb.br/minha-biblioteca-nova-base-de-dados-na-bce-unb/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

Com relação à Plataforma *Pearson*, também afirma ser capaz de ajudar as IES a atenderem aos requisitos do MEC por meio do seu acervo virtual, possuindo bibliografias básicas e complementares. Além do mais, se autorrepresenta como a “*maior plataforma de livros digitais técnicos, científicos e acadêmicos do Brasil*”. A plataforma também se representa como aquela que atende aos Parâmetros das Diretrizes Nacionais Curriculares (PCNs), e encontra-se presente no Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia, conforme Figura 63.

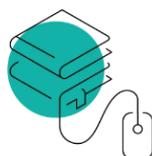
Figura 63 – A plataforma se apresenta como uma biblioteca virtual que visa o MEC.

Por que escolher a Biblioteca Virtual?

A **Biblioteca Virtual da Pearson Higher Education** é a maior plataforma de livros digitais técnicos, científicos e acadêmicos do Brasil em consonância às DCNs e o Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia.

Ela oferece a melhor experiência para o usuário, já que conta com navegação intuitiva em qualquer dispositivo e com recursos avançados de acessibilidade, em conformidade com o **World Wide Web Consortium (W3C)**.

A Biblioteca Virtual atende aos requisitos legais do **Ministério da Educação (MEC)** como acervo virtual. Ou seja, pode compor bibliografias obrigatórias e complementares de todos os cursos. Nesse sentido, a Biblioteca Virtual é indicada para todas as instituições de Ensino Superior do país. Ainda, permite **integração direta e fácil com sistemas LMS**, intranets e outros acervos, físicos ou virtuais, das instituições.



Nome*

Sobrenome*

E-mail institucional*

Qual é o seu cargo?*

Telefone*

Nome da Instituição*

Qual é a quantidade aproximada de alunos?*

Estado*

Tenho interesse em:*

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/plataformas-de-aprendizagem/biblioteca-virtual>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A plataforma também dispõe de informações sobre as avaliações institucionais para o seguinte público: Diretor/Reitor, Bibliotecário ou Coordenador de Biblioteca Digital. Por isso, ela se dirige a este público em particular para implementar uma Biblioteca Virtual na instituição de que faz parte. Para obter mais informações, é disponibilizada a aba “*Me interessa!*” (ver Figura 64).

Figura 64 – A plataforma apresenta informações sobre as avaliações institucionais para os gestores da IES, inclusive bibliotecários.



Pearson | Higher Education

biblioteca virtual

Você é Diretor/Reitor, bibliotecário ou coordenador de Biblioteca digital e gostaria de implementar uma Biblioteca Virtual na sua instituição de ensino superior?

Me interessa!

Conheça a Biblioteca Virtual pioneira da Pearson para o Ensino Superior!

Pioneira há mais de 17 anos em **acervo virtual** com mais de 14 mil títulos e parceria com 30 editoras para trazer uma experiência de ensino única para os seus estudantes.

Inscreeva-se e experimente a plataforma digital por 30 dias totalmente GRÁTIS!

ACESSE GRÁTIS

Fonte: <https://bvvirtual.pearsonhed.com/trial-30-dias-gratis>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A plataforma disponibiliza gratuitamente seus serviços e produtos para gestores das IES por 30 dias: *“É a oportunidade ideal para você, reitor, gestor, diretor ou bibliotecário, conhecer milhares de títulos, a interatividade da ferramenta, praticidade de gestão, visualização de relatórios e conhecer de forma prática como implementar um sistema de aprendizado online inovador na sua IES”*, de acordo com a Figura 65.

Figura 65 – A plataforma dispõe de usabilidade gratuita por um mês para gestores.

A Biblioteca Virtual foi desenvolvida **há 17 anos** com o propósito de promover o hábito de pesquisa e leitura na instituição e, assim, potencializar as habilidades e conhecimentos durante toda sua jornada de aprendizagem.

Além disso, traz aos **gestores das universidades** parceiras a oportunidade de acompanharem de perto o comportamento dos seus alunos na plataforma, identificar potenciais necessidades e auxiliar cada perfil de aprendiz.

E se você pudesse **experimentar a Biblioteca Virtual** sem realizar nenhum investimento inicial?

Agora isso é possível. Disponibilizamos **somente para os gestores** das Instituições de Ensino o acesso total à **plataforma digital por 30 dias grátis**.



É a oportunidade ideal para você, **reitor, gestor, diretor ou bibliotecário**, conhecer milhares de títulos, a interatividade da ferramenta, praticidade de gestão, visualização de relatórios e conhecer de forma prática como implementar um sistema de aprendizado online inovador na sua IES.

Política de privacidade e tratamento de dados*

Ao enviar os dados acima, aceito receber e-mails, comunicações em geral e mensagens via WhatsApp da Pearson Higher Education. Ver [política de privacidade](#).

[Quero acesso grátis](#)

Fonte: <https://bvirtual.pearsonhed.com/trial-30-dias-gratis#form>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) também aderiu à plataforma digital *Pearson*, ressaltando que o acesso é gratuito a alunos e professores e que a plataforma ajuda a Instituição para a avaliação do MEC, conforme figura abaixo.

Figura 66 – A plataforma tem como cliente a UNIVASF.

The screenshot shows the website of Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). The header includes navigation links like 'Ir para Conteúdo', 'Ir para Menu', 'Ir para Busca', and 'Ir para Rodapé'. The main navigation bar contains 'UNIVASF', 'MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO', a search bar, and social media icons. A secondary navigation bar lists categories like 'Covid-19', 'Estudante', 'Servidor', etc.

The main content area features a news article with the following details:

- NOTÍCIAS**
- Biblioteca Virtual da Pearson está aberta para acesso gratuito de estudantes e servidores da Univasf**
- Publicado: 24/03/2021 17h25
- Última modificação: 24/03/2021 17h25
- Renata Freitas
- Share buttons for WhatsApp, Facebook, and Twitter.

The article text states: "A Pearson Education disponibilizou para estudantes e servidores da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) acesso gratuito à sua Biblioteca Virtual até 30 de abril de 2021. O acervo da plataforma é composto por mais de 8 mil e-books, entre livros literários e técnicos de mais de 40 áreas do conhecimento."

Below the text is a large graphic with the following information:

- ACESSO GRATUITO À BIBLIOTECA VIRTUAL PEARSON**
- Para docentes, discentes e técnicos da Univasf, até o dia 30/04
- Acesse e cadastre-se: <https://plataforma.bvirtual.com.br/ acesso/univasf>
- Logos for UNIVASF and SIBI.

The article continues: "Francisco (Univasf) acesso gratuito à sua Biblioteca Virtual até 30 de abril de 2021. O acervo da plataforma é composto por mais de 8 mil e-books, entre livros literários e técnicos de mais de 40 áreas do conhecimento."

Another paragraph explains: "Para acessar as obras é necessário fazer o cadastro, conforme as orientações do Manual de Uso. A confirmação do cadastro via e-mail é obrigatória para ter acesso ao conteúdo da Biblioteca Virtual Pearson. De acordo com a diretora do Sistema de Bibliotecas (Sibi) da Univasf, Ana Paula Lopes, esse período de abertura do acervo à comunidade acadêmica visa possibilitar aos usuários da Univasf a oportunidade de conhecer e avaliar a base da Pearson."

A final paragraph notes: "Desde o ano passado, o Sibi está em contato com diversas plataformas, solicitando propostas para viabilizar o processo de aquisição de e-books para nossa comunidade acadêmica. Uma delas é a Pearson Education, que convidou a Univasf para participar dessa campanha em que o acervo é liberado para acesso da comunidade", explica Ana Paula. Ela ressalta que é importante que os estudantes, docentes e técnico-administrativos em educação utilizem o acervo para conhecer e avaliar o conteúdo que a plataforma disponibiliza para a Universidade."

At the bottom of the article, there is a tag: "registrado em: SIBI | Biblioteca | Livros | E-book"

Fonte: <https://portais.univasf.edu.br/noticias/biblioteca-virtual-da-pearson-esta-aberta-para-acesso-gratuito-de-estudantes-e-servidores-da-univasf>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A Universidade do Estado de São Paulo (USP) também aderiu à plataforma digital *Pearson*, atendendo aos cursos da IES: Humanas, Exatas e Biológicas, por meio de acesso remoto e dentro da instituição (ver Figura 67).

Figura 67 – A plataforma é adquirida pela USP.

USP Universidade de São Paulo
Faculdade de Odontologia de Bauru

INÍCIO A FOB ENSINO PESQUISA EXTENSÃO INFORMAÇÕES PACIENTE
EVENTOS / PUBLICAÇÕES

Biblioteca – Acervo – Livros eletrônicos – Biblioteca Virtual Pearson

Menu: [Inicial](#) | [Apresentação](#) | [Horário](#) | [Acervo](#) | [Acervo – Livros Eletrônicos – Minha Biblioteca](#) | [Acervo – Livros Eletrônicos – Biblioteca Virtual Pearson](#) | [Catálogo \(Dedalus\)](#) | [Bases de dados](#) | [Revistas Eletrônicas](#) | [Serviços](#) | [Empréstimo Unificado](#) | [Normalização](#) | [Recentes aquisições](#) | [Setores](#) | [Treinamentos – Agenda](#) | [VPN](#) | [Fale Conosco](#)

Biblioteca na pandemia COVID-19: [Informações atualizadas](#) | [Empréstimo, Devolução e Renovação](#) | [Serviços](#)

biblioteca virtual

==== Assinatura renovada ====

O que é Biblioteca Virtual Pearson?

É uma plataforma digital de livros técnicos e científicos, publicados pelos selos editoriais da Pearson Education e editoras parceiras, com texto em língua portuguesa e inglesa.

Veja também: <https://jornal.usp.br/universidade/usp-oferece-acesso-a-13-mil-e-books-da-biblioteca-virtual-pearson-para-seus-alunos/>

Editoras/Selos Editoriais incluídos: 7 Mares, Agir, Edições GLS, Editora Ágora, Editora Atheneu, Editora Autêntica, Editora Autores Associados BVU, Editora Blucher, Editora Brasport, Editora Callis, Editora Casa do Psicólogo, Editora Contexto, Editora Difusão, Editora EdiPUC-RS, Editora Freitas Bastos, Editora Gaia, Editora IBPEX, Editora Intersaberes, Editora Jaypee, Editora Labrador, Editora Lexikin, Editora Neurus, Editora Odisseia, Editora Oficina de Textos, Editora Pearson, Editora Processo, Editora Rideel, Editora Vozes, Editora Yendis, Editora Educs, Editora Interciência, Galenus, Global Editora, Ídonce Editora, Mescla Editorial, MG Editores, Nova Fronteira BVU, Papyrus Editora, Pearson Global, Plexus Editora, Pluri Edições, Revista Cult, Santos Publicações, Selo Negro Edições, Summus Editorial.

Quem pode utilizar a Biblioteca Virtual Pearson?

A plataforma está disponível para aos usuários USP com acesso à conexão remota VPN/USP.

Qual o conteúdo disponível?

A Biblioteca Virtual Pearson é de conteúdo multidisciplinar, abrangendo as áreas de Humanas, Exatas e Biológicas.

Qual o endereço da Biblioteca Virtual Pearson?

Para cadastrar: <https://plataforma.bvirtual.com.br/ acesso/usp20>

Qual o conteúdo disponível?

A Biblioteca Virtual Pearson é de conteúdo multidisciplinar, abrangendo as áreas de Humanas, Exatas e Biológicas.

Qual o endereço da Biblioteca Virtual Pearson?

Para cadastrar: <https://plataforma.bvirtual.com.br/ acesso/usp20>

Quais são as formas de acesso?

- **Acesso remoto (fora da Universidade)**
É necessário estar conectado na rede [VPN](#). (Instruções sobre VPN em arquivo PDF: [clique aqui](#))
- **Acesso dentro da Universidade**
Equipamentos conectados à rede USP ou à rede sem fio/wifi ([Eduroam](#)).

Como realizar cadastro na Biblioteca Virtual Pearson?

- 1) Acessar o site <https://plataforma.bvirtual.com.br/ acesso/usp20>
- 2) Clicar em “Cadastrar”;
- 3) Preencher os dados de cadastro e clicar em “Cadastrar”;
- 4) O sistema enviará um e-mail para confirmação de cadastro.
- 5) Localizar em seu e-mail uma mensagem da Biblioteca Virtual – Confirmação de cadastro. Clicar para abrir a mensagem;
- 6) Clicar em “Confirmar meu cadastro” ou copiar e colar a url em seu navegador;

Fonte: <https://www1.fob.usp.br/fob/biblioteca/bvpearson/>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

Com relação ao critério de resultados de impacto positivo da avaliação do MEC, a plataforma dispõe de 6 diferenciais para a IES que adquire sua assinatura: visão total do gestor, MEC, integração, economia, multidisciplinaridade e

acessibilidade. No que compete à visão total do gestor, a plataforma aponta para o acompanhamento dos seus principais indicadores de desempenho. Tais indicadores podem estar relacionados com o número de *downloads*, alunos ativos, páginas visualizadas e outros.

Com relação ao MEC, a plataforma deixa claro que atende a todos os requisitos estabelecidos por este órgão, desde as bibliografias obrigatórias e complementares atendendo todos os cursos de Graduação das IES. Isto demonstra o que, na Biblioteconomia, é chamado de interoperabilidade, onde os principais sistemas de bibliotecas físicas realizam para administrar o seu acervo físico como o *Pergamum*, *Sophia* e *Phillos* com formato o Marc 21 – padrão para catalogação de livros.

A plataforma dispõe de acessibilidade atendendo aos parâmetros do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), por meio de obras didáticas, pedagógicas e literárias e outras ligadas ao MEC e o W3C, que é um consórcio internacional para desenvolver padrões para *web*, de acordo com a Figura 68.

Figura 68 – A plataforma apresenta seis diferenciais.

Experimente nossa plataforma digital!

Conheça 6 diferenciais da Biblioteca Virtual da Pearson para a sua Instituição de Ensino Superior

	VISÃO TOTAL AO GESTOR		MEC
Acompanhe os principais indicadores de desempenho da plataforma como alunos ativos, páginas impressas, número de downloads efetuados e páginas visualizadas.		Atende a todos os requisitos legais do MEC para a implementação do acervo digital para compor bibliografias obrigatórias e complementares de todos os cursos.	
	INTEGRAÇÃO		ECONOMIA
Integração com softwares de bibliotecas digitais (arquivo MARC 21) e outras plataformas como: Pergamum, Sophia e Philos.		A IES pode reduzir substancialmente seus custos com a compra de livros impressos. Além disso, ganha espaço físico no Campus.	
	MULTIDISCIPLINAR		ACESSIBILIDADE
Acervo digital completo, multidisciplinar, com atualizações permanentes e disponível 24 horas, on-line e off-line.		Recursos avançados de Acessibilidade e em conformidade com o PNLD do MEC e com o W3C.	

[Quero implantar na instituição](#)

Fonte: <https://bvirtual.pearsonhed.com/trial-30-dias-gratis#form>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

Além do mais, a plataforma também afirma ser capaz de promover soluções educacionais. Uma dessas soluções é auxiliar as instituições a desenvolverem a

experiência educacional dos alunos: “*final, para nós, a educação não é qualquer produto, mas sim uma grande responsabilidade*”, de acordo com a Figura 69.

Figura 69 – A plataforma apresenta soluções para a educação relacionadas ao Ensino Superior.



Ensino Superior

Como combinar os avanços da tecnologia com o ensino de qualidade?

A Pearson, empresa líder em educação no mundo, atende o mercado de Ensino Superior com **soluções educacionais personalizadas e inovadoras**. Afinal, para nós, a educação não é qualquer produto, mas sim uma grande responsabilidade.

Por meio de produtos e serviços exclusivos para cursos presenciais, semipresenciais e a distância (EAD), como a Biblioteca Virtual, o nosso objetivo é ajudar sua instituição a transformar a experiência educacional dos seus alunos. **Assim, garantimos os melhores resultados de aprendizagem!**

Confira abaixo mais detalhes sobre as soluções da Pearson para o Ensino Superior!



Fonte: <https://hed.pearson.com.br/>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A plataforma *Pearson* também auxilia os alunos a estudarem na IES por meio de outras plataformas de aprendizagem, contribuindo com parcerias com empresas de soluções de idiomas e profissionais, tais como demonstram a Figura 70.

Figura 70 – A plataforma dispõe de informações visando auxiliar seus clientes em soluções para idiomas e profissionais.

Como podemos ajudar sua instituição de Ensino Superior?



Plataformas de Aprendizagem

Utilizar a tecnologia como facilitadora do processo de aprendizagem tem sido cada vez mais importante no setor educacional. De acordo com o Inep*, o número de alunos que ingressaram em cursos a distância cresceu quase 5 vezes nos últimos 10 anos. Isso demonstra uma forte abertura ao digital.

SAIBA MAIS



Soluções para Idiomas

De olho nas necessidades do mercado educacional, a Pearson Higher Education oferece **soluções para idiomas** que abraçam os diferentes perfis de alunos, com aulas e conteúdos com situações do dia a dia, tanto para a vida pessoal quanto para a vida profissional.

SAIBA MAIS



Soluções Profissionais

As **Soluções Profissionais** buscam atender a essas demandas, considerando a individualidade dos alunos por meio do desenvolvimento de hard skills, com cursos específicos complementares à formação, e de soft skills, habilidades cada vez mais necessárias no mundo corporativo.

SAIBA MAIS

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A plataforma dispõe de apoio com materiais para auxiliar os professores nas disciplinas complementares dos cursos da IES, as quais são uma forma de produzir “*estratégias metodológicas eficientes e que trazem impacto positivo na vida dos estudantes*”. Tais disciplinas da plataforma *Pearson* são aquelas consideradas cursos completos via internet por meio dos seus Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), possuindo 300 disciplinas e atendendo 17 cursos de graduação, tecnólogos e extensão com carga horária de 60 horas (ver Figura 71).

Figura 71 – A plataforma apresenta disciplinas Pearson visando complemento para a IES do cliente.



Disciplinas Pearson para complementar os cursos da sua IES!

Conteúdos digitais de alta qualidade para sua instituição.

Sabemos que organizar aulas remotas é um processo diferenciado e exige muita cautela. Além disso, reconhecemos as dificuldades e desafios que os docentes encontram para planejar processos educacionais EAD.

Nesse cenário, os recursos tecnológicos e inovadores da **Pearson Higher Education** podem ser a solução para implementar estratégias metodológicas eficientes e que trazem impacto positivo na vida dos estudantes.

Saiba mais sobre as Disciplinas Pearson e seus benefícios para a sua instituição!

O que são as Disciplinas Pearson?

As Disciplinas Pearson permitem que as instituições de Ensino Superior ofereçam aos seus alunos **cursos completos via internet**, em seus próprios Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). São mais de **300 disciplinas**, elaboradas para atender o currículo de **17 cursos de graduação, tecnólogos e de extensão**.

O que são as Disciplinas Pearson?

As Disciplinas Pearson permitem que as instituições de Ensino Superior ofereçam aos seus alunos **cursos completos via internet**, em seus próprios Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). São mais de **300 disciplinas**, elaboradas para atender o currículo de **17 cursos de graduação, tecnólogos e de extensão**.

As Disciplinas foram concebidas para uma carga-horária de 60 horas, podendo ser flexibilizada para mais ou para menos conforme a sua organização curricular. Elas estão divididas em quatro unidades concatenadas. Cada unidade conta com diversos objetos de aprendizagem que são pedaços do conteúdo digitais divididos de acordo com os assuntos tratados na unidade, de modo que esses assuntos tenham começo, meio e fim, podendo ser usado de forma otimizada. Assim, os objetos de aprendizagem podem ser reutilizados ou reorganizados a critério do professor ou da instituição.

Além disso, as **Disciplinas Pearson** permitem a integração com outras plataformas de aprendizagem e podem ser customizadas com materiais e conteúdos da sua instituição.

Por que escolher as Disciplinas Pearson?

Desenvolvidas em parceria com professores especialistas em diversas áreas do conhecimento, as **Disciplinas da Pearson Higher Education** proporcionam um aprendizado interativo e dinâmico para seus alunos. Já os docentes da sua instituição, têm à disposição materiais que os auxiliarão na condução dos cursos, como planos de aula, materiais complementares e conteúdos de treinamento. Além disso, oferecemos treinamento e suporte técnico para a gestão das suas turmas.

As Disciplinas Pearson são indicadas para quais instituições de Ensino Superior?

As **Disciplinas Pearson** apresentam conteúdos que seguem todas as recomendações e especificações do Ministério da Educação (MEC), sendo compatíveis com cursos a distância (EAD), semipresenciais, cursos livres e de extensão.

Quer levar as Disciplinas Pearson para a sua instituição de Ensino Superior? Converse com um de nossos consultores agora mesmo!

Falar com consultor comercial

Fonte: <https://hed.pearson.com.br/plataformas-de-aprendizagem/disciplinas-pearson>

. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A plataforma *Pearson* dispõe de cursos de capacitação que auxiliam seus alunos a obter resultados positivos por meio de credenciais digitais estabelecendo, assim, impactos significativos para as IES diante da avaliação do MEC, como demonstra a Figura 72.

Figura 72 – Capacitação profissional com a *Credly*.



Fonte: <https://info.credly.com/>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

O próximo tópico irá apresentar sobre o solucionismo comercial, adentrando-se nas duas plataformas analisadas nesta tese.

5.3 Solucionismo comercial

Nas seções anteriores, foi possível observar que as plataformas de bibliotecas digitais propõem soluções para as questões pedagógicas e institucionais. Nesta seção, demonstro que essas plataformas também se representam como capazes de trazer soluções para várias questões comerciais que envolvem as IES, por exemplo, através de produtos e serviços que ajudam na captação de alunos. O solucionismo comercial também pode ser considerado um desdobramento do solucionismo tecnológico; trata-se de um discurso segundo o qual as tecnologias digitais são capazes de resolver os problemas e crises relacionadas às demandas mercadológicas e aos interesses dos empresários da educação.

Morozov (2018) destaca que a tecnologia digital não pode ser compreendida adequadamente sem se considerar o contexto social e econômico que a envolve. Argumenta que a tecnologia digital não é apenas uma entidade isolada, mas sim um complexo entrelaçamento de elementos como geopolítica, finança global, consumismo desenfreado e a rápida apropriação corporativa de nossos relacionamentos íntimos. Em essência, ele sugere que, para compreender

verdadeiramente a natureza da tecnologia digital, é crucial examinar as forças sociais, econômicas e políticas que a moldam e influenciam.

Também afirma que, segundo esse "solucionismo", os problemas podem ser resolvidos principalmente por meio de aplicativos, sensores e tecnologias fornecidos por *startups*. Trata-se de uma abordagem tecnocrática para resolver questões sociais e políticas, confiando na coleta e análise de dados para encontrar soluções. Nesse discurso, não se deixa claro que as soluções também passam por escolhas econômicas e políticas. Ele caracteriza essa perspectiva como uma "utopia tecnocrática da política apolítica", indicando que a crença na capacidade da tecnologia para resolver todos os problemas pode desconsiderar considerações fundamentais relacionadas a valores, ética e escolhas políticas mais amplas.

No caso das plataformas digitais voltadas as bibliotecas, propõem soluções tecnológicas para questões comerciais envolvendo principalmente IES privadas, como a evasão de alunos, a satisfação do cliente e a redução de custos para a IES. As plataformas digitais produzem discursos de vantagens econômicas em sua aderência, segundo os quais são capazes de resolver as questões expostas acima por meio de produtos e serviços que disponibilizem materiais fáceis, interativos, personalizados, disponíveis *online* e *offline*, os quais podem auxiliar no combate a evasão institucional por parte dos alunos. Esses produtos também aumentariam a satisfação dos clientes por meio do acesso aos livros em qualquer espaço e tempo, diferente das bibliotecas físicas, isto porque facilitam e tornam rápido o acesso. Além disso, também a qualidade dos acervos que a plataforma busca oferecer ao cliente se apresenta como uma vantagem comercial. Neste sentido, cria-se também, no aluno-cliente, o desejo de continuar em uma instituição que promove o avanço tecnológico.

A seguir, abordo as seguintes soluções que são promovidas nesses discursos: a) satisfação do cliente; b) evasão de alunos; e, redução de custos. Para tanto, trago capturas de telas das plataformas digitais Minha Biblioteca e *Pearson Higher Education*, o qual é possível evidenciar discursos alinhados com esse tipo de solucionismo.

Com relação à satisfação do cliente, a plataforma Minha Biblioteca faz *marketing* de si própria mostrando, em seu site, algumas das inúmeras instituições que aderiram ao seu uso como forma de transmitir, ao potencial cliente, que muitas instituições renomadas acreditam que a plataforma possa elevar o nível da instituição de ensino. Na Figura 73, é possível visualizar a carta de clientes, onde constam

possibilitando o estudo em casa. Acrescenta também que a aquisição de livros eletrônicos foi a melhor opção no cenário negativo da pandemia.

Uma outra fala que valoriza a plataforma Minha Biblioteca é reproduzida pela Bibliotecária do Instituto Taquatinguense de Ensino Superior, Edynea Scurachio⁹: “a *Minha Biblioteca* abrange áreas do conhecimento que outras não abrangem com conteúdo de qualidade, contribuiu para ampliar as fontes de informação e é fácil para acessar”. Ou seja, a plataforma busca demonstrar, por meio dessa estratégia de *marketing*, que seu acervo é multidisciplinar, atendendo, portanto, todos os cursos e com facilidade de acesso aos livros (ver Figura 74).

Figura 74 - Narrativas de clientes que aderiram à plataforma.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/blog/minha-biblioteca-uma-decada-de-historia/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

A plataforma Minha Biblioteca também convida o cliente a fazer parte da sua história, já que preza sempre pela inovação e eficiência de serviços que está “transformando a vida de diversos estudantes, profissionais e instituições por todo o país e tornando a educação mais efetiva e acessível”. Estas ações visam a satisfação do cliente em fazer parte deste processo de transformação da educação, de acordo com a Figura 75.

⁹Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/blog/minha-biblioteca-uma-decada-de-historia/>.

Figura 75 – Justificativa de fazer parte da plataforma.

The screenshot shows the 'Minha Biblioteca' website. At the top, there is a navigation menu with links: SOBRE, CATÁLOGOS, SOLUÇÕES, CONTEÚDO, CENTRAL DE AJUDA, CONTATO, and CLUBE DE ASSINATURA. Below the menu, there is a testimonial from Scurachia, Bibliotecária do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior. The testimonial text reads: "Adequação ao instrumento de avaliação do MEC, acesso a recursos informacionais digitais, além de acesso simultâneo aos conteúdos, acervo 100% em português e atualizado." - Anderson Avila Piassarollo, bibliotecário da UFGD. Below the testimonial, there is a section titled 'Faça parte desta história' with a paragraph: 'Prezando sempre pela inovação e eficiência de nossos serviços, a plataforma Minha Biblioteca vem transformando a vida de diversos estudantes, profissionais e instituições por todo o país e tornando a educação mais efetiva e acessível.' Another paragraph states: 'Garantimos que, depois de conferir os benefícios que a Minha Biblioteca oferece, você não vai querer perder a oportunidade de nos conhecer.' Below this, there is a link: 'Para saber mais sobre nossos serviços, acesse o nosso site ou fale conosco.' and another link: 'Gostou deste conteúdo? Confira mais conteúdos sobre educação em nosso blog.' At the bottom, there is a list of three bullet points: 'Transformação digital na educação: como as inovações promovem qualidade de ensino', 'Como adquirir um acervo digital de qualidade e reconhecido pelo MEC', and 'Biblioteca virtual: como os acervos físicos lidam com os desafios da era digital'.

Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/blog/minha-biblioteca-uma-decada-de-historia/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

No Clube Minha Biblioteca, a plataforma expõe quatro benefícios para a IES: excelência, facilidade, personalização e funcionalidades, que podem ser visualizados na Figura 76. A excelência envolve a constituição do seu acervo bem como os selos editoriais de alto padrão para atendimento aos seus clientes. Com relação à facilidade, tem-se o acesso 24 horas por dia e de qualquer dispositivo. Já no item personalização, observa-se que os seus catálogos estão ligados às várias áreas de interesse do cliente. E as funcionalidades possibilitam recursos que facilitam a leitura para o aluno.

Figura 76 - Benefícios para a IES em aderir a plataforma.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 02 de abril de 2023.

A plataforma afirma possuir segmentação, facilidade de acesso, economia e praticidade (ver Figura 77). A segmentação aponta para a possibilidade de o cliente formar seu próprio catálogo de livros de interesse. Com relação à facilidade de acesso, promove, ao cliente, um acesso ilimitado a qualquer momento, desde que consiga se conectar à internet. A questão da economia diz respeito ao acesso de forma mais amplo, por meio de conhecimento diante de um melhor custo-benefício. E, por último, a praticidade se caracteriza por uma melhor experiência através dos recursos de leitura e aprendizado. Todas estas questões são colocadas, aqui, para convencer os potenciais clientes de que essas plataformas promovem um ótimo custo-benefício ao usuário.

Figura 77 - Formas de vantagens econômicas.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

No que compete ao critério de evasão de alunos nas IES, observa-se que a plataforma *Pearson* expõe três informações relevantes que podem ajudar a manter os alunos da IES que possui essa plataforma: líder global em educação, credibilidade por meio da eficácia e aprendizagem para a vida toda. A plataforma também promove uma educação continuada sem custos adicionais para o aluno em forma de parceria com eventuais cursos que a plataforma dispõe aos seus clientes.

Laval (2004) discorre sobre a tendência de globalização no discurso sobre a renovação da escola que destaca uma aparente abordagem humanista, mas fundamentada em necessidades utilitaristas da educação, especialmente, sob a influência do discurso neoliberal. Segundo este autor, a ênfase recai no conceito de "*aprender a aprender*", no sentido de desenvolver habilidades como criatividade, desembaraço, flexibilidade e autonomia no contexto do trabalho. Ele sugere que a escola, conforme preconizado pelo discurso neoliberal, deve abandonar o que parece ser uma "*acumulação de saberes supérfluos*". O foco, de acordo com esse discurso, seria capacitar os alunos para continuarem aprendendo aquilo que será útil profissionalmente. Como se percebe, o solucionismo comercial apresentado aqui está diretamente ligado ao pensamento neoliberal voltado para a educação contemporânea, segundo a Figura 78.

Figura 78 – Justificativa de aderência da plataforma *Pearson*.



Fonte: <https://hed.pearson.com.br/>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

Esta plataforma também sugere ser capaz de ajudar a combater a evasão escolar, um dos maiores problemas das IES atualmente, ligada ao que ela determina de falta de interesse do aluno e a impossibilidade de pagamento da mensalidade das faculdades privadas, muitas vezes ligada ao desemprego ou falta de recursos financeiros. A solução que a plataforma apresenta é tornar a IES mais interessante através de seus serviços e produtos, os quais já foram citados anteriormente, como mostra a Figura 79.

Figura 79 – A Plataforma *Pearson* demonstra que combate a evasão escolar.

7 - Combate à evasão escolar

Você sabe que um dos principais problemas enfrentados pelas faculdades e universidades hoje em dia é a evasão escolar, não é mesmo. Esta dificuldade, muitas vezes, ocorre devido à falta de interesse dos alunos.

Muitos estudantes acabam abandonando os cursos que escolheram por considerar que os conteúdos administrados não atendem suas necessidades.

Há também a impossibilidade de continuar pagando as mensalidades das faculdades particulares devido ao desemprego e outras causas referentes à falta de recursos financeiros.

A **Biblioteca Virtual da Pearson** potencializa as estratégias de suporte estudantil. E, com isso, contribui sobremaneira para **combater a evasão escolar**.

Fonte: <https://bvirtual.com.br/Blog/14-vantagens-da-biblioteca-virtual-da>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

A Plataforma Minha Biblioteca apresenta soluções tecnológicas para a evasão por meio do acesso a diversos títulos na área técnica e acadêmica, por meio de ferramentas exclusivas que facilitam o estudo dos alunos. Este cenário contribui para a permanência do aluno na IES, conforme o viés do solucionismo tecnológico, exposto na Figura 80.

Figura 80 – A Plataforma *Minha Biblioteca* demonstra solução para a evasão escolar.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/biblioteca-digital-para-ies/>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

E, com relação ao critério de redução de custos, o principal argumento é que manter uma plataforma digital é mais barato do que manter uma instituição física (ver Figura 81).

Figura 81 - Biblioteca digital para empresas.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

A Plataforma Minha Biblioteca justifica também a redução de custos por meio de baixo investimento que a IES terá em um acervo digital e não físico, pois não terá gastos com energia, colaboradores, limpeza, manutenção e outros. Por isso, a Figura 82 demonstra que a própria plataforma expõe que as instituições que aderem aos seus serviços consideram “*uma biblioteca digital uma solução bem mais econômica e vantajosa do que construir e manter um acervo físico*”.

Figura 82 – A plataforma demonstra o baixo investimento em aderi-la.

Baixo investimento

Construir uma biblioteca e ainda adquirir uma boa quantidade de livros de referência para preencher as prateleiras não é barato.

Por mais que muitos dos livros sejam doados, a biblioteca física possui diversos outros custos, como: manutenção, energia, funcionário, limpeza e entre tantos outros.

Esse é um dos motivos que levam as instituições a considerar uma **biblioteca digital** uma solução bem mais econômica e vantajosa do que construir e manter um acervo físico.

Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/blog/biblioteca-digital/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

A plataforma demonstra, abaixo, várias vantagens comerciais (ver Figura 83), dentre elas estão inseridas o incentivo a formação de suas equipes, aumento do acesso à informação, facilidade na busca de livros por trechos, redução de custos com os livros físicos e um aumento significativo na satisfação dos colaboradores.

Figura 83 - Vantagem em aderir à plataforma.



Fonte: <https://minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

Foi possível observar que ambas as plataformas promovem discursos solucionistas, vinculados a racionalidade neoliberal. Laval e Dardot (2016), em sua obra *“A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade Neoliberal”*, argumentam que o neoliberalismo não é apenas uma teoria econômica que promove o livre mercado, mas também uma ideologia que procura impor sua lógica como uma forma de vida e uma ordem moral. Para eles, o neoliberalismo não é apenas sobre políticas econômicas, mas também sobre uma visão de mundo que influencia normas sociais e valores.

O termo "racionalidade" refere-se à lógica ou ao conjunto de princípios que guiam o pensamento e a ação. No contexto do neoliberalismo, essa racionalidade é

orientada pelo princípio da concorrência. Isso implica que, de acordo com a visão neoliberal, a competição é fundamental para a eficiência econômica e o sucesso social.

Também, consolidar-se nas instituições da sociedade sugere que o neoliberalismo procura se tornar parte integrante das estruturas e práticas sociais existentes. Isso pode envolver influenciar políticas governamentais, sistemas educacionais, meios de comunicação e outros aspectos institucionais.

O porvir parece estar em suspenso. Vivemos um momento estranho, desesperante e inquietante, em que nada parece possível. O porquê não tem nenhum mistério; não se deve a nenhuma eternidade do capitalismo, mas sim ao fato de que ele não enfrentou ainda obstáculos suficientes. O capitalismo continua exibindo sua lógica implacável, ainda que a cada dia demonstre sua temível incapacidade para trazer solução para a crise e para os desastres que engendra (Laval; Dardotardot, 2016, p. 15).

O neoliberalismo busca não apenas moldar as estruturas sociais, mas também influenciar o comportamento e a consciência das pessoas. Isso pode incluir a promoção de valores como individualismo, empreendedorismo e a ideia de que o sucesso individual é alcançado através da competição no mercado.

Essa visão crítica do neoliberalismo destaca a amplitude de sua influência na sociedade, indo além da esfera econômica para impactar a governança, instituições e até mesmo a forma como as pessoas percebem a si mesmas e ao mundo ao seu redor. Assim, este tipo de vertente corrobora com o que foi apresentado aqui nesta análise com relação as plataformas digitais.

Morozov (2020) destaca o problema de uma crença excessiva na capacidade da tecnologia de resolver todos os problemas humanos. Ele aponta para uma falha na abordagem de alguns líderes ou especialistas do setor tecnológico, que presumem que os algoritmos são infalíveis e representam a verdade de maneira incontestável. Essa perspectiva pode levar a uma falta de consideração para métodos de reforma ou correção de dados.

Além disso, parece sugerir que a confiança cega na tecnologia, sem espaço para questionamento ou aprimoramento contínuo, pode ser problemática. Ele destaca a importância de não apenas adotar novas tecnologias, mas também desenvolver métodos robustos para avaliar e corrigir possíveis erros ou vieses nos algoritmos. Sendo assim, reflete uma preocupação crítica sobre a visão simplista de que a tecnologia, por si só, pode resolver todos os problemas, alertando para a necessidade

de abordagens mais reflexivas e responsáveis no desenvolvimento e implementação de soluções tecnológicas.

É interessante destacar que este contexto visualizado nas análises e demonstradas por meio do solucionismo tecnológico de caráter pedagógico, institucional e comercial trabalhado pelas plataformas digitais, também estão ligados a lógica dos EC, haja vista que exploram as modificações de práticas sociais, tal qual está ocorrendo nas bibliotecas por meio da plataformização. Portanto, os EC apontam por meio da visão de Grossberg (2009) o seu objetivo de projeto pedagógico, a qual descola-se do processo do indivíduo particular para algo mais amplo e que perpassa a sociedade de forma geral, tornando-se mais complexa e agindo sobre as identidades e diferenças.

Assim, os EC demonstram a investigação e a própria formação social a qual está ligada a pesquisas na área da cultura, porém, não se restringem apenas a ela, mas sim estão também atrelados a educação. Isto porque, a cultura não pode ser visualizada apenas por si, mas está ligada as realidades sociais concretas dentro das quais ela participa e se manifesta. Por isto, as bibliotecas não podem ser visualizadas de forma restrita e sim acompanhar todo o seu percurso histórico e de práticas sociais que estão sendo evidenciadas no tempo presente.

Além do mais, torna-se interessante destacar que independente do lugar em que estas bibliotecas se encontram – sejam tradicionais ou digitais – estão produzindo aprendizagem já que agem como locais pedagógicos e estão atreladas as pedagogias culturais, conforme o conceito de [Andrade e Costa \(2015\)](#). Assim, a perspectiva de pedagogias culturais auxilia na compreensão da pedagogia em seu sentido mais amplo, “interagindo com uma variedade de espaços sociais, relações, rotinas e discursos, e estimulando a reflexão sobre as funções educativas das práticas culturais”(WATKINS *et al.*, p. 2).

6 REFLEXÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, em nenhum momento, postulei contra a aderência ou utilização de plataformas digitais ou de quaisquer recursos, ferramentas, estratégias ou, até mesmo, acepções pedagógicas ligadas às tecnologias digitais, pois, quando estão estruturadas e alinhadas a projetos pedagógicos fundamentados, as plataformas digitais podem ser capazes de fortalecer a aprendizagem dos alunos contemporâneos.

Neste sentido, corroboro com esta afirmação apresentando que a ausência de políticas públicas contribui para que estas plataformas entrem no cenário atual e atuem na modificação de práticas sociais e culturais, haja vista que as empresas voltadas a este nicho de tecnologia omitem os dados dos usuários que utilizam de plataformas.

Por outro lado, minha intenção, por meio das análises desenvolvidas ao longo desta tese, foi refletir, de maneira crítica, sobre os discursos e as representações que articulam as bibliotecas, as plataformas digitais e o Ensino Superior, e como essas discursividades estão relacionadas com o solucionismo tecnológico, o qual se manifesta, no caso as chamadas bibliotecas digitais pelas autorrepresentações das plataformas analisadas nesta tese, em três dimensões: pedagógica, institucional e comercial, que são capazes de agir na produção das identidades e subjetividades dos sujeitos contemporâneos.

Para realizar as análises, recorri às plataformas digitais Minha Biblioteca e *Pearson*, conforme mencionado ao longo do texto, por meio de 203 capturas de telas na primeira plataforma e, na segunda, 100 telas. Nessas capturas de tela, foi possível verificar que as plataformas se alinham aos discursos solucionistas por meio de estratégias de *marketing*. Frente a isto, as plataformas digitais se posicionam no mercado sustentando a retórica e o discurso de que são capazes de resolver, se não na totalidade, em parte significativa, os problemas da educação; dito de maneira mais simples, elas se alinham com o discurso do solucionismo tecnológico para a educação.

Outra questão evidente e significativa do solucionismo é que as empresas que investem em tecnologias podem acumular um grande poder de governança e influência na sociedade, contribuindo para implicações negativas diante da competição do mercado e até mesmo para a democracia. Assim, através do

solucionismo pedagógico, institucional e comercial, as organizações visam dominar comercialmente o setor educacional.

Nesse sentido, o solucionismo também poderá impactar sobre questões éticas, através da utilização indevida de dados dos usuários de plataformas digitais, bem como sobre questões de privacidade e manipulação de informações para fins comerciais, que Van Dijck; Poell; Waal (2018) denominam de datificação.

Para realizar as análises, busquei fundamentação nos estudos de Mozorov (2018; 2020), mais especificamente, no solucionismo tecnológico. A partir da pandemia da COVID-19, intensificou-se o uso das tecnologias, favorecendo o acesso à informação pautado em aplicativos inovadores, como as plataformas digitais. Ao mesmo tempo que auxilia, por outro lado, as restringe a uma vigilância digital, por meio da datificação, conforme já destacado.

Durante as análises, ficaram evidentes duas concepções relevantes: 1) os problemas da educação são mais amplos e envolvem questões sociais e econômicas, o que esses recursos (plataformas digitais) não são capazes de resolver; 2) essas plataformas estão alinhadas com a lógica neoliberal, com o capitalismo de plataforma, os quais reduzem a educação a um tipo de mercado.

A primeira concepção aponta as plataformas como um universo menor frente aos inúmeros problemas educacionais, tais como o analfabetismo digital, a dificuldade de inserção das plataformas digitais nas instituições públicas, muitas vezes, por falta de recursos financeiros para a disponibilização de acesso a elas. A utilização das plataformas digitais também reflete outros problemas educacionais, como a precarização de profissionais que atuam na educação, tais como bibliotecários e professores, refletindo em baixas remunerações. Isto traz questionamentos como: É indicado pensar na extinção dessas duas profissões em um futuro próximo? O humano pode ser substituído pelas tecnologias?

Já, no segundo argumento, ficou evidente que a lógica neoliberal adentra fortemente nas bibliotecas, estimulando o capitalismo de plataformas por meio de discursos que não estão sendo embasados em pesquisas empíricas na educação, que comprovem que o aluno aprende melhor do jeito que as plataformas colocam em seus discursos. Portanto, o que se tem é o alinhamento das instituições com essas plataformas por meio de modelos de negócios, não sendo um Projeto Pedagógico (PPP) criado por profissionais da educação, mas sim pela lógica capitalista do que se vende no mercado atual.

O que se evidencia é que esses profissionais são chamados apenas para ajudar, porém, não é algo pensado por educadores como projeto político e de Estado, exclusivamente é um projeto de negócios, partindo da perspectiva empresarial. Frente a tal situação, me questiono: será que vamos deixar na mão dos empresários decidir todas as políticas educacionais?

Acredito que, nesta tese, desenvolvida com o suporte dos Estudos Culturais em Educação, foi possível um olhar crítico diante da utilização das plataformas digitais na educação, voltadas ao cenário das bibliotecas ou mesmo autorrepresentadas pelas plataformas como bibliotecas digitais. As potencialidades pedagógicas voltadas a qualidade, quantidade e diversidade (por área) do acervo e facilidade para o acesso; as potencialidades institucionais ligadas ao processo de preparação/vantagens para o MEC e impacto positivo da avaliação positiva pelo MEC; e, potencialidades comerciais inseridas nos aspectos de satisfação do cliente, evasão de alunos e, redução de custos apontaram que são inúmeras e inegáveis visando a proposta do capitalismo no contexto neoliberal.

Porém, é necessário ter cautela e prudência diante da inserção dessas plataformas por parte dos educadores e bibliotecários e até mesmo das IES que irão aderir às mesmas, pois, como demonstrado ao longo das análises, a sua mera aplicação não é capaz de fortalecer uma educação de qualidade e, em contrapartida, reproduz e fortalece os discursos que atendem às prioridades do neoliberalismo.

A partir deste contexto, acredito que a plataformização das bibliotecas está impactando minha área de formação, tanto da Biblioteconomia quanto a docência, pois ao me deparar com as teorizações para a constituição da tese, pude observar o quanto a tecnologia vem modificando diversas práticas sociais e culturais dessas profissões, haja vista que grande parte do que fazíamos antes ou que aprendemos no início da graduação modificou bastante e ainda irá modificar a prática de trabalho dessas carreiras que estão acompanhando o contexto do neoliberalismo, modificando a lógica de mercado.

Neste sentido, acredito que com a inserção das plataformas digitais voltadas às bibliotecas o impacto é significativo no que expõe a prática da leitura, de empréstimos e devoluções de obras no meio digital e até mesmo evidenciar como os dados dos usuários e até mesmo de nós profissionais da educação são utilizados pelos empresários de plataformas. Assim, como profissional ao mesmo tempo que irei utilizar estas plataformas no desenvolvimento de minhas atividades laborais, também

terei que sempre fixar o olhar crítico sobre as consequências que expõem para o mundo contemporâneo e reflito: o que será dos profissionais bibliotecários e professores com a atuação presente e constante destas plataformas digitais?

REFERÊNCIAS

ALVES, Mariana de Souza; SALCEDO, Diego Andres. Esclarecimento na Idade Média: o livro e sua transmutação. **Ágora**, Florianópolis, v. 27, n. 55, p. 501-522, jul./dez, 2017.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, Canoas, v.17, n.34, p.48-63, mai./ago. 2015.

ASSUNÇÃO, R. V.; REIS, C. A. M. O futuro das bibliotecas pós-google books. **Data Grama Zero**, v. 13, n. 6, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7962>. Acesso em: 14 ago. 2022.

ARAÚJO, J. C. A conversa na Web: o estudo da transmutação em um gênero textual. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs). **Hipertextos e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ARMSTRONG, C.; LONSDALE, R. Introduction. *In*: PRICE, K.; HAVERGAL, V. (ed.). **E-books in libraries**: a practical guide. London: Facet, 2011.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2011.

BARBIER, Frédéric. **História das bibliotecas**: de Alexandria às Bibliotecas Virtuais. São Paulo: Edusp, 2018.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BATANY, Jean. Escrito/oral. *In*: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 383-395.

BATTLES, Mathew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.

BELO, André. **História & livro e leitura**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BIBLIOTECA HUMANITAS. **Biblioteca Digital Mundial**. 2018. Disponível em: <https://faculdadeam.edu.br/biblioteca-humanitas/detalhes/212/biblioteca-digital-mundial>. Acesso em: 03 jan. 2024.

BONIN, Iara Tatiana et al. Por que Estudos Culturais? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.45, n.2, jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/4CVWx8PQzcSbQwN7WNRGhQr/?lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BRANDÃO, Sílvia Sgroi. Indivíduo e modernidade: algumas reflexões necessárias. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL ESCRITAS DA HISTÓRIA: VER, SENTIR E NARRAR, 6., 2012. **Anais [...]**, Piauí, 2012. Disponível em:

<http://gthistoriacultural.com.br/Vlsimposio/anais/Silvia%20Sgroi%20Brandao.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2022.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jahar, 2006.

BRITO, S. O metaverso chega ao Brasil: Com investimentos em NFTs e mundos virtuais, startups tomam a dianteira e inauguram o metaverso em solo brasileiro. **Veja**, São Paulo. 2010. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/o-metaverso-chega-ao-brasil/>. Acesso em: 13 out. 2022.

BURKE, P. **Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: UNESP, 2010.

CABRAL, Rosimeire Mendes. **Bibliotecas de Alexandria: usos políticos da memória e do esquecimento**. 110 f. 2015. Tese (Doutorado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

CARMO, Fabiana Mendonça; MACHADO, Luciana Mota; MENEZES, Toni Domingos Oliveira de. **A escrita virtual e sua interferência na escrita convencional**. 2016. Disponível em: https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_02-2.pdf. Acesso em: 16 fev. 2022.

CARIBE, Rita de Cássia do Vale. A biblioteca especializada e o seu papel na comunicação científica para o público leigo. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 10, n. 1, p. 181-203, 2017.

CASTRO, C. A. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

CASTRO, F. F.; SANTOS, P. L. V. A. C. Bibliotecas digitais: aspectos no âmbito da representação e padronização de recursos informacionais. **Questão em rede**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/handle/123456789/85?show=full>. Acesso: 16 ago. 2020.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2.ed. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CORDÓN, José Antonio. **La revolución del libro electrónico**. Barcelona: El Ciervo 96, 2011.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação - Cultura, culturas e Educação**, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003.

COSTA, Rebeca Soler et al. Aprendizagem personalizada e adaptativa: prática educativa e impacto tecnológico. **Texto Livre: linguagem e tecnologia**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, e33445, 2021.

CRIPPA, Giulia. Um bibliotecário em sua biblioteca. **Memorandum**, 7, p. 47-57, 2004. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/artigo04.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

CUNHA, M. B. Desafios na construção de uma biblioteca digital. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 257-268, set./dez. 1999. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/829>. Acesso: 16 ago. 2020.

DARTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DI LUCCIO, Flavia. **As múltiplas faces dos blogs: um estudo sobre as relações entre escritores, leitores e textos**. 60 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DOMINGOS, Glaucia Regina Santos. O princípio da escrita. **Revista Digital do Curso de Letras**, n. 30, 2020.

DU GAY, P. et al. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman**. Londres: Sage, 1997.

ESCARPIT, Robert. **A revolução do livro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1976.

FISHER, Steven R. **História da escrita**. Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FISCHER, Steven R. **História da leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983.

FRANCO JR, Hilário. **A Idade Média - Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREITAG, R.M.K.; FONSECA E SILVA, M. Uma análise sociolinguística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino de língua portuguesa. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 15, 2006. Disponível em: http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/freitagfonseca_%20e_silva.pdf. Acesso em: 16 fev. 2022.

GARCEZ, Lucília H. do Carmo. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. **Revista Eptic**, v. 22, n. 1, jan./abr. 2020.

GROSSBERG, Laurence. El Corazón de los Estudios Culturales: contextualidad, construccionismo y complejidad. **Tabula Rasa**, Bogotá, Colombia, n. 10, p. 13-48, jan./jun. 2009.

GUSMÃO, F. C. M. et al. Elementos de arquitetura da informação no Repositório Eletrônico Institucional da UFPB. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, v. 1, p. 1–21, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/12282>. Acesso em: 3 jan. 2024.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HENRIQUE, Bruna Rosa; WEBER, Miriam Simone Wingert. Das cavernas à era digital: a evolução da escrita “Projeto de pesquisa sobre a evolução da escrita e letramento na educação infantil”. **Saberes em Foco Revista da SMED NH**, v.3, n.1 ago. 2020.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Tradução Marcos Marcionilio. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 45-75.

JACOB, Christian. Prefácio. In: JACOB, Christian; BARATIN, Marc. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no ocidente. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

LABARRE, Albert. **História do livro**. Tradução de: Maria Amanda Torres e Abreu. São Paulo: Cultrix, 1981.

LANGLOIS, G. et al. “**Mapping Commercial Web 2.0 Worlds**: Towards a New Critical Ontogenesis.” *Fibreculture*, v. 14, p. 1-14, 2009.

LAVAL, C. **A Escola não é uma empresa**: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

LEVACOV, Marília. **História do livro**. 1997. Disponível em: <http://www.levacov.eng.br/marilia/historialivro.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2022.

LITTON, Gâston. Incunables. *In*: _____. **Del libro y su historia**. Argentina: Bowker, 1949. p. 74-83.

LOTHERINGTON, Heather; XU, Yejun. Como bate-papo em inglês e chinês: emergentes convenções de linguagem digital. **RECALL**, v. 16, n. 2, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpe/v22n1/v22n1a04.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2022.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MACEDO, Thiago Sylva. **O livro, como suporte da escrita**: evolução e tendências atuais. 57 f. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade de Brasília, 2011.

MACHADO, Adriane Iansen. **Atualização de conteúdos de livros eletrônicos no Brasil**: atitudes do mercado editorial brasileiro. 2013. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação) – Universidade Federal do Paraná, 2013.

MANGUEL, A. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Companhia das Letras, 2004.

MARCHIORI, Patrícia Zeni. "Ciberteca" ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 26, n. 2, p.115-124, maio/ago. 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO A. P.; MACHADO A. R.; BEZERRA M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005 p. 19-36.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1996.

MAYER-SCHÖNBERGER, V.; CUKIER, K. **Big Data**: A Revolution That Will Transform How We Live, Work, and Think. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

MEDEIROS, Ana Ligia. As bibliotecas na antiguidade. **Memória e Informação**, v. 3, n. 2, p. 69-85, jul./dez. 2019.

MENEZES, Estera M.; COUZINET, Viviane. O interesse das revistas brasileiras e francesas de biblioteconomia e ciências da informação pela revista eletrônica no período 1990-1999. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 278-285, set./dez. 1999. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/831>. Acesso em: 07/04/2016.

MEIRA, Cefas Alves. **Tablets (leitores digitais) e os e-books: o livro impresso está com os dias contados?** 29 f. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Estratégica) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MINÉRIO, Márcia; SILVA, Mara A. Alves da; FERREIRA, Lúcia Gracia. Pesquisa qualitativa e quantitativa: imbricação de múltiplos e complexos fatores das abordagens investigativas. **Revista Momento – diálogos em educação**, v. 31, n. 3, p. 201-218, set./dez., 2022.

MORAIS, Luan Lucas A.; CARDOSO, Gleudson; PASSOS, Gleudson. **História medieval e cultura escrita: possibilidades da pesquisa na historiografia cearense**. 2017. Disponível em:

https://www.academia.edu/37006457/HIST%C3%93RIA_MEDIEVAL_E_CULTURA_ESCRITA_POSSIBILIDADES_DA_PESQUISA_NA_HISTORIOGRAFIA_CEARENSIS. Acesso em: 29 jan. 2022.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB**, v. 10, n. 2, p. 189-206, jan. 2005.

MOROZOV, E. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOROZOV, E. **Solucionismo, nova aposta das elites globais**. Trad. Simone Paz. Ribeirão Preto: Outras Palavras. 2020. Disponível em:

<https://outraspalavras.net/tecnologiaem-disputa/solucionismo-nova-aposta-das-elites-globais/>. Acesso em 29 mar. 2020.

NEVES, Alessandra Karyne Clemente de Souza et al. A interação dos e-books das plataformas Biblioteca Virtual Pearson e Minha Biblioteca ao acervo corrente da UNICAMP. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 29., 2022. **Anais [...]**, 2022.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt; PRADO, Noêmia Schoffen. Bibliotecas virtuais e digitais: análise de artigos de periódicos brasileiros (1995/2000) **Ci.Inf.**, Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 61-74, jan./abr. 2002.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 140 p.

PAULA, Lorena Tavares de. Economia da atenção e as bibliotecas: ensaio sobre o papel das bibliotecas em um mundo plataformizado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 29., 2022. **Anais [...]**. 2022.

PEREIRA, Edmeire Cristina; RUTINA, Raquel. O século XXI e o sonho da biblioteca universal: quase seis mil anos de evolução na produção, registro e socialização do conhecimento. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 5-19, jan./jun. 1999.

PERES, J. A. C. O Solucionismo Tecnológico como Suporte Educacional Pós Covid-19. **MIMESIS**, Bauru, v. 43, n. 1, p. 57-67, 2022.

PIMENTA, Laura Nayara; HENRIQUES, Márcio Simeone. Representações sociais do mundo Dev: indústria da solução e empreendedorismo. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, SP, v. 23, n. 52, p. 34 -47, 2022.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 22, n. 1, jan./abr. 2020.

POZZER, Katia Maria Paim. Escritas e escribas: o cuneiforme no Antigo Oriente Próximo. **Clássica**, São Paulo, v. 11/12, n. 11/12, p. 61-80, 1999.

PUNTONI, P. As bibliotecas digitais e a sociedade da informação: perspectivas para as bibliotecas digitais no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.80, p. 44-53, dez./fev. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13714>. Acesso em: 13 out. 2022.

QUEIROZ, Rita de C. R. **A informação escrita**: do manuscrito ao texto virtual. 2005. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a_info_escrita.pdf Acesso em: 05 fev. 2023.

RAMOS, F. P. História do analfabetismo no Brasil. **Para entender a história**, São Paulo, v.1, 2010. Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2010/12/historia-doanalfabetismo-no-brasil.html?m=1>. Acesso em: 09 out. 2021.

RASTELI, Alessandro. **Mediação cultural em bibliotecas**: contribuições conceituais. 275 f. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, Marília, SP, 2019.

REIMÃO, Sandra. **Observações sobre a história do livro**. 2004. Disponível em: <http://escritoriadolivro.com.br/historias/sandra.html>. Acesso em: 12 nov. 2014.

REIS, Caroline Kirsten. **História da escrita**: uma contextualização necessária para o processo de alfabetização. 2019. 58 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso) - Universidade Federal de Uberlândia (MG), 2019.

RIBEIRO, Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (orgs.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília, DF: IPEA, 2016.

RIVAS, Axel. A plataformização da educação: uma estrutura para mapear as novas direções dos sistemas híbridos de educação. **Reflexão em Andamento**, n. 46, maio. 2021.

ROCHET, J. C.; TIROLE, J. "Two-Sided Markets: A Progress Report." **RAND Journal of Economics**, v. 37, n. 3, p. 645-667, 2006.

RODRIGUES, Marcos Henrique Camargo. Gutenberg e o letramento do Ocidente. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 1, n. 1, ago./dez. 2012.

RODRIGUES, Eduardo Santos Junqueira. Estudos de plataforma: dimensões e problemas do fenômeno no campo da educação. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 26, p. 1-12, 2020.

ROSA, Daniele Achilles Dutra da. **Bibliotecas públicas brasileiras: sob a perspectiva da memória e experiência**. Rio de Janeiro, 2018.

SAMARAN, Charles. **A história e seus métodos**. Editora: Gallimard, Paris, 1973.

SAMPAIO, Adovaldo Fernandes. **Letras e memória: uma breve história da escrita**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

SANTA ANNA, Jorge. O bibliotecário em face das transformações sociais: de guardião a um profissional desinstitucionalizado. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 138-157, jan./abr., 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5026066>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SANTOS, Adelcio Machado dos. Gutenberg: a era da imprensa. **Percepções**, Caçador-SC, v. 1, n. 1, jan./jun. 2012b.

SANTOS, Josiel Machado. O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v.8, n.2, p. 175-189, jul./dez. 2012a.

SANTOS, Iara Edilene Santos e; SANTOS, Eniel do Espírito. Ebook – buscando compreender o leitor da pós-modernidade. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006. **Anais [...]**. Brasília, DF: UNB, 2006.

SANTOS, Maria Wellita Bezerra dos et al. Biblioteca digital: seleção e aquisição da plataforma Minha Biblioteca na UFRPE. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS, 2022. **Anais [...]**, 2022.

SAYÃO, Luís Fernando; SALES, Luana Farias. Curadoria digital e dados de pesquisa. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 67-71, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/49708>. Acesso em: 03 jan. 2024.

SHAPIRO, C.; VARIAN, H. R. **A economia da informação**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SIVAMUNI, K.; BHATTACHARYA, S. "**Assembling pieces of the MOOCs jigsaw puzzle**". Innovation and Technology in Education (MITE), 2013.

SILVA, F. C. G. **Acessibilidade e inclusão digital**. Indaial: Uniasselvi, 2019.

SILVA, T.T. **O currículo como fetiche**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SIEMENS, G. "**Massive Open Online Courses: Innovation in Education?**". Commonwealth of learning, Perspectives on Open and Distance Learning: Open Educational Resources: Innovation, Research and Practice, 2013.

SOUSA, Maria de Fátima da Conceição **A biblioteca e o bibliotecário na era Antiga, na Idade Média e na Atualidade**. Faculdade de Biblioteconomia, UFPA: Belém, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/237/235>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUZA, Clarice Muhlethaler de. Biblioteca: uma trajetória. *In*: CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA, 3., 2005. Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro, 2005.

SOUZA, Laís Andrade; SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco dos; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. Cronologia visual da tipografia: do surgimento da escrita à Idade Média. *In*: SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE, 11., 2015. **Anais [...]**, Feira de Santana, BA: UEFS, 2015.

SUAREZ, Rosana. Nota sobre o conceito de bildung (formação cultural). **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 112, P. 191-198, dez. 2005.

SUBBIAN, V. "**Role of MOOCs in integrated STEM education: A learning perspective**". Integrated STEM Education Conference (ISEC),IEEE, p.1-4, 2013.

TANUS, Gabrielle Francinne. Da prática à produção do conhecimento: bibliotecas e biblioteconomia pré-científica. **RDBCI: Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf. Campinas**, SP, v.16, n.3, p. 254-273, set./dez. 2018.

TOJAL, Manuel Diamantino. Comunicação Digital: novos usos da escrita e sua projeção no texto publicitário. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 27, p. 164-187, 2013.

TRENTINI, C. M. et al. (2009). Correlações entre a EFN - Escala Fatorial de Neuroticismo e o IFP -Inventário Fatorial de Personalidade. **Avaliação Psicológica**, v. 8, n. 2, p. 209-217, 2009.

VAN DIJCK, J. **The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media**. New York: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn. **The platform Society: public values in a connective world**. USA: Oxford, 2018.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

VRIES, M. J. **Teaching about technology: an introduction to the philosophy of technology for non-philosophers**. Eindhoven: Springer, 2005.

UNESCO. **Organization records of the general conference: resolutions**. 3.ed. Paris, 1964. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000114581_eng#page=144. Acesso em: 27 dez. 2021.

WACHOWICZ, M.; VIRTUOSO, B. B. A gestão coletiva dos direitos autorais e o streaming. **Revista P2P e INOVAÇÃO**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p.4-17, set./fev. 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44300>. Acesso em: 20 fev. 2020.

WATKINS, Megan et al. **Pedagogy and Human Conduct**. London: Routledge, 2015, p.1-16.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica. *In*: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. O uso do termo representação na educação em ciências e nos Estudos Culturais. **Pro-Posições**, v. 12, n. 1, mar. 2001.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. *In*: BRUNO, Fernanda. et al. (org.). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018.